



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS  
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MAGNÓLIA RAMOS DE OLIVEIRA

MORTE E MORTIFICAÇÃO SOCIAL:  
Uma Análise das Transformações Sociais do Luto em uma Comunidade  
Popular Católica

CAMPINA GRANDE - PB



**MAGNÓLIA RAMOS DE OLIVEIRA**

**MORTE E MORTIFICAÇÃO SOCIAL:  
Uma Análise das Transformações Sociais do Luto em um Comunidade  
Popular Católica**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande (UFCEG), como requisito obrigatório para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais.

**Linha de Pesquisa:** Gênero, Geração e Contemporaneidade

**Professor Orientador:** Ronaldo Laurentino de Sales Júnior, Dr.

**CAMPINA GRANDE – PB  
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

O48m

Oliveira, Magnólia Ramos de.

Morte e mortificação social : uma análise das transformações sociais do luto em uma comunidade popular católica / Magnólia Ramos de Oliveira. – Campina Grande, 2017.

154 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2016.

"Orientação: Prof. Dr. Ronaldo Laurentino de Sales Júnior".

Referências.

1. Morte - Luto. 2. Mortificação. 3. Luto – Espaço de Reintegração Social – Processo de Ressignificação. I. Sales Júnior, Ronaldo Laurentino de. II. Título.

CDU 316.4:21/29(043)

MAGNÓLIA RAMOS DE OLIVEIRA

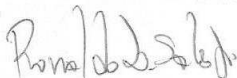
**MORTE E MORTIFICAÇÃO SOCIAL:**  
**Uma Análise das Transformações Sociais do Luto em uma Comunidade Popular Católica**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como requisito obrigatório para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais.

**Linha de Pesquisa:** Gênero, Geração e Contemporaneidade

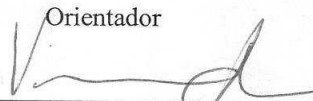
Aprovada em 16 / dezembro / 2016.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Prof. Dr. Ronaldo Laurentino de Sales Júnior  
Orientador



---

Prof. Dr. Vanderlan Francisco da Silva  
Examinador Interno



---

Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio  
Examinador Externo

---

Prof. Dr. José Maria de Jesus Izquierdo Villota  
Suplente

**CAMPINA GRANDE – PB**  
**2016**

*Se quiseres poder suportar a vida, fica pronto  
para aceitar a morte.*  
**(Sigmund Freud, 1996)**

*Gritem de alegria, ó céus,  
regozije-se, ó terra;  
irrompam em canção, ó montes!  
Pois o Senhor consola o seu povo  
e terá compaixão de seus afligidos.*  
**(Isaías 49:13)**

Àqueles que, diariamente, têm  
ressignificado e transformado as chagas de  
de “mortes”.

Dedico!

## AGRADECIMENTOS

*Diariamente eu chego a simples conclusão de que a vida é tão maravilhosa porque também é feita de colos, de feridas que cicatrizam, de amigos que celebram ou choram junto, de café coado com coador de pano, de gente que pega ônibus ou faz caminhada pela manhã, de quem planta o que se pode comer, de vizinhos que alimentam seus gatos com comida de gente. Que a vida é feita de algumas pessoas que direcionam todo o seu potencial criativo para melhorar a qualidade de vida de gente que eles nem conhecem. Que é feita de e-mails que chegam recheados de saudade e de cartas extraviadas solitárias numa gaveta de um correio qualquer. De muros e pontes e cais. De aviões que suprimem distâncias e de barcos que chegam. De bicicletas que atravessam cidades. De redes que balançam gente. De rostos que recebem beijos. De bocas que beijam. De mãos que se dão. Que existem pessoas altamente gostáveis, altamente rabugentas, altamente generosas, pessoas distraídas que perdem as coisas, mal-educadas que buzina sem necessidade, pessoas conectadas que se preocupam com o lixo, pessoas sedutoras e seduzíveis, possíveis e impossíveis, pessoas que se entregam, pessoas que se privam, pessoas que machucam, pessoas que chegam pra curar desencadeadores de poemas, de sorrisos, de lições de vida que ficarão guardadas para sempre ... A vida é tão maravilhosa porque ela nos compensa com ela mesma.*

(Marla de Queiroz – Gratidão)

E por tantos alegrias e boas pessoas que a vida me aproximou, gostaria de agradecer...

**Deus** que me deu força, coragem e paciência para vencer os desafios possíveis, conforto e acalento para aceitar os que não foram possíveis, afago e consolação para os dias difíceis, rejubilo para os dias bons.

À minha **Mãezinha Santíssima**, por cuidar de mim.

À minha **família** por ouvir e buscar entender nos momentos de aflição. Eu sabia que poderia contar das mais variadas formas. Aos meus pais **Maria José** e **Francisco das Chagas** por serem acalento, suporte e proteção, meus irmãos **Maricelle**, **Francimar** e **Francilene**, por serem cuidado, diversão e o mais contínuo apoio. Meus pequenos sobrinhos **Franklin** e **Cauan** que me ensinam nas suas brincadeiras que a vida é boa pela simplicidade e leveza.

Ao professor e orientador **Ronaldo Sales** por aceitar esse desafio, e auxiliar na delimitação, recortes e caminhos possíveis. Por ensinar o que é ser pesquisador, e ajudar a superar os desafios de campo. Obrigada pela coragem e toda ajuda.

Ao grupo de pesquisa **SOCIATOS**, pelo apoio, por serem estímulos iniciais para esse trilhar de nova pesquisa.

Aos meus amigos que nunca abandonam e dão sentido e alegria nas aflições **Lorena Bandeira** e **Gilliard Oliveira**, nunca nos abandonemos. E aos que foram presenças agradáveis e acalentadoras nas horas de calma ou inquietação: **Davi Bastida**, **Rayanne Chagas**, **Hallyson Alves**, **Equipe Equilibrium**, **Espaço Mosaico**, **Rudá Aranha**, **Pedro**

**Augusto**, ao Ministério de Música **Cor Sonus**, e a todos que de maneira direta ou indireta acolheram e foram suavidades em dias turbulentos.

Às pessoas gentis e disponíveis que encontrei no caminho como pesquisadora. Obrigada por darem ânimo, entusiasmo e mostrar que ainda existe a bela boa vontade e alegria em ajudar. Todos os **entrevistados** dessa pesquisa, a todos que indicaram, acompanharam, e de alguma maneira contribuíram para o acontecimento dessa pesquisa.

Aos **professores** que foram exemplos e diretrizes na construção e discussão de todo o saber apreendido durante esse mestrado. Obrigada pelo conhecimento adquirido.

Ao professor **Vanderlan da Silva** pelo estímulo trazido desde o início dessa pesquisa, pelas palavras gentis e todo o ensinamento que me destinou desde o meu ingresso ao programa de pós-graduação. Verdadeiramente, és um exemplo de profissionalismo e amor pelo ensino e pesquisa.

Ao professor **Edmundo Gaudêncio** pela aceitação ao convite como avaliador externo, e todos os valores ensinados na graduação de psicologia. Um professor que transmite ao alunado entusiasmo e interesse pelos conteúdos ensinados.

Ao professor **Jesus Izquierdo** pelo acompanhamento e orientação no primeiro ano de curso, pelo ensinamento da estruturação acadêmica, disciplina e coragem nas buscas desafiadoras.

Se incorri em alguma omissão, registro, mesmo assim, os agradecimentos aos **atores invisíveis** que subsidiaram primorosamente neste desafio!

**À todos vocês, o meu muito obrigada pelo carinho e pela compreensão.**

## O FILHO DA MORTE

Nessa pesquisa  
Eu fui abraçada pela Morte,  
Mas não morri, ao contrário,  
Nunca me senti com tanta sorte.

Nesse abraço ela sussurrou  
Que sofria preconceito,  
Por causa do desconhecimento  
Todo sujeito evitou a conhecer.

E me convidou a conversar.  
Falou que a dor é só uma perspectiva,  
Somente um lado da narrativa  
Mais difundido para dela mal pensar.

Falou que com a Vida tem familiaridade  
Mas que por briga uma só aparece quando a outra já está de saída.  
Mesmo sendo a Morte orgulhosa, não evita “a verdade”  
E diz que sua mensagem é de mostrar que há muita beleza na Vida

Explica que há situações para sua chegada:  
Às vezes ela é convidada, inesperada  
Ou mesmo preparada e conformada  
Porém sempre se mostra gestante,  
Ela vem com a uma transformação encaminhada.

A morte deixa um filho.  
Olha só que ironia!  
Ele se chama Luto,  
E ele vem com uma intensa beleza que irradia.

Processo bonito, mas também complexo,  
Tal como a mãe, às vezes não é aceito,  
Mas com boa atmosfera ele se desenvolve,  
E quando acolhido fica no lugar daquele “perdido”.

No entanto, ele não permanece sozinho  
Com o tempo traz companheiras  
São a Saudade, Força e Reconstrução  
Entre eles há uma bonita ligação.

Mas vale lembrar que a morte deixa algo quando leva alguém,  
O menino Luto, que cabe a cada um definir a criação.  
Para alguns será também chamado Luta,  
Para outros apenas a Aflição.

Cada sujeito dá um significado com a cria da Morte  
O Luto quando está em crescimento pode dar um novo norte.  
A forma da pessoa ver o ciclo da vida se expande,  
Assim é no caso dele ser aceito e bem criado.

O menino Luto, filho da Morte  
Amadurecido dará conforto e se chamará Resignificação  
Feliz àquele que deixa ele crescer e ficar forte  
A perda bem elaborada torna o sujeito com mais orientação.



OLIVEIRA, Magnólia Ramos de. **Morte e Mortificação Social: Uma Análise das Transformações do Luto em uma Comunidade Popular Católica.** 151f. Dissertação – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2016.

## **RESUMO**

Quando se analisa a morte e suas variantes, se pensa o quanto o ator social pode transformar sua compreensão e vivência sobre sua realidade, experiência e pessoas ao redor a partir dela, como também, os processos vinculados a morte, como o luto. Nesse contexto o luto se apresenta como um espaço de reintegração social a partir da situação de ressignificação da perda. Dessa forma, esse trabalho tem como objetivo compreender quais as transformações sociais do luto consequente ao desenvolvimento urbano na cidade de Campina Grande – PB a partir da investigação na comunidade Rosa Mística. Para isso, utilizou-se de metodologia qualitativa, a partir da história oral e a aplicação de entrevistas semi-estruturadas, além de passeios pelo campo. Inicialmente foram suscitadas as seguintes hipóteses: a influência do aumento da urbanização traz como consequência o processo de diminuição dos ritos religiosos entre os fiéis católicos da comunidade popular Rosa Mística da cidade de Campina Grande - PB, e esse processo ocasiona a quebra dos vínculos entre os sujeitos e grupos em que se encontram inseridos. Como resultados se percebeu que a transformação sobre a morte e os processos de luto apareceram no contexto do espaço investigado, e que, há uma vinculação da lógica urbana nessa mudança, esse aspecto causou uma cisão dentro da realidade do grupo compreender e vivenciar os processos de morte e luto de maneira mais ampla – havendo também naquele espaço um luto individual e comunitário. A morte se expande para um contexto de mortificação quando pensado nas carências do espaço urbano que os sujeitos estão inseridos, e o luto ultrapassa a perspectiva de subjetivação, e adentra ao espaço de superação dos desafios sociais, ele se transforma também em luta. Há desejo de se reintegrar socialmente, no entanto ela também é pela via da autonomia e reivindicação de políticas públicas, ou seja, vai além da transformação interna, ela se expande buscando adequação social e quebra do estigma.

**PALAVRAS CHAVE:** Morte, Luto, Transformação, Mortificação, Luta.

OLIVEIRA, Magnólia Ramos de. **Death and Mortification: An Analysis of the Transformations of Grief in a Catholic Popular Community**. 151f. Dissertation - Federal University of Campina Grande, Campina Grande, 2016

### **ABSTRACT**

When analyzing death and its variants, one thinks about how the social actor can transform his understanding and experience about his reality, experience and people around him, as well as processes related to death, such as mourning. In this context, mourning presents itself as a space for social reintegration based on the situation of resignification of loss. Thus, this work aims to understand the social transformations of mourning consequent to urban development in the city of Campina Grande - PB from the research in the Rosa Mística community. For this, a qualitative methodology was used, based on oral history and the application of semi-structured interviews, as well as field trips. Initially, the following hypotheses were raised: the influence of increased urbanization resulted in a decrease in religious rites among Catholic faithful in the Rosa Mística community of the city of Campina Grande - PB, and this process resulted in the Subjects and groups in which they are inserted. As results it was noticed that the transformation over death and the processes of mourning appeared in the context of the investigated space, and that, there is a connection of the urban logic in this change, this aspect caused a split within the reality of the group to understand and to experience the processes of Death and mourning more broadly - there being also an individual and community mourning in that space. Death expands to a context of mortification when thinking about the deficiencies of urban space that the subjects are inserted, and grief goes beyond the perspective of subjectivation, and enters the space of overcoming social challenges, it also becomes a struggle. There is a desire to reintegrate socially, however, it is also through the autonomy and demand of public policies, that is, it goes beyond internal transformation, it expands seeking social adequacy and breaking the stigma.

**KEY WORDS:** Death, Mourning, Transformation, Mortification, Struggle.

## LISTA DE ILUSTRAÇÃO

|   |     |
|---|-----|
| <b>Foto 1</b> – Jesus Coroado de espinhos, Basílica Medieval, Bélgica | 33  |
| <b>Foto 2</b> – Via Sacra do Krizevac                                 | 34  |
| <b>Foto 3</b> – Escultura de Pietá - Miguel Ângelo                    | 55  |
| <b>Foto 4</b> – Escultura do Senhor Morto                             | 35  |
| <b>Gráfico 1</b> – Significado da Perda                               | 38  |
| <b>Foto 5</b> – Largo da Matriz Av. Mal. Floriano Peixoto 1900        | 75  |
| <b>Foto 6</b> – Largo da Matriz Av. Mal. Floriano Peixoto Atual       | 75  |
| <b>Tabela 1</b> – Formação das favelas                                | 79  |
| <b>Foto 7</b> – Comunidade Rosa Mística vista de um ponto alto        | 81  |
| <b>Foto 8</b> – Capela Rosa Mística                                   | 84  |
| <b>Foto 9</b> – Igreja de São Francisco 1950                          | 85  |
| <b>Foto 10</b> – Igreja de São Francisco Atual                        | 85  |
| <b>Foto 11</b> – Cemitério Nossa Senhora do Carmo                     | 92  |
| <b>Foto 12</b> – Comércio no Cemitério Nossa Senhora do Carmo         | 93  |
| <b>Foto 13</b> – Comércio no Cemitério Nossa Senhora do Carmo II      | 93  |
| <b>Foto 14</b> – Cemitério Nossa Senhora do Carmo I                   | 94  |
| <b>Foto 15</b> – Cemitério Nossa Senhora do Carmo II                  | 95  |
| <b>Foto 16</b> – Cemitério Nossa Senhora do Carmo III                 | 95  |
| <b>Foto 17</b> – Cemitério Nossa Senhora do Carmo IV                  | 96  |
| <b>Foto 18</b> – Varanda da casa da Informante durante a entrevista   | 105 |
| <b>Foto 19</b> – Esgoto que segue o Canal das Piabas                  | 106 |
| <b>Foto 20</b> – Altar na casa da informante                          | 132 |
| <b>Foto 21</b> – Altar na casa da entrevistada                        | 133 |
| <b>Tabela II</b> – Tipo de Luto                                       | 136 |

## SUMÁRIO

|  |                        |
|--|------------------------|
| <b>1.1. INTRODUÇÃO</b>   | <b>13</b>              |
| <b>2. : CAPÍTULO I: A DOR DO FIM: REFLETINDO A MORTE E PERDA NO CONTEXTO SOCIAL</b>  | <b>20</b>              |
| <b>2.1. “A MORTE É NECESSÁRIA PARA A PAZ DO ESPÍRITO”: A MORTE COMO UM FENOMENO HISTÓRICO E SOCIAL</b>                                   | <b>21</b>              |
| <b>2.1.2 A Morte na Dinâmica da Vida Social: A morte e o morrer</b>  | <b>27</b>              |
| <b>2.1.3. O Catolicismo e a Morte</b>  | <b>30</b>              |
| <b>2.2. A EXPERIENCIA DA PERDA A PARTIR DA MORTE COM ISSO</b>  | <b>36</b><br><b>39</b> |
| <b>3. CAPÍTULO II: SENTIDOS DO LUTO E OS RITOS SOCIAIS</b>   | <b>40</b>              |
| <b>3.1. “O LUTO É A ‘PERCA’ [sic] DO ENTE QUERIDO? NÃO SEI DIZER”:</b><br><b>SOCIEDADE DIANTE DO LUTO</b>                                | <b>40</b>              |
| <b>3.1.2 O luto no Sujeito da Psicanálise</b>  | <b>44</b>              |
| <b>3.1.3. Tragédia Trauma e Luto</b>   | <b>50</b>              |
| <b>3.2. RITOS NA VIDA SOCIAL</b>   | <b>53</b>              |
| <b>3.2.1. Ritos de Passagem nos Funerais – Ritos de Suspensão</b>  | <b>57</b>              |
| <b>3.2.2. Ritos Fúnebres no Catolicismo</b>  | <b>60</b>              |
| <b>3.2.2.1. Velório</b>  | <b>62</b>              |
| <b>3.2.2.2. Ritual das Exéquias</b>  | <b>63</b>              |
| <b>3.2.2.3. Missa de Sétimo Dia</b>  | <b>65</b>              |
| <b>COM ISSO</b>  | <b>66</b>              |
| <b>4. CAPÍTULO III: SOBRE A URBANIDADE: REFLETINDO OS CONFLITOS E DESENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE ROSA MÍSTICA NA REALIDADE CAMPINENSE</b> | <b>67</b>              |
| <b>4.1.A CIDADE E O URBANO: CONCEITOS DE DESENVOLVIMENTO</b>   | <b>68</b>              |
| <b>4.1.2. Em Campina Grande tem...</b>   | <b>74</b>              |
| <b>4.2. “AQUI ERA UMA COISA... MARAVILHA”: ROSA MÍSTICA SUA HISTÓRIA E TRANSFORMAÇÃO</b>   | <b>78</b>              |
| <b>COM ISSO</b>  | <b>90</b>              |
| <b>5. CAPÍTULO IV: COMUNIDADE ROSA MÍSTICA EM LUTO OU EM LUTA?</b>   | <b>91</b>              |
| <b>5.1. OS PRIMEIROS PASSOS DA PESQUISA</b>  | <b>92</b>              |
| <b>5.2. NARRATIVA DA CONSTRUÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO</b>   | <b>102</b>             |
| <b>5.2.1. Violência e Tráfico</b>  | <b>111</b>             |
| <b>5.3. “NA MORTE TUDO É REVELADO ”: MORTE E MORTIFICAÇÃO COMO FATOR DE TRANSFORMAÇÃO E SIGNIFICADOS DA PERDA</b>                        | <b>114</b>             |
| <b>5.4. SOBRE OS RITOS DE MORTE: A TRANSFORMAÇÃO E CELEBRAÇÃO DA TRISTEZA</b>  | <b>115</b>             |

|   |            |
|---|------------|
| <b>5.5.SOBRE UM NÃO SABER E UM SENTIR: O LUTO, UM PROCESSO DE<br/>RESSIGNIFICAR E CONTINUAR</b> | <b>127</b> |
| <b>5.6.RESPOSTAS AO LUTO</b>  | <b>135</b> |
| <b>COM ISSO</b>   | <b>141</b> |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>   | <b>142</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b>  | <b>146</b> |
| <b>ANEXOS</b>   | <b>152</b> |

## INTRODUÇÃO

Refletir a morte é buscar compreender também as variantes que a acompanham no decorrer da história. Os significados a ela atribuídos e as distintas formas de representá-la e ritualizá-la na existência do homem. Dessa forma, a morte continua em si inalterável, mas a coletividade em seu entorno entende e lhe destina um tratamento de maneiras distintas.

Na perspectiva desse trabalho, morte e morrer se diferem, sendo a primeira irreversível e destino final do morrer, e este último se definiria como o processo e a forma de se chegar à morte. Dependendo do morrer, pode-se modificar a própria maneira dos sujeitos compreenderem e significarem o processo do luto, assim como as reações e significados do perder. Nesta pesquisa o luto será identificado como um processo ressignificação dos vínculos sociais, que proporciona a reorganização dos vínculos e da subjetividade dos indivíduos no contexto social.

Compreendendo que o luto consiste no processo subjetivo e social da superação (ou mesmo a tentativa de superação) do impacto da perda e a busca da manutenção das relações com a sociedade, ele resulta numa ação reintegradora do sujeito com a coletividade. Sendo assim, serão utilizados conceitos psicológicos desenvolvidos por Freud (1996) para descrever a economia libidinal do luto, na qual o luto consiste na perda do objeto, no processo de desinvestimento objetal e no reinvestimento da energia libidinal no “eu”, ou seja, é necessário haver energia narcísica e o *ego* fortalecidos para dar continuidade às relações sociais. Apresenta-se assim uma produção social dos afetos, ou seja, dos sujeitos e de seus vínculos. Dessa forma, considera-se como parte do luto o restabelecimento do “eu” para o retorno das atividades sociais e o contato com a sociedade.

Por seu turno, Lacan (1997), indica que o luto se dá na sustentação dos vínculos e manutenção destes, na ausência do objeto amado, quando o sujeito mantém as lembranças, podendo usar de uma ritualística para fazer o objeto simbolicamente presente, mesmo que este não esteja fisicamente ali. Com isso percebe-se que no processo do luto há a manutenção do vínculo com o objeto perdido a partir uma ritualística e no investimento de energia no “eu”, para dessa maneira ser possível a reintegração social. Será preciso, pois, apresentar como esse processo é realizado pela utilização de ritos de constituição e representação do eu na vida cotidiana (GOFFMAN, 2013) ou por técnicas de si e seus efeitos de subjetivação (FOUCAULT, 2004).

O processo de perda de um ente mobiliza a reconfiguração da vida de um indivíduo e daqueles que o cercam: o grupo no qual está inserido, mesmo que de maneira indireta, sofre com essas alterações. Muitas vezes, a rotina é afetada, o relacionamento no grupo social (escola, trabalho, dentre outros setores de relacionamento) se modifica. As narrativas de si são alteradas.

Isso nos faz refletir sobre a vivência após a perda de um parente, amigo ou companheiro. Existe uma dor de despedida, mas não se encerra durante os ritos sociais do velório e do enterro, envolvendo outros ritos sociais e técnicas de si que alteram a rotina cotidiana. Esse processo se estende por alguns dias, semanas, meses ou anos, uma dinâmica que poderia ser regida pelos aspectos individuais e subjetivos, porém há um estímulo social diferente quanto ao enlutados atualmente.

A sociedade atual passa a adotar comportamentos diferentes de uma sociedade relacional (DAMATTA 1987 *apud* KOURY 2003) e, a partir da modernização brasileira, nos anos 70, ocorre uma mudança comportamental em relação aos hábitos do tratamento ao morto e familiares do morto<sup>1</sup>. É quando a vida se torna mais acelerada e o controle das emoções evidenciado, os cuidados relativos à morte se tornam distanciados, com a prevalência de ser discreto, aparentemente prezando por um decoro comportamental dos familiares e amigos. Passa então a ser estranho e chamativo o que ocorre fora dos padrões de discrição, a qual não é utilizada na vida comum dos sujeitos. Hoje, preza-se pela exposição social das atividades cotidianas dos indivíduos, como os atores sociais que evidenciam seus estilos de vida e as experiências que passam, onde e com quem andam, quais as emoções positivas que vivenciam. No entanto, a expressividade da dor e dos medos nem sempre são demonstrados da mesma maneira.

Dessa forma, a visão e vivência do luto foram se modificando, sendo considerada ultimamente, muitas vezes, a partir do aspecto de rejeição social, no qual os enlutados são excluídos se demonstrarem sofrimentos ou sentimentos de dor. O processo de despedida e luto era comum até meados do século XX, quando a expressividade do luto se colocava através da vestimenta preta, da diminuição das atividades sociais, como o trabalho, e da abstinência de alguns alimentos. Nesse período, no luto havia um fluxo contínuo de parentes e amigos para solidarizar-se com a família enlutada. Além de acolhimento e mobilização social perante a família enlutada, também se expunha o sofrimento sem qualquer constrangimento, tanto da parte dos amigos quanto dos familiares.

---

<sup>1</sup>Período compreendido como o de “Milagre Econômico Brasileiro”, e assim, entendido como o de maior rentabilidade e desenvolvimento econômico do país. Houve o crescimento do PIB, como também a bolsa de valores apresentou resultados que deixou eufórico o povo.

Atualmente, falar de morte ou mesmo passar por essa vivência demonstrando toda carga de afeto que essa situação pode estimular no sujeito, ou seja, dor e sofrimento, não são admitidos perante o grupo social, porque se espera que se tenha autocontrole emocional. Em consequência, o luto tem seu comportamento cada vez mais discreto no cotidiano, “tolerado apenas na intimidade, às escondidas de forma análoga a masturbação. O luto associa-se à ideia de doença. O prantear equivale às excreções de um vírus contagioso, em quarentena”. (MARANHÃO, 1986, p. 19). Assim, os indivíduos passam a rejeitar o luto e as suas expressões, como indicadas pelo autor, como o “desfile de pêsames, as cartas de condolências” e o traje preto, pois eles começam a ser indicativos da perda e do sofrimento, aspectos condenados e excluídos socialmente.

O interesse por esse tema surgiu a partir da visita realizada ao cemitério Nossa Senhora do Carmo no bairro do Monte Santo no dia de finados no ano de 2014, com o grupo de pesquisa SOCIATOS (UFCG)<sup>2</sup>. Nessa intervenção, o foco investigado era a performance das pessoas no cemitério diante dos túmulos dos seus mortos. Ocorre que a reflexão daquela situação se colocou como uma forma de exposição da perda, e que cada sujeito observado possuía uma maneira de brindar a data, ou seja, elaborar o próprio luto.

Um dos aspectos que motivaram a realização da pesquisa na cidade de Campina Grande – PB se dá ao acesso do pesquisador com esse campo, além de demonstrativos interessante de desenvolvimento e crescimento populacional que tornam a cidade de Campina Grande<sup>3</sup> um espaço interiorano, no entanto com números significativos de crescimento populacional e desenvolvimento.

Assim, com o aumento da taxa de crescimento populacional, o envelhecimento, a maior circulação de jovens na cidade e, conseqüentemente, o aumento da violência, essas variantes possibilitam uma reflexão sobre a mudança no ritmo de vida dos moradores, e a visão dada à morte e aos processos a ela relacionados.

A agitação urbana, retrato de intensas atividades dos homens, faz com que os sujeitos dediquem tempo e atenção às ocupações pessoais (vida profissional, acadêmica), ocasionando uma diminuição nas relações de grupos e tornando-os mais individualistas. Isto é evidente nas grandes cidades, nas quais as relações passam pelo aspecto da demanda *versus* necessidade em

---

<sup>2</sup> Grupo de Estudos em Sociabilidades e Conflitos Contemporâneos - SOCIATOS (CNPq/UFCG).

<sup>3</sup> A partir do último senso disponível do IBGE do ano de 2012, foi possível perceber que é um local em crescimento, tanto populacional como na taxa de envelhecimento. Para essa pesquisa será importante dar atenção ao crescimento urbano e aos dados de desenvolvimento, pois isso pode implicar em algumas mudanças quanto às relações dos sujeitos de perceberem e significarem a morte e o luto.



uma lógica econômica. Simmel (2005) afirma que o espírito moderno se tornou contábil, pois passa a secundarizar a vida anímica, dando enfoque a vida econômica, baseando as relações na demanda e necessidade mercantil.

É um processo em que progressivamente os indivíduos se desprendem dos laços de importância, irrompendo pouca energia para acontecimentos que os cercam, tomando para si um caráter *blasé* (SIMMEL, 2005) característico nas grandes cidades. A atitude *blasé* consiste na indiferença em relação a tudo e todos, inclusive aos aspectos que remontam à própria individualidade. A vida espiritual dos sujeitos das grandes cidades se caracteriza pelo que Simmel chama de “reserva”, um tipo de comportamento discreto diante dos questionamentos e dúvidas ontológicas.

Quando os vínculos realizados pelos atores sociais adotam um formato adequado ao urbanismo, Simmel (2005) indica que no contexto urbano ocorre a heterogeneidade dos grupos na cidade, e dessa relação pode ocorrer o que o autor chama de ação recíproca, como a influência que cada sujeito exerce sobre o outro, com suas motivações diversas (interesses, fé, amor, agressão ou trabalho). Ele explica que é a totalidade conflituosa dessas relações que favorece a unificação do grupo, formando uma sociedade global. Assim, o tema da morte poderia ser uma dessas motivações que funcionaria como unificante dentro do grupo social, pois ainda mantém, em algumas localidades, como Campina Grande, alguns aspectos de ritualização, por exemplo: homenagear o morto (velório, enterro, às vezes, com cortejo pela cidade), mas com relação ao processo posterior, já não é dada tanta atenção à família do morto na sua vivência do luto.

Portanto, a análise desse tema, à luz do desenvolvimento da cidade de Campina Grande, buscará compreender como se dá as transformações do luto na contemporaneidade a partir das investigações na comunidade popular católica Rosa Mística. Admite-se que os processos descritos pelos autores citados acima não possam ser aplicados completamente na realidade da cidade investigada, mas abrem espaços para compreender como o crescimento e desenvolvimento urbanos são apreendidos pelos sujeitos sociais, assim como as influências disso na vida da comunidade e na maneira como o grupo lida com a morte.

Assim, guardando as proporções dadas à cidade de Campina Grande – PB, algumas questões sobre a influência do crescimento urbano e luto se colocam: em uma cidade em desenvolvimento, os aspectos relativos à morte e a ritualística do luto se modificam? Será que o luto e a dor da perda são admitidos e acolhidos no contexto investigado? Os indivíduos

compartilham suas perdas e buscam a solidariedade dos amigos? Quais as representações que o luto e a perda possuem no imaginário do grupo social investigado?

Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa é compreender quais as transformações sociais do luto consequente ao desenvolvimento urbano na cidade de Campina Grande - PB.

Para alcançar o objetivo geral, têm-se os seguintes específicos: 1. Averiguar junto aos sujeitos (leigos e religiosos) moradores da comunidade católica popular quais as transformações sociais possuem sobre o luto; 2. Analisar as diferenças e semelhanças nas representações expostas pelos informantes; 3. Identificar os ritos utilizados no processo de luto; e, 4. Investigar os espaços que os atores da pesquisa buscam para vivenciá-lo.

A Comunidade Rosa Mística, espaço da pesquisa, está situada na intercessão de três bairros de Campina Grande – PB, a dependência de outros bairros para receber recursos municipais básicos traz desafios para os seus moradores. A escolha da comunidade Rosa Mística se deu a partir facilidade de acesso ao espaço além do seu surgimento ser datado por volta de 1940 (ARAUJO e VALVERDE, 2013) que a torna como um importante espaço para contar a história de crescimento e desenvolvimento também campinense dentro da perspectiva da comunidade. Ademais, a comunidade de Rosa Mística encontra-se em uma área popular, caracterizado por condições precárias de habitação, sofrendo os efeitos perversos de um desenvolvimento urbano desigual e injusto. Esse aspecto nos permite perceber a sobrevivência e reprodução de formas de sociabilidade que se diferenciam das presentes zonas mais desenvolvidas e ricas da cidade de Campina Grande – PB.

Assim, a presente pesquisa apresenta como hipóteses: a influência do aumento da urbanização traz como consequência o processo de diminuição dos ritos religiosos entre os fiéis católicos da comunidade popular Rosa Mística da cidade de Campina Grande – PB e esse processo ocasiona a quebra dos vínculos entre os sujeitos e grupos em que se encontram inseridos.

Utilizou-se a metodologia qualitativa, por permitir uma maior descrição quanto aos conteúdos, abarcando as vivências, impressões e representações dos informantes, buscando analisar as situações e seus significados. A grande vantagem desse tipo de metodologia se dá pelo seu enfoque centralizar-se a partir do processo social. Dessa maneira, foram entrevistados e brevemente acompanhados quatro sujeitos da comunidade de idades distintas, moradores de diferentes ruas dentro da comunidade e três religiosos que estão vinculados à igreja de São Francisco, onde os moradores da comunidade participam.

Dentre os quatro sujeitos acompanhados, uma em especial: MGFM (63 anos) que mora naquele espaço há 33 anos. Com os demais informantes foram usadas entrevistas semi-estruturadas, no qual haviam perguntas e sugestão de tema, para que estes desenvolvessem durante a entrevista. Com MGFM (63 anos) foram realizadas algumas visitas sucessivas e buscou-se, a partir das conversas a orientação para às entrevistas com temas direcionados ao contexto de desenvolvimento da comunidade, questões de morte e o processo de luto. Duas visitas aconteceram em sua residência, uma outra no espaço da capela da comunidade. A última, ocorreu na casa de um conhecido da informante que reside na comunidade há cerca de 33 anos.

Com esta informante, foi utilizado o método da história oral temática, no qual o espaço da fala é aberto, apenas direcionado pelos temas que envolvem a pesquisa. A partir da história oral temática foi possível acompanhar as narrativas de desenvolvimento de um espaço, evocando a memória e histórias daquele contexto e experiências pessoais de vida e de morte. Quando se trabalha com métodos que visem a memória, não se pode concentrar a atenção de que determinada memória seja falha, falsa ou verdadeira, e sim de que aquele recurso salienta mais conteúdos a narrativa, e visam demonstrar uma determinada perspectiva, como evidencia Ferreira (1994, p. 9-12) quando diz que “as distorções da memória podem se revelar mais um recurso do que problema, já que a veracidade dos depoimentos não é uma preocupação central”. O depoimento oral possibilita uma rica descrição dos eventos da vida de um indivíduo, ligando a situações sociais específicas através de entrevistas, as informações poderão ser coletadas e remontadas, traçando uma perspectiva de vivência específica sem se desvincular aos aspectos sociais a ele ligados, indicando uma riqueza de conteúdo:

a riqueza inesgotável do depoimento oral em si mesmo, como fonte não apenas informativa, mas, sobretudo, como instrumento de compreensão mais ampla e globalizante do significado da ação humana; de suas relações com a sociedade organizada, com as redes de sociabilidade, com o poder e o contra poder existentes, e com os processos macroculturais que constituem o ambiente dentro do qual se movem os atores e os personagens deste grande drama ininterrupto – sempre mal decifrado – que é a História Humana (ALBERTI, 1990, p. 8).

Assim, as fontes serão sempre evocações da memória que refará um percurso, eventos e impressões sobre fenômenos sociais e situações necessárias da pesquisa. A história oral traz um enfoque as impressões de um determinado sujeito, no entanto durante toda a discussão as respostas colhidas de outros informantes auxiliarão na compreensão do conteúdo pesquisado.

Importante destacar que o campo direciona a compreensão dos aspectos pesquisados, indicando novas representações e outros significados distintos dos inicialmente delimitado. Desta forma, o processo de luto pode ser compreendido com um amplo entendimento de

vivência reconciliadora e reintegradora socialmente e a morte como a situação de perda de um ente querido, mas também do um retrato de mortificação, aproximando uma compreensão da biologia da finitude da vida à passo contínuo de finalização de autonomia do sujeito estigmatizado, morador de uma comunidade pobre. Dessa maneira, a morte se apresenta em faces variadas e entendimentos distintos.

Para isso, o trabalho dissertativo se estruturou em quatro capítulos. O primeiro capítulo, voltou-se para o contexto teórico apresentando aspectos da morte e da perda, utilizando como base teórica autores que abordam a temática dentro da perspectiva histórica, social e subjetiva que serviram de sustentáculo para o quarto capítulo, em que foram retomados junto a investigação com os informantes.

No segundo capítulo, foi apresentada a descrição do luto na perspectiva social e psicológica, como também, uma reflexão sobre os ritos na vida social, aprofundando-se na questão dos ritos de morte realizados no catolicismo

O terceiro capítulo foi exposto o contexto da urbanidade de cidade de Campina Grande – PB, demonstrando que há uma centralidade no crescimento urbano. Ainda, neste capítulo, foi apresentado o contexto histórico da comunidade Rosa Mística, bem como as dificuldades que enfrenta para ser um espaço urbanizado.

Por fim, no quarto capítulo, foi analisado os dados coletados na pesquisa de campo, que demonstrou como o luto é representado pelos informantes da comunidade: leigos e religiosos. Nesta fase da pesquisa, foi realizada a transcrição e catalogação das falas dos atores sociais colhidas durante as entrevistas, assim como através da história oral temática. O capítulo de análise do campo apontou um outro espectro reformulado pelos moradores sobre a compreensão de que possuem da morte (mortificação) e luto (lutas no contexto comunitário).

Finalmente, a pesquisa impulsiona um novo caminho que abre distintas significações a partir dessas investigações, ao se pensar a morte e o luto como fator de estímulo ou restrição no âmbito social. Buscou-se responder as indagações inicialmente suscitadas, além de mobilizar a reflexão sobre as mudanças sociais e a influências delas na visão dos sujeitos sobre o próprio ser e agir, como a interdição e aceitação social para estimular atitudes e lutas.

## 2. A DOR DO FIM: REFLETINDO A MORTE E PERDA NO CONTEXTO SOCIAL

A vida é a vigilância da morte, até que o seu fogo  
veemente nos consuma sem consumir  
(Cecília Meireles)

Esse capítulo se destinará a apresentar a conceituação teórica sobre a morte, perda, principalmente na perspectiva histórica e social, compreendendo as instâncias em que esses aspectos se ligam nessa investigação e como possibilitam uma diferente visualização e vivência dos informantes sobre o luto.

*A dor do fim: Refletindo a Morte e Perda no Contexto Social*, primeiro capítulo, se destina a explicar os modelos teóricos e históricos sobre a morte, que aqui será compreendido, não somente, como uma vivência individual, mas como um fenômeno social que abala os vínculos sociais, remodelando as relações e papéis sociais dos atores que interagiram ao sujeito que morreu.

Para isso, faz-se necessário conhecer o histórico apresentado por Ariés e compreender a colaboração de autores que pensaram e conceituaram sobre esse fenômeno como Lower e Foucault. A intenção desse capítulo é abrir a reflexão de que a morte transforma as relações sociais (seja fortalecendo ou mesmo esfacelando as relações que haviam antes do ocorrido), e transforma os indivíduos a ela afetados, como os sujeitos mais próximos ao falecido.

Assim também, será importante compreender o conceito de perda através da pesquisa de Koury, e a partir dela, abranger a visão e comportamento social dos pesquisados sobre a possibilidade de perder alguém próximo e o significado atribuído ao fenômeno.

Destarte, pensar nos viés e variantes do comportamento diante do luto, é também compreender o processo de morte e morrer, aspectos de vivência da perda, indicativos do contexto cultural e social envolvido ao processo da morte e perda, e finalmente, pensar o contexto de grupo e indivíduo. Pois cada sujeito se expressa diante da morte de maneira autônoma e única, mas o grupo, em algumas situações, intervém com uma influência na forma de acolhê-lo (sujeito em luto) e a situação de morte pode se modificar e inclusive afetar na forma do sujeito admitir a perda ou a situação de morte.

## 2.1. “A MORTE É NECESSÁRIA PARA A PAZ DO ESPÍRITO<sup>4</sup>”: A MORTE COMO UM FENÔMENO HISTÓRICO E SOCIAL

Este é um tema de profunda complexidade e gerador de sentimentos variados, dentre eles, o medo: por ser a morte a porta do desconhecido, caminho sem retorno e sem prévio esclarecimento ou certezas. A morte traz em si aspectos da finitude, conclusão e uma mudança inalterável.

No entanto, quando Foucault (2004, p. 580) escreve sobre a morte, ele assinala que ela “não é um acontecimento possível, é um acontecimento necessário”, uma vez que ela desperta para a consciência de si indicando um caminho de finitude da própria existência, além de que a morte possibilita esse olhar retrospectivo para as experiências vivenciadas. Então a morte seria um estímulo sobre a vida e seus acontecimentos, dando ao sujeito a reflexão do que está fazendo e ou deixando de fazer em prol dos próprios objetivos.

Lower (1986) semelhantemente se utiliza dessa ideia, de que morte é uma mobilizadora das experiências dos indivíduos, sendo que o medo decorrido da morte se caracteriza como também o medo da vida, e a superação do temor de morrer facilita o indivíduo na tomada de decisão em temas de dificuldade. Em alguns casos retratados dos seus atendimentos psicológicos, o temor da morte é decorrente em pacientes que evitam, de certa forma, a vida, sejam em seus relacionamentos, aspectos financeiros, familiares ou rejeição por alguma responsabilidade social. O autor descreve que alguns dos pacientes com ideação suicida e medo da experiência da vida e suas frustrações encontram-se mais amedrontados ainda com possibilidade de morrer, pois “a pessoa que tem medo de viver, está pedindo para morrer e isso é ameaçador” (LOWER, 1986, p. 114). Então, nessas duas esferas de temor – vida e morte – destaca-se a raiz mais grave, que é a morte. Por mais que os pacientes encontrassem medo das frustrações nas experiências de vida, maior era o temor da morte, pois desconheciam por completo o caminho que tomariam depois dela. Desta forma, percebe o quanto, segundo Foucault (2004) e Lower (1986), a vida e a morte estão imbricadas. A morte é um caminho necessário, pois ocasiona a reflexão sobre a vida e até na melhoria dos aspectos a ela relacionados, pois entende-se que a vida é finita, admitindo que deve haver um posicionamento do “eu” vivente diante dela.

---

<sup>4</sup>

Informante GSTJ, 22 anos.

Ariès (2014), quando retrata a morte, menciona as maneiras de como ela é acolhida pela sociedade com o passar da história, tendo sido considerada como geradora de mudanças na compreensão grupal quanto à finitude da vida e como os sujeitos se relacionam com a morte.

Em contraponto, De Franco (2010) especifica que existem “caras” para a morte, pois ela se apresenta diferentemente de acordo com o período histórico, cultural e religioso. Desta maneira, deve-se compreender que a morte, enquanto fato social, não se modifica, mas sim, as representações sociais<sup>5</sup> da morte, ou seja, a forma com que o indivíduo lida com ela.

Hodiernamente, o tema relativo à morte sofre interpretações de morbidez e indicativa de uma perspectiva sombria da vida, precisando ser rejeitada ou marginalizada das discussões relevantes. De Franco (2010) aponta as dificuldades com que sociedade reage quando inserida no contexto da morte, tendendo a desprezar os indivíduos que trabalham com os mortos, como os sepultadores, e aqueles que perderam pessoas queridas. Na pesquisa realizada com sepultadores na cidade de São Paulo, De Franco (2010, p. 173) assinala toda a marginalização que sofrem esses trabalhadores, pois seu serviço é tido como “sujo” e contaminado, constantemente sofrem indiferença pelos enlutados, como se não existissem ou apenas fossem visto para receber o escárnio dos familiares em luto, pois são os sepultadores responsáveis por “carregar o peso (literal e metafórico) do morto, usar a pá e a enxada (...) e, finalmente, ser invisível à família (...). Em suma, uma máquina preparada para “limpar” a impressão que a morte causa, enterrando seus resquícios”. Ademais, a autora aponta que alguns dos sepultadores possuem consumo elevado de álcool, justificando que é para aguentar o “dia de trabalho”. Disto se extrai que há dificuldades e uma dura “cara” da morte para esses trabalhadores que não possuem qualquer vínculo afetivo com o morto, como também para os indivíduos que perderam seus entes, cuja imagem pode ser cruel e dolorosa, repleta de afetos e saudade, além das implicações sociais quanto às atitudes a tomar diante do seu morto e da perda.

Ariès (2014, p. 756) percebe a morte invertida como uma expressão menos usual no cenário social. Ela deixa de povoar a fala dos indivíduos, os enlutados evitam os símbolos de sua condição, como a veste preta, há pressa em passar por esse evento e não sentir suas consequências. Ocorre que se espera silêncio e o rotineiro movimento de vida sem paradas para reflexão do tema, como indica um dos informantes<sup>6</sup> morador da comunidade Rosa Mística, ele

---

<sup>6</sup> O jovem de 22 anos perdeu a irmã mais velha no dia de seu aniversário, isso trouxe complexas consequências para a forma de vivenciar a data que deveria celebrar junto aos seus familiares, no entanto desde a morte dela, ele é julgado e criticado por querer comemorar o dia do aniversário, pois trata-se de aniversário de morte da sua irmã.

se sente desconfortável sobre o culto da dor e saudade que algumas pessoas indicam solicitação perante a morte, ele considera que a morte é necessária de superação e silêncio:

*Eu penso que a vida, depois que morre é um desprendimento. Eu não acho certo você tá ligada aquela pessoa, porque assim, a morte é necessária para a paz do espírito, eu vejo dessa forma. Se morreu é porque Deus quis, e eu tenho que me desprender, eu sinto a falta, mas não gosto de demonstrar isso. Eu penso que quando eu morrer eu sei que vai ter aquilo o velório, mas depois eu quero que acabe ali, lembre quando eu tava feliz, porque essa é a imagem que eu pego de todo mundo espero que todo mundo pegue de mim. (GSTJ, 22 anos)*

Na realidade, percebe-se na fala do informante como sendo a morte um evento desagradável, necessitando de um breve período de superação, negando qualquer tipo de prolongamentos quanto a dor e sofrimento. Acontece que na morte invertida, Ariès (2012) indica que “a sociedade expulsou a morte, salvo a dos homens de estado. Nada mais anuncia que alguma coisa aconteceu na cidade. (...) A sociedade já não faz uma pausa, o desaparecimento de um indivíduo não mais afeta a continuidade [das atividades urbanas cotidianas]. Tudo se passa na cidade como se ninguém morresse mais”. Destaca-se a própria relação com o sujeito moribundo, que passa a ser o último a saber da gravidade da enfermidade que possui. Além disto, o espaço do leito de morte é modificado. Nas sociedades modernas o moribundo fica até o último dia de vida em um hospital, lutando pela melhora, medicado, entubado e distante dos parentes. Ariès (2012) compreende que essas mudanças ocorreram a partir de etapas divididas, por essa razão não se tornou perceptivo as transformações comportamentais, pois também havia implicação cultural, social e histórica nesse ciclo.

A “morte de si”, presentemente no século XIII, era um processo que implicava a idealização de corpos em decomposição e dos temores que esse evento causava, como também do Juízo Final. Esse era um período em que a “morte tornou-se o lugar em que o homem melhor tomou consciência de si mesmo” (ARIÈS, 2012, p. 49; 61) a partir do momento que passou a perceber sua finitude. A isso se seguiu a dramatização presente na “morte do outro”, no século XIX, cheio de aspectos do romantismo, dor, medo e desespero. Pois nesse contexto surge uma nova forma de se enxergar a morte, que passa a ser ponderada como uma ruptura, uma quebra abrupta dos vínculos, circunstância que também destina comportamentos esperados aos indivíduos em luto. Eles passam a expor a dor que sentem, uma dor “agitada pela emoção”, que “chora, suplica e gesticula” (*Idem*, p. 68), ou seja, a dor é exteriorizada pelos enlutados, pois “a expressão da dor dos sobreviventes é dividida a uma intolerância nova com a separação” (*Idem*, p. 69). A morte invertida é compreendida como o resultado da morte dividida, “parcelada numa série de pequenas etapas dentre as quais, definitivamente não se sabe qual a verdadeira morte,



aquela em que se perdeu a consciência ou aquela em que se perdeu a respiração” (*Idem*, p. 86). Na morte invertida, típica da sociedade moderna, o silêncio se impõe, a dor e sofrimento não devem ser visualizados na esfera social.

Ainda é possível refletir sobre uma nova instância social a respeito do relacionamento com a morte: a morte aceita e divulgada. Diferentemente dos aspectos de contaminação<sup>7</sup> descritos por Elias (2001), o sujeito moribundo pode também estar entre os demais refletindo sua condição, expondo mensagens sobre o viver bem, ou simplesmente apresentando o medo da partida e a idealização de como poderia ser essa “passagem”. Em Ariès (2012) o moribundo é silencioso, principalmente na morte domesticada<sup>8</sup>, muito inexpressivo em cada uma das tipificações sobre morte, assim como os familiares quando estão ao seu redor. Já a abertura que os indivíduos na contemporaneidade encontram para a exposição, cria um novo comportamento: empoderamento da própria condição. Donos de afetos e temores, contudo, há uma procura de direcionamento a isso tudo, de um significado e estabelecimento de vínculo com os que estão em situações ‘iguais’ a dele ou do desabafo de como é “estar morrendo”. Brum (2015) em matéria publicada pela revista *El País*, relata casos de pessoas com doenças terminais fazendo artigos e publicações sobre a experiência de ver a vida por um novo prisma, o de quem tem pouco tempo antes de morrer:

Embora o silêncio sobre a morte, a doença e o luto ainda persista na vida cotidiana – e talvez seja ainda o que se impõe para a maioria das pessoas –, já não vivemos a morte “envergonhada” ou “clandestina” que se estabeleceu no século 20. O doente terminal que finge que não está morrendo, para não alarmar nem a família nem a equipe médica, pode estar começando a se tornar um espécime em extinção. A morte começa a ficar desavergonhada – e especialmente confessional, bem ao tom desse momento em que se narra tudo nas redes sociais. (BRUM, 2015, s.p.)

A partir disso, o moribundo usa esse espaço para expor suas angústias, analisar a vida sob uma nova perspectiva, se despedir dos amigos e familiares, como o jovem americano Zach Sobiech que aos 17 anos descobre que possui poucos meses de vida. Em 2011, decide gravar algumas músicas para se despedir e tranquilizar os familiares e amigos, como fica claro nesse verso da música *Clouds*:

When I get back on land  
Well, I'll never get my chance  
Be ready to live and it'll be ripped right out of my hands

<sup>7</sup> Elias (2001, p. 37) traz em sua discussão o distanciamento existente com relação ao moribundo e a morte, ressaltando que os “vivos podem de maneira semiconsciente sentir que a morte é contagiosa e ameaçadora: afastam-se involuntariamente dos moribundos”.

<sup>8</sup> O autor usa também o termo “Morte Domada”.

Maybe someday we'll take a little ride  
We'll go up, up, up and everything will be just fine. (SOBIECH, 2011)<sup>9</sup>

Brum (2015) indica que a abertura de se falar sobre a morte, assim como de outros temas marginalizados como a velhice e a doença se deu a partir de filmes e séries, na televisão e nos cinemas, enfocando a naturalidade existente nestas temáticas no dia-a-dia da sociedade. Além disto, a própria internet, com as redes sociais, a liberdade e a facilidade de compartilhar vivências com o grupo de amigos, também foi um dos pontos que facilitaram a troca de informação e confissões desse tipo. Assim como acontece com a sexualidade, segundo a análise de Foucault (2014), a disseminação de discursos sobre a morte não a liberam, mas a regulam segundo práticas de banalização, reificação e normalização. Nesse caso, ao contrário de um silenciamento, há uma banalização e normalização da morte.

A dialética entre silenciamento sobre morte e banalização da morte parece se expressar na distração promovida por uma tagarelice vazia, cheia de soluções fáceis e lugares-comuns que, assim como os amigos de Jó, evitam dar ouvidos ao sofrimento inexplicável causado por uma perda pessoal, portanto irreparável e incomparável.

Exemplo disso é o projeto chamado *Vamos falar sobre o luto?* Criado por sete amigas, em sua maioria com curso de comunicação, que perderam entes queridos, e sabendo da dificuldade existente nesse processo de perda por morte, desenvolveram o projeto e ouviram mais de 170 pessoas que também tiveram perdas de pessoas próximas. Inicialmente se lançou no site um convite para que as pessoas contassem suas histórias de perda e os indicativos do caminho percorrido de vivência do luto.

Um dos aspectos percebidos pelas organizadoras do projeto foi a repetição nas mensagens, no início ou no final do relato, o agradecimento em poder falar sobre essa vivência e alguém se disponibilizar em “ouvir” sua história. Nas análises do material recebido percebeu-se algumas constantes, como a morte sendo uma desorganizadora da vida diária e do cotidiano dos sujeitos e o luto como um período “estranho, intenso e instável” compreendido de um vazio inexplicável e desconfortável. As narrações apontavam para as situações que intensificavam a dor nos enlutados, como a falta de conversa e o interesse (e pressa) das pessoas de que o enlutado fique bem logo, a necessidade de praticidade para a resolução da burocracia quanto a contas, cancelamentos de cadastros e pacotes assinados pelo sujeito que faleceu. A cobrança por respostas positivas dos enlutados cria um constante desconforto e sentimento de fracasso

---

<sup>9</sup> Tradução do verso: Quando eu voltar a terra/Bem, nunca terei a minha chance/Esteja pronto para viver e ser tirado das minhas mãos/Talvez um dia nós vamos dar uma volta/Vamos subir, subir, subir e tudo vai ficar bem.

diante da própria dor, como percebida num relato de Cristine: *A pressão social dessa sociedade pós-prozac, na qual todos têm que ser felizes o tempo todo me incomoda demais. Quando foi que perdemos o direito de chorar os mortos?*<sup>10</sup> O temor de estimular uma conversa sobre a morte ou o sentimento de perda e acabar causando uma dor maior do que o enlutado sente resulta no silêncio, e nesse período tudo que mais os enlutados alegam necessitar é o acolhimento de falar e ser ouvido.

No entanto, a morte causa mudanças na vida dos indivíduos, e no site deste projeto alguns relatos indicam que ela pode ser positiva, como fica claro na fala de Mariana:

Se estamos aqui, vivos, devemos viver da maneira mais intensa, mais "presente" a cada instante, procurando sempre fazer o melhor que podemos. A perda + o luto, foram para mim, um processo de transformação, que "chacoalhou" meus valores, minhas crenças e minhas relações pessoais.

O site possui um vídeo de chamada com entrevistas de sujeitos enlutados falando sobre a experiência de perder alguém que amavam e como foi a vida de luto. Sendo assim, o projeto se destina a acolher e informar, de modo a dar conforto nessa fase dolorosa repleta de dificuldade onde “falar é liberta dor” (slogan do projeto). A ideia é criar um ambiente onde os enlutados possam dirigir suas histórias e emoções sem constrangimento de demonstrar a dor que sentem. Exatamente por ser percebido que a tristeza e o luto não são completamente aceitos socialmente, esse projeto se coloca como um ponto de apoio para quem perdeu alguém que ama, e clarifica que o sofrimento nessa circunstância é natural, como também a importância de um grupo de apoio que, mesmo distante, compreenda e escute nas situações de dor.

É importante lembrar, também, das publicações de livros de alguns enlutados sobre como ficou a vida após a morte de pessoas queridas. Um desses autores é David Rieff, que lançou o livro, *Nadando em um mar de morte – memórias de um filho* explicitando a experiência de como foi acompanhar a doença e a morte da mãe. Outro autor, que, criando um espaço de criatividade e elaboração diante da dor da perda, produziu um livro com sua experiência foi Roland Barthes com a publicação de *Diário de luto*. Logo após a morte da mãe ele redige, diariamente, sobre sua vida a partir dessa ausência. Lya Luft produziu um livro de poemas intitulado *O Lado Fatal* após a morte do esposo, no qual a autora expõe sua revolta, saudade e aceitação, como se percebe no verso:

Mas agora que ela [a morte] me dilacerou a vida,  
Me rasgou o peito,  
Me levou o amado,

---

<sup>10</sup>

Trecho obtido no site: <http://vamosfalarsobreoluto.com.br/>

Sinto que mal começo a compreender  
 Sua mensagem:  
 Tirando-o de mim, a morte o devolve  
 Para que seja mais meu.  
 Dentro de mim um quebra-cabeças, e nele o meu amado.  
 Nem Deus o tirará daqui. (LUFT, 1989, 45)

Como ficou percebido nas descrições anteriores sobre a maneira de acolher e perceber a morte, há variações de acordo com o aspecto histórico, social e cultural (que serão melhores percebidos a seguir) e comportamental dos grupos sociais.

### 2.1.1. A Morte na Dinâmica da Vida Social: A morte e o morrer

O morrer faz parte da existência humana com toda a sua ambivalência e interdição. É ele que alerta sobre a finitude das realizações do homem, e sobre o encerramento da vida. Ao mesmo tempo que pode ser tido como motivação aos projetos pessoais, pode também significar dor e temor com o desconhecido.

Na perspectiva desse trabalho, morte e morrer se diferem, sendo a primeira irreversível e destino final do morrer, e este último se definiria como o processo e a forma de se chegar à morte. Dependendo do morrer, pode-se modificar a própria maneira dos sujeitos compreenderem e significarem o processo do luto, assim como as reações e significados do perder.

Quando se pensa nas modernizações no campo da medicina e na farmacologia, os perigos tornam-se mais distantes e a possibilidade da morte é retardada, entretanto outros riscos surgem e tornam-se mais frequentes na rotina dos indivíduos atualmente, as preocupações, tais como: a violência, os acidentes inesperados.

Tais eventos nos apresentam a pouca preparação que os sujeitos possuem sobre a morte. Se comparando aos casos de indivíduos com doenças terminais e os parentes que os acompanham, a ideia a morte não é tida como inesperada, ela é pode ser evitada, mas existe um certo alívio sobre sua proximidade. O que ocasiona uma diminuição no impacto da perda. Como fica ressaltada na fala da informante<sup>11</sup>:

*Então nós passamos lá (em Recife) 2 meses e quando a gente veio de lá, porque tinha o processo de quimioterapia e iria demorar ainda mais e a gente estava na casa de uma amiga, não é? Dinheiro quase não tinha, então a gente pediu pra ele transferir a gente pra João Pessoa. Em João pessoa a gente tem o Laureano, né? Aí o médico*

<sup>11</sup> JFJC (53 anos) teve em sua história a perda da mãe e da irmã, no entanto, relata sua dor e sofrimento em acompanhar a doença que conduziu sua irmã à morte. Sua fala indica o que passou ao lado da sua irmã enferma e do desgaste vivenciado nesse período. A dona de casa acolhe com conforto a notícia da morte da irmã por compreender que não havia mais nada a ser feito para seu longo percurso de sofrimento.

*disse “ Olhe, quando chegar lá, não aplique qualquer quimioterapia, a sua é especial se não vai danificar seu marca passo e você vai morrer do coração, e aplicando essa especial você vai ficar normal, não vai ter nada no coração”, então nós viemos, procuramos o Laureano, conseguimos um médico muito bom lá. E vieram a conhecer essa quimioterapia, passou essa quimioterapia, ela fez 6 sessões e foi radioterapia, não quimioterapia 6 sessões, porque faz tanto tempo já, eu sei que radioterapia foi não sei quantas, que é mais, e ela ficou boa, só que ela não sentia nada na mama. Só que deu um problema no intestino dela, ela sofreu muito foi pra 11 médicos e ninguém descobria que problema era esse no intestino, a gente até pensava que era metástase, pensava que já estava no intestino, mas não era não, e fazia todos os exames, mas não dava nada, foi pra 11 médicos... (JFJC, 53 anos)*

Em muitas situações, o morrer é lento e progressivo e abala a estrutura da família e a do próprio moribundo, vendo na morte a possibilidade de libertação das dores e desconfortos, ou seja, a morte como um alívio diante do sofrimento da doença. Contrariamente, há casos de mortes que impactam o grupo social, como no caso de jovens, situações de acidente ou consequência da violência, situações assim podem chocar e criar um período de dor e luto maiores e mais intensos.

Assim sendo, a morte ocasiona mudanças significativas na vida dos indivíduos que perderam entes queridos, e não se pode comparar a dor que cada grupo possui diante da perda. O morrer se configura como um processo que pode preparar alguns sujeitos para a situação “inevitável”, no entanto a ausência e a saudade não são preparadas nessas ocasiões e a vivência do luto poderá ser variável.

O luto funciona como um processo de ressignificação dos vínculos sociais, que proporciona a reorganização dos vínculos e da subjetividade dos indivíduos no contexto social. Compreendendo que o luto consiste no processo subjetivo e social da superação (ou mesmo a tentativa de superação) do impacto da perda e a busca da manutenção das relações com a sociedade, ele resulta numa ação reintegradora do sujeito com a coletividade.

E as mudanças quanto à maneira de sentir e se portar socialmente ocorreram não apenas na forma da família e amigos enlutados diante da sociedade, mas também na maneira do tratamento ao “self” do indivíduo morto. Alguns eventos sociais solicitam representações (GOFFMAN, 2013) específicas, como os aspectos relativos à morte. Estes também passam por uma ritualística que pode servir para amenizar o sofrimento e favorecer a compreensão da finitude de existência de um indivíduo, indicando a nova situação e experiência aos que permaneceram, que se utilizarão de suas crenças para indicar um novo *status* e espaço social para o ente falecido.

Assim, a morte se manifesta como um processo, muitas vezes repentino, que ocasiona mudanças e rupturas, e para o qual o grupo social do falecido, amiúde, pode não estar preparado. Sendo diferentes as formas de ver a morte e entender a perda, isso torna cada sujeito

único dentro da experiência de perda afetiva, mesmo quando se pensa na lógica de um grupo comunitário, onde o vínculo é mais próximo e os atores sociais interagem mutuamente em relação aos mais variados tipos de vivência. A vivência da perda é, em si, sempre muito particular, no entanto socialmente existe uma regra invisível que rege o comportamento das pessoas diante da morte e experiência da perda.

As respostas passam pela interpretação que se faz do grupo social e das vivências. Vale destacar que num mesmo contexto familiar as respostas ao luto podem divergir completamente. Assim como, as respostas serem perceptíveis a partir da interpretação à vivência individual ou social, esse mesmo combustível pode ocasionar numa ampla resposta ou ser um amadurecimento e reconciliação subjetiva-social. No entanto, algo acontece após a morte, um tipo de luto e/ou luta é travado no e pelo sujeito. É preciso lidar com os danos subjetivos e sociais causados pela morte. Um dos mecanismos para conduzir esse processo é o luto. Se espera apenas para saber a resposta que os atores sociais darão à situação.

Desta forma, o processo de ressignificação e reconciliação é muito importante quando se passa pela desestruturação a partir da perda. Mas vale observar também o espaço no qual o indivíduo está inserido e a cultura do ambiente sobre morte e a perda para compreender o sentido da ressignificação e reorganização do grupo social.

A formas tradicionais de viver o luto, enfatizavam o luto mais como processo coletivo, comunitário e público do que individual, pessoal ou privado. Com a modernização das sociedades capitalistas, baseadas, sobretudo, numa ética liberal-burguesa, a morte se tornou, de um lado, um dado biopolítico (FOUCAULT, 2008), na regulação político-estatal de taxas de mortalidade ou homicídio e, por outro, uma experiência de perda pessoal e privada. O luto passa então a ser vivido como um processo pessoal de restabelecimento emocional, interregno entre as atividades normais, intervalo provisório nas atividades profissionais e restabelecimento do desempenho. Quanto menor e mais eficiente for esse intervalo melhor, haja vista as pressões competitivas do mercado capitalista. Mesmo o mercado da saúde mental, espiritual ou da autoajuda procuram fornecer soluções racionais ou carismáticas, mas sempre eficientes para lidar com as múltiplas formas de sofrimento: teologias da prosperidade, exorcismos, manuais para felicidade e sucesso... "É proibido sofrer!" Esta é a mensagem que vemos sendo anunciada em quase todos os lugares. Talvez nem sempre dita assim de forma tão explícita, mas percebemos suas variações quando se diz: "pare de sofrer!", "tenha uma vida vitoriosa!", "decrete e profetize sua vitória!", "tome posse pela fé!" "você nasceu para ser um vencedor!" e tantas outras ordens e palavras que, na cabeça de muita gente, vira uma espécie de anestésico

contra as dores que os problemas da vida provocam na gente. E o mais importante dessas mensagens: você é o responsável por seu fracasso ou sofrimento. A culpa pelo pecado é substituída pela culpa pelo fracasso. Mas essa tendência não avança e se estabelece de forma homogênea, inequívoca e pacífica em todos os grupos e classes sociais. Os processos de desenvolvimento, modernização e urbanização ocorrem de modo combinado, mas desigual, produzindo desigualdades, contradições e conflitos estruturais.

### 2.1.2. O Catolicismo e a Morte

O homem é em sua origem religioso (*homo religiosus*) e convive com a ideia da divindade transcendente em torno de si e o mundo que habita, como descreve Eliade (1992, p. 97), segundo a qual “existe uma realidade absoluta, o sagrado, que transcende este mundo, que aqui se manifesta, santificando e o tornando real. Crê, além disso, que a vida tem uma origem sagrada e que a existência humana atualiza todas as suas potencialidades na medida em que é religiosa”. A barreira limítrofe entre o profano e o sagrado é muito tênue, pois um objeto que se configure como profano pode adquirir aspecto sacralizado a partir da *hierofania* – manifestação do sagrado (MORENO, 2008) <sup>12</sup>.

O homem religioso não considera o espaço homogêneo, vez que há uma divisão entre o âmbito sagrado e profano, ou seja, espaços fortes e outros sem consistência. Dentre os espaços considerados como fortes pode-se citar os locais sagrados os templos, igrejas, nosso lar e o próprio cemitério<sup>13</sup>. De acordo com Moreno (2008) em uma sociedade industrializada e moderna existem comportamentos religiosos mesmo em espaços profanos. São os espaços chamados de sem consistência aqueles que denotam uma importância individual para determinado indivíduo, ou seja, lugares comuns que o indivíduo torna únicos por gerar nele sentimentos e recordações, como a visitação de um local, contemplação de uma paisagem pela primeira vez, ou os lugares dos primeiros amores. Estes espaços são sacralizados por determinado indivíduo, o que não impede que, de fato, aquele ambiente tenha alguma conotação de sagrado para os demais seres.

A divisão do espaço profano e sagrado é facilmente percebida quando se pensa no espaço de transição (a porta) e em como as pessoas se posicionam após passar por ele

---

<sup>12</sup> Como no mistério de transubstanciação, no qual, na celebração da missa o pão se torna corpo de Cristo e o vinho em seu sangue.

<sup>13</sup> Portador de sacralidade por se tratar de um ambiente de passagem

(MORENO, 2008). A igreja é um espaço sagrado, com interpretações mágicas em seus ritos e comportamentos específicos para os eventos que ali ocorrem. Isso exige posicionamentos de acordo com os acontecimentos impostos pelos ritos (ficar de pé, sentar, bater palma, dar as mãos). O catolicismo tem em sua constituição a crença de que acontecimentos exuberantes e impossíveis ocorrem devido à fé. Nesse sentido há uma transcendência do natural para a aceitação do sobrenatural.

A celebração da missa é o momento em que os fiéis renovam suas esperanças e fé no Cristo que morre e ressuscita trazendo a anunciação da imortalidade da alma e do destino do homem após a morte. Isto é retratado, por exemplo na história do bom ladrão, narrada na Bíblia em que Cristo na crucificação promete ao ladrão a entrada no Paraíso,<sup>14</sup> trazendo assim aos fiéis a certeza de vida eterna. Por isso, a morte é um tema central para o catolicismo que compreende como momento ápice a Celebração da Eucaristia, na qual se renova a morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Em algumas passagens bíblicas, os evangelhos evocam a relação da vitória do Cristo sobre a morte e o alento de se encontrar uma possibilidade de ressurreição no Messias. Como em história narrada nos evangelhos de Marcos (5, 21-43) e Mateus (9, 18-26), quando um dos principais da sinagoga chamado Jairo pediu que Jesus fosse ver sua filha, pois ela estava morrendo. Jesus quando chegou a sua casa, anunciou que a menina não estava morta, apenas dormia, e a multidão ria, desacreditando na palavra do Messias. Então Jesus pediu que todos saíssem e, chamando a menina, ela se levantou, com saúde, para alegria e espanto de seus pais. Na narrativa nota-se a autoridade que Jesus possui sobre a morte, negando-a e invocando vida. Outra passagem que representa a cura e retorno da morte é a da morte de Lázaro. Quatro dias após a sua morte, Jesus vai até o túmulo e diz a Marta que o seu irmão viverá. Ela lhe responde que crê que ele ressuscitará no último dia, então “Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá” (João 11, 25) Em seguida Jesus pede para que Lázaro saia, mesmo sob os apelos dos parentes de que ele estava morto havia quatro dias e já cheirava mal. Então Lázaro sai do seu sepulcro ainda com as faixas que envolviam seu corpo.

Na crença católica, Jesus é a ressurreição, caminho de verdade e vida e somente Ele pode trazer de volta a vida. A proposta de uma vida eterna, de reencontro com os que já partiram, é aceita e esperada pelos católicos.

---

<sup>14</sup> “Em verdade eu te digo que hoje estarás comigo no Paraíso” (Lc. 23:43)



Dessa maneira, pode-se inferir que existe uma aceitação quanto à morte, uma vez que existe uma promessa de imortalidade da alma com a possibilidade de poder habitar o Paraíso. Mas, além da concepção de Paraíso, a Igreja Católica também retrata a ideia do Purgatório (lugar onde ocorre a purificação das almas dos que cometeram pecados leves, antes de irem para o Paraíso) e do Inferno (lugar da condenação eterna).

A visão medieval sobre esse “Além”<sup>15</sup> era entendida de forma binária, ou seja, havia apenas a concepção de paraíso e inferno. No entanto, a partir do século XII a igreja abriu a noção de um terceiro espaço para o pós-morte, o do purgatório, que era:

Um espaço intermediário, probatório, nem Inferno nem Paraíso, onde suas orações, suas obras e as indulgências ganhas podiam intervir em favor dos que ali vegetavam. Esse espaço devia conter tanto as velhas crenças pagãs como visões da sensibilidade monástica medieval: ao mesmo tempo, lugar onde vagavam sombras insatisfeitas (limbos) e lugar onde o pecador, graças à sua expiação, podia escapar à morte eterna. (ARIES, 2014, p. 202)

O entendimento, deste modo, acerca de um terceiro espaço de transição entre Paraíso e Inferno também intensificou o pensamento sobre o auxílio dos vivos em relação aos mortos, através das orações pelas almas, pois o purgatório seria um “tempo de intercessão e do perdão” (ARIES, 2014, p. 205). Essa situação reflete na maneira do vivo não abandonar o morto ou deixá-lo partir definitivamente, pois este último estaria necessitando dele, mesmo que em oração, para chegar a um bom lugar depois da morte.

Assim, os ritos religiosos, as orações em intenção pelas almas nas missas, bem como as realizadas junto ao túmulo, admitem uma continuidade dos cuidados com o morto, mantendo os vínculos mesmo após a morte de alguém que se ama. DaMatta (1991) ressalta que essa é uma das características comuns do brasileiro, a atenção voltada ao morto, adotando a concepção de alma, espíritos, aparições, desviando-se, desta forma, da reflexão da morte para, tão somente, pensar o morto.

Entretanto, a preparação do morto e do ritual sacralizado de despedida e do funeral, realizados sob a perspectiva católica, são ritos de passagem (GENNEP, 2011), pois possuem uma função simbólica e por essa razão é profano apenas na aparência, pois se vincula ao sagrado. Os ritos da morte possuem a função de aplacar a angústia da morte e trazer a ela novos significados, mesmo que inseridos num contexto de modernidade e urbanização.

Os ritos começam com a agonia que coincide nas sociedades urbanas com o acompanhamento do moribundo e continuam com o velório, as exéquias, as

---

<sup>15</sup> Admite-se o conceito de De Franco (2010, p.36) para o “Além” como “a morada dos seres disformes, como os fantasmas, espíritos, figuras mitológicas e entidades humanas de toda a espécie”.

condolências e o luto público (autoridades e personalidades do mundo atual), social (roupas com cores especiais, preta ou outra de acordo com o lugar) e se prolongam com o culto aos mortos, qual seja, a visita ao cemitério. Os ritos têm o efeito de retardar a separação. (MORENO, 2008,p. 05.)

No entanto, Moreno (2008) assevera que nas sociedades industrializadas, em muitos casos, os ritos de passagem tornam-se mais um ato social, perdendo o sentido sagrado, de se despedir a partir de preces e orações pelo morto que viaja para um novo local. O funeral se tornaria, então, exclusivamente, um ato profano, com o intuito de reunir-se socialmente para rever os parentes distantes e para socialização.

Na igreja católica existem ritos fúnebres com o objetivo de permitir que parentes e amigos se despeçam do falecido e clamem para que encontre um bom lugar no Além. Sobre a morte, como foi dito anteriormente, a imagem de Jesus é automaticamente refletida como presságio de conforto, esperança e amparo. É Ele quem pode trazer o morto à vida e que apresenta a imagem da morte como um sono tranquilo. No entanto, o caminho que conduz o Cristo até a morte é doloroso e cheio de chagas, pois Ele passa pela crucificação, exposição e humilhação pública, como forma de redimir todos os pecados da humanidade.



**Foto: Jesus Coroado de espinhos, basílica medieval, Bruges, Bélgica**  
**Fonte: <http://cienciaconfirmaigreja.blogspot.com.br>**

O momento de maior entristecimento e luto na vida cristã é período da quaresma. Essa é a representação dos 40 dias em que Cristo se retira em sacrifício no deserto. O início da quaresma se dá a partir da quarta-feira de cinzas, no qual é relembrando a mortalidade do

homem e também do quanto que é frágil e efêmera sua existência a partir da pronúncia da máxima "Tu és pó e em pó te hás de tornar" (Gn 3, 19) enquanto o sacerdote faz a imposição das cinzas e água benta na testa dos fiéis.



**Foto: Via Sacra do Krizevac**  
**Fonte: <http://queridosfilhos.org.br>**

A representação da dor e humilhação do Cristo se dá no caminho do Calvário até a crucificação, representado pela via sacra. A via sacra é o conjunto de orações que reproduzem o caminho de dor e angústia enfrentado por Jesus antes da Crucificação. Quando na Sexta-Feira Santa, ou Sexta-Feira da Paixão, os católicos realizam a Via Sacra com uma procissão do morto, neste momento há respeito, consternação, silêncio e dor por parte dos fiéis que vivenciam a morte de um ente muito amado, nesse período também se faz jejum, penitência e oração.

A imagem do Cristo depois de morto é grandemente usada como representação ápice da morte: uma morte honrada e tranquila. Além de que traz a esperança aos familiares e amigos enlutados pois se utiliza o sentido de resignação e submissão à vontade da Autoridade cristã. Sobre essas imagens Pereira (2012) explica que:.

A religião Católica tem seus ícones expositores da imagem da morte de forma bela e singela. Nós a encontramos, entre outras, na figura de Jesus morto que se expõe para a adoração dos fiéis na Sexta-feira Santa (Pereira, 2005b, p. 243) e na escultura da Pietá, de Miguel Ângelo (1498/1499). A primeira, o Cristo descido da Cruz, desfaz a figura da morte violenta ou da violência da morte que desfigura a vida, com uma imagem serena que pode ser tocada, beijada, venerada, isenta de desfiguração e do medo, sendo, portanto, uma imagem mais próxima do sono que dá própria morte, porque busca dar ao que morreu a fisionomia de quem está apenas dormindo. A segunda imagem, figurada na Pietá, coloca o corpo do filho morto no regaço da mãe, como que para embalar o rebento adormecido. Ambas passam a imagem da morte como um sono tranquilo. (PEREIRA, 2012, sp.)

Sendo assim, a família acolhe o morto que “dorme” e se despede como Maria, tranquila e serena (modelo de como reagir à morte), certos de um reencontro futuro. Mas toda partida, por mais breve que seja, necessita de uma despedida, e é por isso que as celebrações são tão necessárias como forma de continuar a viver, pois o ente querido já segue um caminho sozinho, sem que os parentes possam acompanhá-lo naquele momento.

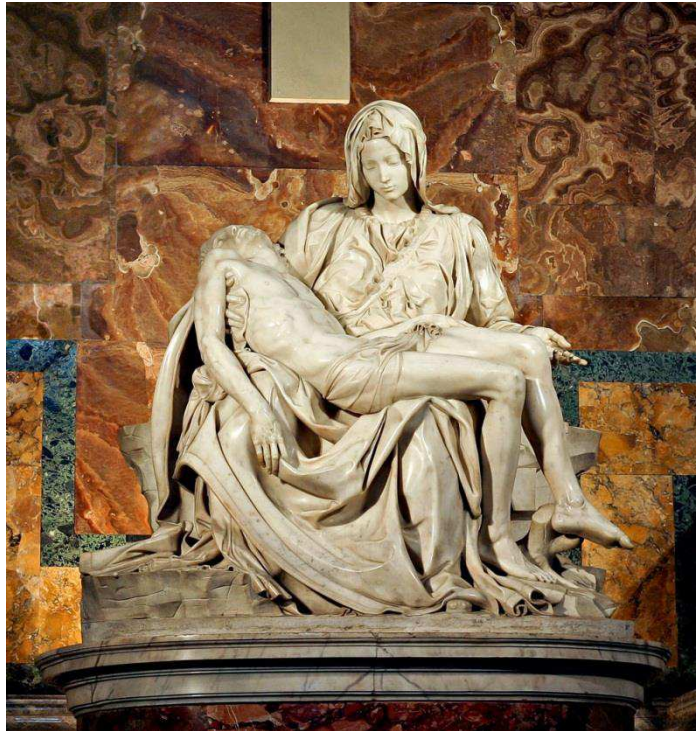


Foto: Imagem da Escultura de Pietá – Miguel Ângelo. 1489/1499  
Fonte: <https://www.epochtimes.com.br>



Foto: Imagem do Senhor Morto, – Esculpida no século XVIII por Francisco Manoel das Chagas  
Fonte: <https://patrimonioespiritual.org>

A missa de corpo presente é uma celebração realizada diante do cadáver da pessoa e tem como intuito encomendar a alma do morto para o encontro do Deus. Já a missa de sétimo dia não possui respaldo bíblico, mas, como afirma Pereira (2012), além da referência simbólica atribuída ao número sete, ela tem a função de, meramente, dar um conforto aos familiares enlutados sete dias após o funeral. É, portanto, “um ritual, cuja função é tranquilizar os vivos ao destino final dos mortos”, além de se acreditar que o fato de o padre falar sobre o morto durante a celebração da missa pode ser positivo para o destino final da alma dele.

Sendo assim, o trabalho investido nas celebrações da morte possui a característica maior de dar aos enlutados conforto e confiança de que o falecido encontrou bom lugar, ou que pode encontrar a partir do investimento dos familiares e amigos em orações, pedidos de missa em intenção do falecido e súplicas de clemência pela salvação de sua alma. Eis a razão pela qual, mesmo depois de muitos anos de morte, alguns parentes ainda pedem missa, pois há um investimento religioso pelos que partiram e uma manutenção do vínculo feliz que se teve com os que morreram.

## 2.2.A EXPERIÊNCIA DE PERDA A PARTIR DA MORTE

Descrever sobre o aspecto da perda é abranger as mais variadas faixas etárias e as dificuldades dos indivíduos de superá-la. Talvez a dificuldade de conviver com a ideia da morte se vincule ao próprio temor de perder e precisar superá-lo

Quando refletida a posição subjetiva do sujeito sob o aspecto da perda, pode-se perceber que ela foi simbolizada desde a mais tenra infância. Freud (1996) observou a brincadeira de seu neto de dezoito meses e refletiu sobre a relação com as primeiras perdas simbolizadas. A criança brincava com um carretel e o lançava distante com uma expressão de tristeza, logo o puxava para perto e sua expressão se modificava. Ali a criança elaborava a angústia de abandono e distanciamento da mãe. Uma das maiores angústias nos nossos primeiros anos de vida são as da falta da mãe e dos seus cuidados, assim como destaca Melanie Klein (1982, p. 277): "O medo de perder a mãe torna doloroso o afastar-se dela, mesmo por certos períodos; e várias formas de brincar dão expressão a essa ansiedade e são um meio de superá-la".

Pensar a morte é aproximar-se do contexto de perda e do temor que isso ocasiona. A morte, quando acarreta uma transformação, indica que há necessidade de um rearranjo. Os

espaços que foram ocupados por outrem precisam de uma reorganização, que pode afetar inclusive a estrutura das relações e vínculos que existiam.

A perda se localiza como um espaço desestruturador, não como fator específico da desorganização, mas um indicativo rompimento de uma estrutura, causando, assim, uma inicial paralisia. Em pesquisa realizada em centros urbanos do Brasil com pessoas que tiveram uma experiência direta ou indireta de luto, Koury (2003) lança o questionamento sobre o significado da perda para 1.304 informantes, e as respostas foram divididas em quatro categorias distintas: ausência, desaparecimento, perda de si e dano. Interessante pensar que a categoria “perda de si”, escolhida por 38,42% dos informantes, surge como significado da perda de outrem, o que evidencia a ligação do próprio eu com o ente perdido, como a “perda de referenciais que permitam ao sujeito se locar em uma situação social determinada, tornando-o retraído e inseguro até do seu papel no mundo” (KOURY, 2003, p. 99), a morte de alguém querido como uma perda de uma parte própria do “eu”, evocando o aspecto da desordem que isso ocasiona, o outro que se ausenta e o indivíduo sentir que foi uma parte sua que desapareceu.

Já o sentido adotado como “ausência”, na escolha de 32,75% dos informantes, indicou um “sentimento de vazio por uma relação para o qual o sujeito não se encontra preparado, e de que sente falta” (KOURY, 2003, p.100). Todavia, por temor de não ser compreendido evita-se declará-lo e existe um desconforto ao tentar expressar a inexistência de algo e o sofrimento na espera nostálgica da volta desse objeto (sujeito) perdido. A categoria “desaparecimento”, indicada por 21,01% dos informantes, surge como um processo mais amplo e profundo do que a ausência do ente, mas como um sentimento individual e social de construção e reparação da perda. Pois a “perda pessoal do sujeito é visualizada através de um processo de ambivalência resultante da vergonha como individuação e da reprovação ou estranhamento público” (KOURY, 2003, p. 102). Enquanto desaparecimento, esse processo pode, para o autor, tornar-se melancolia.

A última categoria indicada foi a que atribui à perda uma definição de “dano”. O sentido de dano é impregnado de prejuízo e estrago, como a deterioração. Para Koury (2003), a perda como dano é sentida como uma ofensa moral, a inutilização real ou virtual de algo. A perda foi atribuída a essa categoria por 7,82% dos informantes e evoca uma inconformidade sobre a eventualidade sofrida pela morte.

O receio e o temor de não ser compreendido nesse tipo de vivência pode ocasionar uma reação mais individualizada dos sujeitos e grupos que sofrem perdas, associando então o abandono e a solidão às sensações que possuem. No entanto, deve-se destacar que, na vivência

do luto, é possível se deparar com sofrimento e desconforto, pois há uma impotência dos vivos diante da situação de morte.

## COM ISSO...

A morte sempre fez parte da lógica humana, estando presente nas relações do próprio viver, cada período histórico e social ela foi caracterizada de uma maneira distinta, assim como também o viver o *post mortem* para familiares e amigos.

Logo após a morte já existe inúmeras preocupações que povoam a mente dos enlutados: os preparativos com a cerimônia, o cuidado do corpo, a notícia aos parentes, e as responsabilidades sociais, que o evento fúnebre solicita, ocasionam um cansaço. Também são cobrados dos familiares que representem a dor e sofrimento em decorrência da morte daquele parente, mesmo que naquela circunstância ainda não os consigam sentir sem ambiguidade ou ambivalência, pois há uma plateia que observa e aguarda por isso.

Assim a morte como um estado imutável causa consequências para a família que vivencia a perda e precisa se utilizar do arcabouço simbólico para compreender, simbolizar e superar a situação de perda, atribuindo a esse evento um novo significado e uma maneira de se colocar diante do grupo social.



### 3. SENTIDOS DO LUTO E OS RITOS SOCIAIS

Elaborar o luto é um processo, é um renascer, um recriar de si mesmo. Uma possibilidade de ressignificar a própria vida atribuindo-lhe um novo sentido.

(Nazaré Jacobucci)

O segundo capítulo, *Sentidos do Luto e os Ritos Sociais* se voltará para os aspectos conceituais do luto, a lógica dos ritos fúnebres e a própria realidade religiosa na perspectiva de perda e morte.

Compreendendo que o processo do luto, muitas vezes, se vincula diretamente à maneira do sujeito simbolizar e significar os ritos que são fortes auxiliares na vivência e compreensão da perda. Nesse capítulo serão ressaltados o conceito social, psicológico do luto e serão compreendidos os ritos que embasam a lógica funerária, na sociedade ocidental católica, como serão pincelados o contexto de outras culturas.

Então, uma nova fase se inicia no grupo ao qual pertencia o morto, um trabalho precisa ser realizado e cada nova etapa de mudanças necessita de uma readaptação, uma reintegração (pois quem perde o “objeto amado”, por menor tempo que possa ser, pode se distanciar do grupo social para a vivência da própria dor) não apenas para os indivíduos, mas toda a coletividade precisa de uma reorganização: esse trabalho se chama luto. Sobre esses processos esse capítulo tratará detalhadamente.

#### 3.1. “O LUTO É A “PERCA” [SIC] DO ENTE QUERIDO? NÃO SEI DIZER”<sup>16</sup>: SOCIEDADE DIANTE DO LUTO

O luto na perspectiva social é mais do que um processo subjetivo e individual, pois é visto a partir da ocorrência de um fenômeno que impacta uma coletividade. O luto, nesse trabalho será compreendido como um processo de sociabilidade do indivíduo para a sociedade através da relação da reintegração, já havendo em si a ressignificação da situação da perda.

Tendo compreendido as mudanças históricas e culturais do comportamento social diante da morte, a partir de então será investigado quais as mudanças que ocorreram com relação ao luto. O luto é um processo sem especificação de objetos e ritos, mas cada grupo cria o seu e o adota na coletividade, vinculando-se a ele uma representação que o grupo social

---

<sup>16</sup> Entrevistada JFJC, 53 anos

identifica e utiliza, no qual o seu processo é ritualizado por todos dentro de um mesmo contexto. Anteriormente, vimos como o catolicismo percebe a morte e a necessidade de preparar a alma do morto através de uma ritualística, processo este que será melhor compreendida mais adiante. No entanto, mais do que isso, esses ritos preparam a família para a finitude do sujeito, além de servir para a compreensão de sua nova condição diante da morte.

Aries (2012) retrata que o luto historicamente se modificou na medida em que a sociedade via e representava a morte. O luto no século XII era ritualizado e se iniciava após a constatação da morte e “traduzia-se por uma indumentária, por hábitos e por uma duração fixados com precisão pelo costume” (p. 73). Já no século XVIII havia duas finalidades para o luto: ele direcionava a família a manter-se vivenciando a dor da morte (mesmo que não sentisse) por um determinado tempo e “defendia” os enlutados contra a dor dos parentes, amigos e vizinhos que lotavam a casa para prestar-lhe sentimentos.

Quanto ao século XIX, Aries (2012, p. 73) explica que “se desenvolve a ostentação além do usual” que significa que o pranto, desespero, choro, desmaios e o intenso sofrimento diante do morto são concebidos, pois a morte do outro passa a não ser mais aceita. Destaca-se que essas condutas eram tidas como naturais diante da gravidade que é o evento da perda por morte, e o que chamava a atenção do grupo social era quando algum parente não expressava sofrimento nos velórios e sepultamentos.

O luto do século XX é tido como interdito, assumindo um caráter de proibição e discrição. “Não convém mais anunciar seu sofrimento e nem mesmo demonstrar estar sentindo” (ARIES, 2012, p. 233) dor ou sentimentos diante da perda. Goffrey Gorer realizou uma pesquisa em 1963, na Inglaterra, sobre as atitudes diante da morte e do luto e os assinalou em seu artigo *The pronography of death*. O interesse de realizar a pesquisa surgiu para Gorer após a morte do seu irmão, quando, no dia de sua cremação, sua cunhada Elizabeth evitou comparecer à cerimônia para não se defrontar com a dor que sofria e demonstrá-la em público. Ao término do dia, voltando para casa cansado e abatido pela perda, encontra todos na casa com suas atividades normais, como se nada houvesse acontecido, pois sabia-se que se admitissem a dor aos demais seriam banidos socialmente. Gorer percebe que a sociedade ignora e abandona os enlutados no período que mais precisam de acolhimento,

Ele tem mais necessidade da assistência da sociedade do que em qualquer outro momento de sua vida, desde sua infância e primeira juventude, e, entretanto, é agora que nossa sociedade retira-lhe qualquer tipo de ajuda e recusa-lhe sua existência. O preço dessa falta, em termos de miséria, desespero e morbidez, é muito elevado. (GORER 1955 apud ARIES 2012, P. 241-242)

Em seu artigo intitulado *Death, grief and mourning* na revista *The Alternative*, Gorer (2006) retrata como o luto em nossa época é invisibilizado pela sociedade, como também o seu rechaço e negação aos que perderam alguém próximo. Ele explica os três estágios pelos quais passam os enlutados logo após a morte de alguém querido: 1. Inicialmente um estado de choque, na maioria das vezes entre a ocorrência da morte e a presença do corpo; 2. Um período de intensa dor e sofrimento somado a alterações fisiológicas, como a perda do apetite, sono turbulento com pesadelos ou insônia; 3. E, finalmente, o restabelecimento da condição física e a atenção que começa a se voltar para o mundo externo.

Dentre essas três fases, a primeira é tida como o de reconhecimento social da morte e é a partir de então que a família mobiliza-se para prestar apoio e assistência aos enlutados mais próximos. Gorer (2006) indica uma ritualização quanto a essas circunstâncias iniciais, como a refeição dos enlutados junto aos demais parentes após o funeral, e logo em seguida o distanciamento dos parentes para que os enlutados vivam o luto sem interrupções e constrangimento. O autor indica que essa é a fase em que os indivíduos mais precisam de amparo e direcionamento, pois após a morte de alguém querido encontram-se perdidos.

Kinfolk gather round the mourners for the family gatherings, religious ceremonies and, often, ritual meals. Once the funeral, and possibly the post-funeral meal, are finished, the ritual which might give support to the bereaved is finished too, and they are left to face the period of intense mourning without support or guidance. (GORER, 2006, sp.)<sup>17</sup>

Sobre os ritos e tradições, Gorer (2006) afirma que existiam costumes quanto aos trajés indicativos e rituais específicos sobre a morte. O reconhecimento social do luto praticamente desapareceu<sup>18</sup> (id, sp.), pois não há mais como identificar os enlutados, não existe a preocupação da vivência ritual do luto. Ele cita o seguinte exemplo: “o laço preto<sup>19</sup> pode ser usado por sua elegância, sem qualquer intenção simbólica”, indicando que o que antes era utilizado como a representação de uma nova condição e estado de dor, hoje perdeu o significado. No entanto, pensar na diminuição desses ritos ligados à morte é indagar qual instância se coloca para os atores sociais chegarem a vivência do luto. Para Genep (2011) os ritos são facilitadores do luto, pois o luto seria um estado de margem para quem sobrevive, e os ritos de separação com

<sup>17</sup> Parentes se reúnem em volta dos enlutados para os encontros familiares, cerimônias religiosas e, muitas vezes, refeições rituais. Uma vez que o funeral, e possivelmente a refeição pós-funeral, terminar, o ritual que poderia dar apoio aos enlutados é terminado também, e eles são deixados para enfrentar o período de intenso luto sem apoio ou orientação.

<sup>18</sup> Tradução livre (*Social recognition of mourning has actually disappear*)

<sup>19</sup> No passado uma fita preta era usada presa a lapela, à manga ou ao chapéu em sinal de luto, se chamava “Fumo”

o morto resultariam em ritos de reintegração. E como esse período ocasionará a separação do morto e o retorno para o convívio social, percebe-se a necessidade e importância desse processo.

Além da diminuição dos ritos, para Gorer (2006) ocorre a marginalização da tristeza, pois passa a ser mórbido, insalubre e desmoralizante sofrer a perda de um ente querido. Os aspectos da fraqueza são apontados quanto à vivência, principalmente a demonstração do sofrimento. Sendo assim, o luto se torna condenável como os instintos sexuais e a solução encontrada é a de apenas escondê-lo ou negá-lo socialmente.

Na realidade o que se percebe é um individualismo nos acontecimentos dos atores sociais. DaMatta (2000) traz essa discussão sobre “a passagem da individualidade”, que é uma comum experiência do ser humano, para o individualismo, que é uma ideologia, compreendida pelo autor como central nas sociedades ocidentais. A modernidade valoriza não apenas aquilo que é novidade e atual, mas também valida o individual postulando-o até como maior do que sociedade.

Koury (2003), em uma pesquisa realizada nas capitais do Brasil, com uma população investigada de classe média<sup>20</sup>, encontrou variância quanto à forma de lidar e interpretar o fenômeno do luto. No entanto, a centralidade se manteve, ou seja, a mudança percebida e o distanciamento social quanto aos enlutados. A preocupação do autor foi a de perceber como o brasileiro urbano expressa o sentimento do luto e identificar quais as mudanças e permanências nos ritos da morte. Para isso buscou analisar o sofrimento público a partir da análise de uma amostra formada por um grupo de idades variadas de 15 à 60 anos. Foi percebido que no Brasil urbano o sofrimento ocasionado pela perda e o seu processo de reconhecimento passam a ser vivências nostálgicas e cada vez mais próprias da realidade inserida, na qual a sociabilidade fica ausente.

Os enlutados percebem-se fracassados e desiludidos devido à forte expressão de anonimato nos ritos individuais de sofrimento, o que deixa claro que há uma fragmentação na relação individual e coletiva de manifestar o luto. Koury (2003) descreve que a tendência na atualidade é a de uma repressão à expressão pública do luto, como se a dor dos enlutados trouxesse algum tipo de contaminação aos demais presentes.

Então, há uma exclusão desses sujeitos em dor, porque não há espaço de solidariedade e aceitação dentro da lógica social. A vergonha dessa expressão de dor passa a ser comumente

---

<sup>20</sup> Os dados encontrados nessa pesquisa podem trazer pressupostos para a pesquisa realizada em Campina Grande, pois ela apresenta variantes quanto à localidade e classe social.

sentida como um afeto proibido de ser demonstrado para a coletividade em um ambiente público.

Na confusão das formas de expressão contemporânea deste sentimento de vergonha no Brasil, o autocontrole é visto, muitas vezes, e assumido como culpa pessoal dos indivíduos em sofrimento. É esperado dos sujeitos tocados pelo luto, uma forma de agir discreta. Discrição, dos mais íntimos, à perda dos que sofreram um luto, e discreto, também, deve ser o comportamento dos enlutados nos diversos trâmites socialmente valorizados de despacho do corpo e da expressão de sofrimento público no processo de despedida – como velório, enterro, missa de sétimo dia, entre outros. (KOURY, 2003, p. 197)

Dessa maneira, a individualização<sup>21</sup> passa a ser o caminho adequado no processo de luto urbano no Brasil. Não ignorando que houve uma tradição relacional no passado e que a compreensão disto que causa mais impacto com que ocorre na atualidade, em que se percebe que a sociabilidade se dá a partir de regras mercantis. Koury (2003, 199) percebe que no Brasil há uma “negação pelas práticas relacionais, e pela emergência do individualismo”, havendo um constrangimento no interior dos sujeitos na demonstração das emoções, de modo que a relação passa a ocorrer através do distanciamento público e aparente indiferença das emoções.

Assim, percebe-se essa falta de solidariedade e afeto, somada à indiferença social para com os enlutados, causa um sentimento de desesperança, havendo uma intercessão entre o desespero e a perda de afeto na falta de expressão social. Isso tende a criar nos indivíduos um sofrimento melancólico<sup>22</sup>. Na vida tumultuada dos centros urbanos, onde o estresse é naturalizado, assim como a depressão, percebe-se no indivíduo a insatisfação consigo mesmo e um temor pela exposição, fazendo crescer as atitudes pertinentes a exclusão social de afetos.

Por fim, a partir de tudo que foi exposto, o luto pode ser refletido como um fenômeno social em transformação. A sua forma de ser vivenciado decorre das representações arraigadas nos sujeitos e suas relações coletivas. Os novos modelos de representação, até aqui percebidos, trazem nostalgia dos ritos e relações que se fortaleciam diante da morte. O temor de “fracassar”, não “saber se posicionar” ou o temor de ser contaminado pela dor do outro trazem nos grupos sociais um distanciamento que maltrata e desorienta aquele que está em busca de uma reordenamento e da reintegração na coletividade, que, afinal, também precisa ser reajustada a partir daquela perda.

### 3.3.1. Luto no Sujeito da Psicanálise

<sup>21</sup> Processo que se vincula ao que DaMatta (2000) chamou de individualismo.

<sup>22</sup>A melancolia descrita pelo autor não se caracteriza pelo quadro de melancolia especificado no tópico posterior “luto no sujeito da psicanálise”. O autor não deixa claro como percebe o contexto da melancolia descrita, no entanto acredita-se que seja no aspecto de uma tristeza somada ao desânimo, e não em um processo patológico.

O tema do luto é intensamente investigado nas abordagens da psicologia, por valorizar os aspectos de subjetividade dessa temática. Devido à dificuldade de encontrar trabalhos acadêmicos sobre a categoria luto numa análise social, subentendeu-se que haja uma menor produção teórica nessa perspectiva. Como é sabido, os comportamentos relativos ao luto são variáveis nos âmbitos de gênero, geração, localidade, podendo ser influenciados também, pelos aspectos de religiosidade e cultura (PARKES, 1998).

Mauss (1981) clarifica a importância do estudo das ciências *psy* para compreender e descrever o comportamento do homem nos mais variados aspectos. O autor não exclui a existência, inclusive enaltece, dos aspectos: psicológico, cultural, social e fisiológico, reforçando a ideia que o homem é um ser inserido na coletividade e muitas das expressões de emoções e vivências (que se vincula ao individual) estão associadas ao contexto coletivo e cultural. Assim ele considera que há importância de voltar a atenção aos aspectos desse “homem total”, que possui subjetividade e nela há vinculação com o ser social, quando diz que:

Deparamos não somente com tal ou tal faculdade da alma, ou com tal função do corpo, mas com homens totais de um corpo, de uma consciência individual, e desta parte da consciência provém da consciência coletiva ou, se quisermos, que corresponde à existência da coletividade. (MAUSS, 1981, p. 334)

Sem excluir o significado atribuído a própria coletividade, será analisado os contextos que explicam o comportamento subjetivo do homem na vivência da perda e no luto sob perspectiva psicanalítica. Vale evidenciar que a sociedade analisada e discutida pelos teóricos da psicanálise, e também o público dessa pesquisa, é ocidental, e em si possui aspectos sociais e normas culturais específicos, refletindo a maneira da sua expressividade da dor, perda e luto.

Concordando com Bromberg (1994) de que o luto é uma experiência que necessita ser vista e estudada além do recorte psíquico, mas que na realidade precisa ser uma área de interesse e objeto de estudo de variadas áreas de conhecimento humano. Porém se faz necessário compreender também seu processo de desenvolvimento de afetos, para assim, visualizar mais recorte desse “homem total”.

A perda faz parte de diversos processos psíquicos do homem, não apenas no contexto da morte, mas as distintas situações na qual o sujeito precisa ressignificar o afeto e o vínculo estabelecido com o objeto perdido. Freud (1996) dedica uma produção sobre o luto, que não poderia ser ignorada nessa discussão.

Para Freud, em seu artigo *Luto e Melancolia* (1996), o luto é uma reação à situação de privação ou perda de um ente querido ou mesmo um objeto que ocupa importância para um sujeito. Nesse caso não há necessidade de tratamento médico, pois não é considerado uma

patologia, fenômeno que será superado após “certo lapso de tempo” (FREUD, 1996, p. 249). Freud aconselha que não haja interferências – busca da minimização de dores, como medicação, por exemplo, ou o ato de evitar o afeto - no processo, já que podem ser prejudiciais se ocorrerem. Dessa forma, o luto seria uma reação comum e saudável<sup>23</sup> após a perda de algo ou alguém querido, e por ser um processo natural possui um tempo de duração pessoal necessário para a superação. Auxiliadores para acelerar essa vivência podem interferir nessa etapa de “cicatrização da ferida”<sup>24</sup>.

Laplache (1993) analisa o trabalho de luto freudiano indicando três possibilidades de suas vivências, duas delas patológicas e uma maneira salutar para o indivíduo. No entanto, fica explicitado que a rapidez de sua superação também pode ser considerada como patológica. O autor explica que;

O seu funcionamento reside no fato de que, se o objeto, nos casos típicos, desapareceu, o vínculo com o objeto subsiste, de modo que o sujeito encontra-se diante de uma tripla possibilidade. A primeira, evidentemente a mais radical: perecer com o objeto, o que não é inconcebível e ocorre em mais de um caso. Segunda possibilidade: substituindo o vínculo, trata-se de manter igualmente o objeto, quase magicamente, de um modo quase alucinatório ou mesmo francamente alucinatório. (...) Terceira possibilidade: a do luto propriamente dito, a que encontramos na locução intuitivamente exata “fazer o seu luto”. Neste caso, é o respeito à realidade que prevalece sobre o laço afetivo; a realidade exige que o sujeito transmute, ou até aniquile, o seu vínculo com uma pessoa que já não está presente. Mas esse “fazer seu luto”, esse respeito pela realidade, não prevalece num abrir e fechar de olhos (e pode-se até dizer que se isso acontecesse seria patológico). Essa liberação da libido para outras tarefas efetua-se às custas de um trabalho que se deve ser realizado em detalhe. (LAPLACHE, 1993, p. 295-296)

De fato, Freud sistematizou de que maneira o luto ocorre a partir da mobilização e reorganização de energia catexial<sup>25</sup>, processo que necessita de tempo para os enlutados e ocorre da seguinte forma: a realidade informa ao ego que o objeto ou ser amado não existe mais e que toda a energia libidinal a ele vinculada precisa ser desfeita. Esse é um período em que são rompidos os vínculos, havendo um grande gasto de energia e dor. No entanto, quando passa o luto, o ego estará livre novamente. O luto, dessa forma, seria o movimento da mudança de

<sup>23</sup> “O luto é descrito por Freud como uma afecção, e a única razão, segundo ele, pela qual não dizemos que o luto em si é patológico é sabermos explicá-lo tão bem (ou melhor, acreditarmos saber explicá-lo tão bem). O estado de luto é suscetível de descrição através de um certo número de sintomas”. (LAPLACHE, 1993, p. 294)

<sup>24</sup> Optou-se pelo uso da expressão “cicatrização da ferida” devido à aproximação do tema da dor com o luto. Assim como em um corte físico é necessário tempo para que cicatrize e a dor cesse, no processo de luto também se faz necessário esperar a ferida aberta da perda se fechar e que novas elaborações sejam realizadas, possibilitando ao sujeito a volta ao ritmo normal de vida.

<sup>25</sup> Catexia é a concentração de energia de uma determinada representação mental de um objeto, pessoa ou ideia.

direcionamento da energia, quando os sentimentos precisariam ser restabelecidos de maneira que o ego não sofresse mais a ausência do objeto perdido.

Já a melancolia torna-se um quadro patológico, por mais que a sua sintomatologia seja muito parecida ao luto, pois a ela é somada as características da baixa auto-estima. Sobre isso, Freud diz que:

Os traços mentais distintivos da melancolia são um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de auto-estima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-envilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição. Esse quadro torna-se um pouco mais inteligível quando consideramos que, com uma única exceção, os mesmos traços são encontrados no luto. A perturbação da auto-estima está ausente no luto: afora isso porém, as características são as mesmas. (FREUD, 1996, 250)

A melancolia está relacionada a uma “perda objetal” (FREUD, 1996, p. 251), nem sempre consciente, diferentemente do luto, que se refere a uma perda consciente. Para a melancolia existe uma apatia e esvaziamento do ego, ao contrário do que acontece com o enlutado, que tem interesse no objeto perdido e tudo ao redor perde o interesse. A finalização desse processo se dá quando “o luto compele o ego a desistir do objeto, declarando-o morto e oferecendo ao ego o incentivo do ego continuar a viver” (FREUD, 1996, p. 262). Este é o período que se finaliza o trabalho do luto, pois a reorganização dos afetos foi concluída.

Em decorrência do temor da perda gera-se a ansiedade. No entanto, um questionamento pode surgir sobre o que a perda pode desencadear: quando ela causará ansiedade, luto ou a dor? Para responder a essa questão, se faz necessário explicar antes como ocorre o processo da dor.

A dor da perda pode ser explicada a partir da dor física. Ocorre um esvaziamento do ego, passando para um desvio nos interesses comuns deste, o que torna central o aspecto da dor. Em relação à dor mental, a catexia narcísica<sup>26</sup> é substituída pela catexia do objeto. Dessa maneira a dor da perda do objeto ocasiona a ansiedade e o sentimento de desprazer, o que leva, em seguida, para a etapa do luto, momento de desligamento da energia libidinal ao objeto perdido, motivando assim todas as recordações e lembranças, enquanto o desvínculo é realizado.

Com isso se percebe o quanto estão ligados os afetos diante de situações dolorosas: a dor da perda, a ansiedade e o luto. Nesta tríade, o luto consiste em um sistema final de

---

<sup>26</sup> A catexia narcísica é a concentração de energia voltada ao próprio ego.



reorganização e desligamento do objeto perdido, para, enfim, o sujeito poder seguir “livre e desinibido” (FREUD, 1996, 251) outra vez em suas relações.

Sobre essa perspectiva do luto freudiano descrito até aqui, Lacan (1997, p. 377) assevera que “Freud nos faz observar que o sujeito tem que realizar uma tarefa que seria de alguma forma consumir, pela segunda vez, a perda provocada pelo acidente do destino, do objeto amado”. Haveria, portanto, uma perda real e outra simbólica a ser realizada pelo ego.

Lacan aborda o tema do luto sob o aspecto da angústia da perda, de forma a somar com o conteúdo explicado por Freud. A perda, que instaura logo em seguida o luto, pode ser tanto de pessoas, coisas, ou ideias, ou seja, de conteúdos concretos ou abstratos. Lacan também reflete sobre o contexto da perda e a angústia no Seminário X<sup>27</sup>.

Por sua vez, em Freud (1996) o luto ocorre através da perda do objeto de amor e passa pelo processo de desinvestimento da energia narcísica quando o objeto amado é extinto. Ele é caracterizado por um período de reorganização da energia do eu. Em Lacan a perda se dá pela imagem do objeto e o processo do luto se dá pela via da manutenção do laço estabelecido ao *objeto a*<sup>28</sup>.

A manutenção ocorre, pois o que se perde, na verdade são os traços do *objeto i(a)* (do narcisismo) que recobrem o *objeto a*. Quanto à situação, a angústia e a perda são substituídas por outra imagem para o objeto. Assim, em Lacan (1997, p. 368) fica claro que “o Outro, por essência, está sempre lá, em sua plena realidade, na medida em que ele toma presença subjetiva”, de modo que, assim, o vínculo não se rompe na situação de perda, ele se modifica.

O processo de luto para Lacan torna o *objeto a* presente no processo elaborativo, pois o que se configura é uma substituição para um outro, que em seu valor será o mesmo do que primeiro ocupou aquele lugar.

É essa ligação com o objeto fundamental que se trata de restaurar, o objeto mascarado, o *objeto a*, verdadeiro objeto da relação ao qual, em seguida, um substituto poderá ser dado que não terá, no final de contas, mais dimensão que aquele que, de início, ocupou o lugar. (LACAN, 1997, p. 377)

Seja em relação à ideia, pessoa ou objetos, as substituições se darão na forma de apaciar a angústia. Mesmo compreendendo que “a angústia não é sem objeto” (LACAN, 1997,

<sup>27</sup> A angústia – Seminário de 1962 – 1963.

<sup>28</sup> “Esse *objeto a* para o qual nos orienta o aforismo (...) concernente à angustia: que ela não é sem objeto. Por isso que, esse ano, o *objeto a* vem ao centro do nosso propósito. E efetivamente ele se inscreve no quadro, do qual tomei como título como sendo a angustia, é justamente considerando que é essencialmente por esse viés que se é possível falar dele, o que quer dizer ainda que a angustia é a sua única tradução subjetiva”. (LACAN, 1997, p. 107)

p. 107), ela orienta e antecipa a perda. Lacan (p. 367) aponta que para Freud ela se caracterizaria como um “perigo vital”. Contudo, para ele próprio, a angústia se instaura como um grito, compreendendo que “a angústia não engana” (LACAN, 1997, p. 354) e que aquilo que se desdobra com ela é um ponto de partida diante do evento doloroso.

Esta manifestação da angústia coincidindo com a emergência do mundo daquele que será o sujeito, é o grito. O grito do qual situei, há muito tempo, a função como relação, não original, mas terminal com o que devemos considerar como sendo o coração mesmo desse outro, na medida que em um momento, ele termina para nós como o próximo. (LACAN, 1997, p. 368)

Esse momento de angústia após a perda equivale a pouca mobilização de elaboração inicial, e revela um terror da própria extinção. Lacan diferencia o luto da melancolia, assinalando que nesta última há uma relação alienada do sujeito com o objeto, o que torna o rompimento mortífero para o ego, pois existe uma identificação do sujeito ao *objeto a* que poderia direcionar o indivíduo ao suicídio, como forma última de equidade do indivíduo ao objeto perdido. Isso se destaca então como um processo de luto patológico, pois a melancolia é tida como uma psicose<sup>29</sup>, de maneira que existe no sujeito um embaraço na situação de perda.

Por fim, as amarrações e substituições são instituídas no luto pelos sujeitos de maneira individual, estabelecendo-se a partir de ritualizações ou organizações particulares, lembrando que na sociedade ocidental não se considera saudável e natural o sujeito se manter vinculado ao objeto perdido, fazendo com ele um vínculo alienante, então se faz necessário dar novos encaminhamentos aos vínculos e afetos que eram destinados ao sujeito extinto. Estabelecimentos de novos vínculos ou manutenção e se responsabilizando com materiais deixados por quem partiu: sejam objetos, projetos ou prole, compreendendo como parte daquele que não está mais fisicamente ali na relação. Desta forma, é pensar que o processo da mobilização de afetos é intrínseco e individual, mas a necessidade e a ordem que mobiliza a circulação e esta transformação se dá por uma necessidade social, onde a superação é o caminho solicitado pela coletividade. É necessário ressignificar a perda e voltar às atividades sociais.

Pensar na importância desta reflexão, e da elaboração da teoria psicológica para o comportamento do indivíduo sobre a perda e luto, mobiliza uma reflexão prática vinda no tópico a seguir, na vertente da perda e do episódio que impacta um contexto grupal, que é a tragédia. No qual a vivência do luto se dá a partir da ressignificação da perda (ou mesmo compreensão

---

<sup>29</sup> LAPLACHE, 1993, p. 293.

Freud situou a melancolia entre a neurose e a psicose como a “neurose narcísica”, no entanto atualmente condicionou-se como um quadro da psicose.

da tragédia) e manutenção do vínculo, através de homenagens e celebrações, que são bases para a elaboração e vivência do luto, como foi visto acima.

### 3.3.2. Tragédia, Trauma e Luto

Quando o pulsar para, o respirar cessa e a vida se esvai, se instaura uma experiência trágica na vida dos sujeitos próximos àquele que morreu. Quando esse evento ceifa diversas vítimas e causa medo a um grupo social, levando a uma mudança na rotina de quem esteve diretamente ligado a ele, torna-se mais evidente imaginar essa situação como uma tragédia ou catástrofe.

Para clarificar como os eventos trágicos provocam diversas mudanças sociais, tanto estruturais como subjetivas, serão apresentados dois casos: um ocorrido nos Estados Unidos e outro aqui no Brasil. Esses eventos foram escolhidos para essa explanação devido ao impacto que trouxeram: um transformou toda a forma das gerações seguintes pensarem e os cuidados redobrados à vida e segurança, e o outro, um desastre ambiental ocorrido no Brasil em 2015, que chamou a atenção do estado de Minas Gerais e do próprio Brasil que se mobilizou em prol das vítimas desabrigadas.

No dia 11 de setembro de 2001, 19 homens sequestraram quatro aviões<sup>30</sup> comerciais dos quais dois se chocaram propositalmente contra as torres gêmeas do World Trade Center, em Nova Iorque. Esse foi um acontecimento traumático que parou o mundo por sua imprevisibilidade de ocorrência, pela quantidade de vítimas e pelos impactos causados a toda uma grande população mundial.

Nesse ataque, além dos 19 terroristas, mais 2.996 pessoas morreram, entre as que estavam no avião e nos edifícios alvos do choque<sup>31</sup>. Os sobreviventes que lá estiveram e viram o ataque de perto ficaram impactados pela dor (da perda de colegas e amigos) e pelo medo de novos ataques, assim como toda uma população americana, que não esperava por um ato desse tipo. Esse evento trouxe reformulação na vida não apenas de americanos, mas de habitantes de várias partes do mundo, que passaram a ver o outro como possível risco, o policiamento das ruas se intensificaram, e todos passaram a ser visto como “possíveis suspeitos” a cometer atentados, intensificando dessa maneira, o distanciamento interpessoal.

---

<sup>30</sup> Dois deles se chocaram contra as duas torres, o terceiro avião colidiu contra o pentágono e o quarto caiu em campo aberto.

<sup>31</sup> Segundos dados do site: <http://historiadomundo.uol.com.br/idade-contemporanea/11-de-setembro.htm>, acesso em: 15 de out. 2015.

Muitas vezes, quando a compreensão da perda escapa e o racional não ganha um formato perceptível aos sujeitos, a arte vem auxiliar no processo de luto, pois a circunstância se colocou como de difícil assimilação. Por isso, nesses 14 anos, livros e filmes<sup>32</sup> retrataram essa história que trouxe traumas à muitas famílias e comoção mundial.

Outra tragédia, em um contexto diferenciado, que trouxe impactos e preocupações a toda uma população foi a ocorrida em 2015 no Brasil, no estado de Minas Gerais. No dia 05 de novembro de 2015 uma grande quantidade de água e lama cobriu todo o Distrito de Bento Rodrigues, em decorrência do rompimento de duas barragens da mineradora Samarco. Além da multa aplicada pelo IBAMA sobre a mineradora, esta também será obrigada a indenizar os atingidos, além de arcar com a reconstrução do local afetado. Um acidente ambiental que deixou vítimas e momentos de terror. A tragédia de Mariana é um dos maiores desastres ambientais ocorridos no Brasil, pois matou 21 pessoas<sup>33</sup>. O grande impacto se deu em perspectivas variadas, como meio ambiente, saúde e alocação dos moradores do distrito de Bento Rodrigues, submergido pela lama. Em consequência, foi estipulada uma ação judicial de R\$2 bilhões pelo ministério do Espírito Santo<sup>34</sup>, atentando para a tentativa de contabilizar as perdas, uma vez que para os moradores enlutados não há valor que ressarça a vida perdida por efeito da tragédia. Em matéria publicada pela revista *Veja* (2015)<sup>35</sup>, alguns dos sobreviventes narraram os minutos que se seguiram em sua fuga e salvamento. Os moradores alegaram que se ouvia “gritos e choros” enquanto a lama se aproximava e a única reação que tiveram era procurar uma rota de fuga. Um segundo estabelece os sujeitos que se salvam e os que são soterrados pela lama, e depois vem a compreensão do que se passou e a dor de saber de que houve vítimas, pessoas conhecidas e próximas de alguns. Pessoas que não conseguiram sair a tempo.

Em situações assim existem vivências coletivas das perdas dos objetos, das pessoas e das representações que se possuía para aquela sociedade. Quando tragédias desse tipo ocorrem,

---

<sup>32</sup> Alguns filmes que retrataram a tragédia foram: **Fahrenheit 9/11** de 2004. **Voo United 93** de 2006. **As Torres Gêmeas** de 2005. **11 de setembro** de 2002. **Guerra ao terror** de 2008. **Segredos de estado** de 2006. **People – Histórias de Nova York** de 2005 dentre outros filmes. Alguns dos livros: *À Sombra das Torres Ausentes* - Art Spiegelman. *102 Minutos - a história inédita da luta* - Jim Dwyer e Kevin Flynn. *With their Eyes* - Annie Thoms e Taresh Batra. *O Jardim dos Últimos Dias* - Andre Dubus III. *Homem em Queda* - Don DeLillo. *A Terrorista Desconhecida* - Richard Flanagan. *11 de Setembro* - Noam Chomsky. *O Vulto das Torres* - Lawrence Wright dentre outros livros.

<sup>33</sup> Segundo informações de: [http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Rio-Doce-1-Ano-de-Lama-e-Luta/?gclid=CjwKEAiAmo\\_CBRC9qbGQssjqj28SJABYTgZxF0gwbXCKJJ48R8Ma2Yj8Hb7aOa5iVNL163qSxv3kBoCBK\\_w\\_wcBl](http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Rio-Doce-1-Ano-de-Lama-e-Luta/?gclid=CjwKEAiAmo_CBRC9qbGQssjqj28SJABYTgZxF0gwbXCKJJ48R8Ma2Yj8Hb7aOa5iVNL163qSxv3kBoCBK_w_wcBl)

<sup>34</sup> De acordo com <http://g1.globo.com/espírito-santo/desastre-ambiental-no-rio-doce/noticia/2016/02/vale-e-samarco-sao-citadas-em-acao-judicial-de-r-2-bi-no-es.html>, acesso em: 23 de fev.

<sup>35</sup> Disponível em: <http://veja.abril.com.br/complemento/brasil/para-que-nao-se-repita/>

a localidade afetada se modifica completamente, e a própria sociedade também sente as mudanças.

Quando os objetos perdidos tinham uma significação memorial – a residência dos ancestrais incendiada, um monumento saqueado, os tesouros sagrados dos ancestrais vampirizados pelos turistas – a memória comunitária é também manchada com tinta negra e o Si<sup>36</sup> fica em frangalhos. Semelhantemente, nas localidades engolidas por uma inundação ou varridas do mapa, a coletividade enlutada não poderia se limitar ao luto dos campos afogados, das residências submersas, da igreja ou mesquita devastada: ela precisa igualmente se repensar. As representações reflexivas da coletividade foram perturbadas. (METREAX, 2011, p. 185)

A tragédia é um evento traumático que ocasiona dor e medo entre as vítimas. Metraux (2011) apresenta dois tipos de tragédias que ocorrem na vida dos sujeitos: tragédias mortíferas e tragédias criadoras. A mortífera pode ser exemplificada pelos eventos citados acima. Um grupo social, por vezes sem vínculo com os sujeitos mortos, se apavora e se solidariza diante da situação trágica. Além disso, os mais próximos podem desenvolver comportamentos traumáticos após a ocorrência, tais como a ansiedade ou o temor excessivo sem razões aparentes.

Os traumas equivalem à negação da perda, somada ao terror das lembranças da situação trágica. A negação se coloca devido à maneira abrupta da retirada do “objeto amado” e da ausência do trabalho do luto. Quando isso ocorre, as lembranças, os sonhos (pesadelos) e o *flashback* indicam uma reminiscência da dor e do pavor da perda, pois para o ego o objeto ainda existe e por isso há ainda o temor pela sua extinção.

Metraux (2011) especifica a existência de comportamentos sintomáticos após as vivências traumáticas decorridas de tragédias. As respostas imediatas de pânico apontam ao medo de uma reincidência do fenômeno funesto e são indicativos de autopreservação. Como no exemplo citado pelo autor, do estado de alerta máxima, o qual chamou de hiper vigilância, estado que:

parece, contudo, fisiológico. Como espera prolongar uma sobrevivência agarrada à lembrança, o sobrevivente assegura-se continuamente de que um inimigo não esteja ao seu redor. Até os sonhos mal assombrados e os despertares sobressaltados permitem romper os sonhos por demais longos tão propícios aos que atacam. As expressões sintomáticas do traumatismo constituem então uma reação mais do que normal, até mesmo sã e bem-vinda, numa situação anormal (METRAUX, 2011, p. 48)

---

<sup>36</sup> Metraux em sua análise faz a distinção entre luto de Ti e luto de Si Para o autor o luto de Ti consiste na perda do objeto e a dor relacionada a esse processo. O luto de Si possui o sentido do processo de desinvestimento que o indivíduo precisa fazer do objeto perdido (pois há um envolvimento e uma perda parcelada do eu nessa situação) e as implicações que se relacionam nessa instância. Ele deixa claro que no falecimento de um ente querido os dois processos ocorrem simultaneamente na vivência do luto.

O que pode ser extremamente doloroso e desconfortável ao sujeito devido à reminiscência, na realidade são “estados de sobrevivência” (METRAUX, 2011). Até o ego ressignificar a situação vivenciada e o luto ser elaborado quanto à tragédia ocorrida, memória, emoção e o corpo estarão em alerta para se proteger.

Em contrapartida aos enredos do trauma, a tragédia criadora se constitui em uma passagem de elaboração da situação traumática. O aspecto de “criação” se refere a mobilização subjetiva e social que o luto permite, pois há a compreensão de que a situação dolorosa existiu e passou, e que novas possibilidades de viver aparecem para o enlutado. As revivências através das lembranças e sonhos se constituem como perceptivo de que “o objeto amado” não existe mais, o que ficou foi apenas o traço mnêmico de sua existência e a saudade dos momentos juntos.

#### 3.4. OS RITOS NA VIDA SOCIAL

As relações sociais se dão a partir de representações, no qual os atores “interpretam” seus personagens e continuamente protegem suas fachadas<sup>37</sup>, é isso o que alerta Goffman (2013), para ele existe uma contínua necessidade dos sujeitos usarem máscaras que estejam de acordo com a circunstância interpretada. Dessa forma, pensar nos ritos também é estar atento às mudanças que esse cenário, com regras de dramatizações estabelecidas, solicita dos atores.

Nas interações emitidas, a expressividade do indivíduo se dá a partir de uma “gama de ações, que os outros podem considerar sintomáticas do ator” (GOFFMAN, 2013, p. 14). Dessa forma, os atores podem passar informações errôneas, nesse caso, por dissimulação. Quando inicialmente, se reflete os ritos e em específico os ritos funerários é necessário estar atento à representação para que esta não seja uma representação falsa<sup>38</sup> na qual a maior punição para o ator é o seu flagrante e a humilhação social diante dessa escandalosa exposição e incongruência do personagem.

---

<sup>37</sup> Goffman (2012, p. 14) define a fachada como uma “uma imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados – mesmo que essa imagem possa ser compartilhada, como ocorre quando uma pessoa faz uma boa demonstração da sua profissão ou religião ao fazer uma boa demonstração de si mesma.

<sup>38</sup> Mesmo em se tratando de uma representação, na qual espera-se que o ator crie atitudes de um personagem, Goffman (2013, p. 72) define a ideia de representação falsa ocorre “quando descobrimos que alguém com quem lidamos é um impostor, um rematado velhaco, estamos descobrindo que ele não tinha direito de representar o papel que desempenhava e não era um ocupante credenciado da importante posição social. Presumimos que a atuação do impostor, ademais de fato de representa-lo falsamente, será enganosa em outros aspectos, mas frequentemente o disfarce é descoberto antes que possamos perceber qualquer outra diferença entre a falsa atuação e a legítima, que a primeira simula.

Nos ritos funerários, que serão vistos mais adiante, existe uma expectativa da plateia para que ocorram determinadas emoções e suas correspondentes expressões. Nessa situação, a maior cobrança da exposição de sofrimento e dor recai sobre os familiares e amigos próximos ao morto. Nos ritos seculares, também existe a cobrança da crença e uma boa interpretação dos indivíduos em seu processo ritualístico. Mas, inicialmente, é necessário compreender a diferença existente entre os ritos seculares e religiosos.

Os ritos são organizadores da vida social, neles as mudanças são vividas, percebidas e celebradas pela coletividade. Genep (2011) retrata que existem ritos de passagem que são demarcadores do espaço de transição e transformação na vida do sujeito. No entanto, quando se pensa nos ritos e eventos ligados aos rituais, na maioria das vezes é associada a imagem dos ritos religiosos ou a rituais de tribos ou grupos distantes. É importante ressaltar que existem inúmeros ritos dentro da rotina social, que de tão cotidianos passam despercebidos a nossa visão.

Rodolpho (2004) destaca que existem os ritos seculares e os ritos religiosos. Os ritos seculares são os típicos das relações sociais: os civis, militares, de festividades dentre outros. Assim, desde a mais tenra infância a ritualística é introduzida na vida dos indivíduos sem que estes possam se dar conta, como no exemplo citado pela autora acerca dos ritos escolares, no qual “vivenciamos desde muito pequenos: os ritos de chegada (cumprimentos da professora e despedida dos pais), ritos de ordem (horários compartimentalizados pela sineta, espaços organizados por filas, de crianças e classes), ritos de atividades (ir ao quadro, ao pátio, falar e escutar em público)” (RODOLPHO, 2004, p. 141). Dessa maneira, o ordenamento e rotina seguidos pelas crianças na instituição de ensino funciona como ritual secular escolar.

Existe, segundo Rodolpho (2004), um modelo nos ritos que está ligado às performances no qual alguns eventos cotidianos se tornam ritos, servem para embasar os comportamentos diários de tão repetitivos e comuns que são. Sendo assim, essas ações expressam dos mais simples atos, até algumas festividades típicas e conhecidas no país, como no exemplo abaixo:

A ação ritual nos seus traços constitutivos pode ser vista como “performativa” em três sentidos; 1) no sentido pelo qual dizer é também fazer alguma coisa como um ato convencional [como quando se diz “sim” à pergunta do padre em um casamento]; 2) no sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação [um exemplo seria o nosso carnaval] e 3), finalmente, no sentido de valores sendo inferidos e criados pelos atores durante a performance [por exemplo, quando identificamos como “Brasil” o time de futebol campeão do mundo]. (PEIRANO, 2003, p. 11 *apud* RODOLPHO, 2004, p. 141)

Nos ritos existe o conhecimento dos eventos e ações posteriores, como também se fixa um padrão de repetição destes. Assim possuem uma função específica e ajudam a ocorrência de uma determinada situação. Num rito se utiliza a contextualização simbólica e cultural dos agentes envolvidos.

Gennep (2011) descreve que nas mudanças dentro do contexto grupal existem os ritos de passagem e o que se poderia pensar em ser processos individuais, tornam-se grupais, pois interferem na maneira da coletividade interagir e se reconhecer. O matrimônio por exemplo, é um rito de passagem e denota mudança, não apenas para os dois indivíduos que entraram em matrimônio, mas também para o grupo familiar de ambos também são influenciados por essa união.

Esses espaços de transição onde se celebram e realizam esses ritos situam-se em espaços vistos como sagrados. Sobre esses aspectos, como foi inicialmente explicitado no anteriormente, existem ambientes profanos e sagrados, estes últimos adquirem importância pelo que representam aos indivíduos, pois constituem novas fases e situações para os atores sociais. E nesses espaços de transição entre o espaço profano e sagrado;

ações e reações que devem ser regulamentadas e vigiadas, a fim de a sociedade geral não sofrer nenhum constrangimento ou dano. É o próprio fato de viver que exige as passagens sucessivas de uma sociedade especial a outra e de uma situação a outra, de tal modo que a vida individual consiste em uma sucessão de etapas, tendo por termino e começo conjuntos da mesma natureza, a saber, nascimento, puberdade social, casamento, paternidade, progressão de classe, especialização de ocupação, morte. (GENNEP, 2011, p. 24)

É através da *hierofania* que o sagrado se manifesta, e dessa forma os objetos, locais e personalidades tornam-se sagradas por sair da esfera profana, adentram e são necessárias em cultos de ritos importantes aos sujeitos. Assim, “encontramo-nos diante do mesmo ato misterioso: a manifestação de algo “de ordem diferente” – de uma realidade que não pertence ao nosso mundo – em objetos [e locais] que fazem parte integrante do nosso mundo “natural”, “profano””. (ELIADE, 1992, p. 13). Nesse processo que os objetos se modificam e tornam-se sacros como sugerido e necessários nos ritos.

Compreendendo que existem naturezas distintas para os ritos, Gennep (2011) classificou na seguinte tipologia: Ritos simpáticos e ritos de contágio, animista e dinamista, diretos e indiretos, como sendo ritos interdependentes.

Como destacou Gennep (2011, p. 25) os ritos simpáticos são os que se baseiam "na crença da ação do semelhante sobre o semelhante, do contrário sobre o contrário, do continente sobre o conteúdo e reciprocamente, da parte sobre o todo", como também da palavra sobre o ato, dessa forma, nos ritos simpáticos existem uma proximidade ao objeto. Já os ritos de



contágio se fundam "na materialidade e na transmissibilidade" das condutas inatas dos sujeitos ou apreendidos, e, pode ocorrer a partir do contato próximo ou à distância.

A ocorrência dos ritos pode ter ação direta ou indireta. Os ritos diretos possuem um efeito imediato, sem a necessidade da intervenção do agente, contrariamente ao que ocorre nos ritos indiretos, que necessita da intervenção de um agente, na realidade pede-se o auxílio de uma divindade ou força personificada, por exemplo, um deus, demônio, santos etc. No entanto, não existe uma relação direta de que os ritos simpáticos todos sejam animista ou que os ritos de contágio sejam todos dinamistas, na realidade são categorias que se organizam a partir de pontos de vista e organizações diferentes, mas que não se imbricam definitivamente, nem se excluem. Genep (2011, p. 30) conferiu grande importância aos ritos de passagem dividindo-os em: ritos de separação, rito de agregação, e rito de margem. Cada rito é específico para um evento;

Essas três categorias não são igualmente desenvolvidas em uma mesma população nem em um mesmo conjunto cerimonial. Os ritos de separação são mais desenvolvidos nas cerimônias dos funerais; os ritos de agregação, nas do casamento. Quanto aos ritos de margem, podem construir uma seção importante, por exemplo, na gravidez, no noivado, na iniciação, ou se reduzirem ao mínimo na adoção, no segundo parto, no novo casamento, na passagem da segunda para terceira classe de idade, etc.

No entanto, mais do que especificar as transições vivenciadas em cada grupo e cada rito, os ritos de passagem destinam-se a apontar uma transformação de uma condição à outra, tomando assim finalidades específicas de acordo com o significado a elas empregados.

Os ritos de passagem são marcos na mudança de uma etária à outra, assevera Eliade (1992), nele há ritos ao nascimento, casamento e morte. Para o autor, em cada um desses momentos há uma iniciação, pois existe uma mudança no regime ontológico e social dos indivíduos. No entanto, para Eliade (1992) os ritos de morte são mais complexos pois não é somente um "fenômeno natural", mas também existe uma mudança no regime ontológico e também social, no qual o morto precisa passar por etapas que dizem respeito ao espaço depois da morte, "mas deve também ser reconhecido pela comunidade dos mortos e aceitos entre eles" (ELIADE, 1992, p.89).

Vale destacar que os ritos de morte possuem a finalidade de celebrar a nova condição do morto e auxiliar os familiares nesse processo. Assim, existem diversos rituais relativos à morte de acordo com o contexto cultural, Eliade (1992, p. 89) descreve que os ritos possuem significados variados de acordo com as sociedades e culturas,

Para certos povos, só o sepultamento ritual confirma a morte: aquele que não é enterrado segundo o costume não está morto. Além disso, a morte de uma pessoa só é reconhecida como válida depois da realização das cerimônias funerárias, ou quando

a alma do defunto foi ritualmente conduzida a sua nova morada, no outro mundo, e lá foi aceita pela comunidade dos mortos.

A descrição sobre os distintos ritos fúnebres ganhou espaço também na obra de Genep (2011), o autor apresentou diversos rituais utilizados em muitas culturas, e isso gerou algumas críticas, como de DaMatta (2011, p. 19)<sup>39</sup>, apontando que Genep se preocupou mais com a quantidade de rituais do que com a qualidade “que certamente obteria se tivesse realizado uma análise profunda de uns poucos rituais”. Mesmo compreendendo a crítica, salienta-se a grande valia que a obra ganha pela riqueza de culturas descritas no seu texto.

Para se compreender melhor o significado e organização dos ritos fúnebres, alguns deles serão apresentados adiante como exemplos figurativos das maneiras existentes dos ritos de morte, até se chegar os ritos católicos, a que se destina essa discussão.

### **3.4.1. Ritos de Passagem nos Funerais – Ritos de Suspensão**

Quando se pensa nos ritos funerários, então imediatamente se imagina que da tríade de ritos de passagem indicadas por Genep (2011, p. 128) – ritos de separação, margem e agregação – concebe-se que o rito que ganha maior evidência e é mais utilizado seja o rito de separação, no entanto, o autor clarifica que “os ritos de separação são pouco numerosos e muito simples, e que os ritos de margem têm uma duração e complexidade que chega às vezes a lhes dar uma espécie de autonomia”. Assim, da maneira que foi analisada por Freud (1996) os ritos de margem se inseririam no processo de desinvestimento e reorganização da energia catexial no processo de luto, pois existe uma ritualística voltada a compreensão do ego sobre a ausência definitiva do objeto de amor, no caso descrito por Genep (2011) como constitutivo dos ritos de reintegração.

Genep destinou importância aos ritos de margem quando os situou numa sequência de ocorrências, inicialmente “preliminares os ritos de separação do mundo anterior, ritos liminares os ritos executados durante o estágio de margem e os ritos pós-liminares os ritos de agregação ao novo mundo” (2011, p. 37). Na realidade, os ritos de margem indicam uma posição de fronteira entre um mundo e outro. Assim há uma intercessão entre duas condições. Então, o primeiro local onde fica o morto precedendo os ritos funerários, já denota o estado de margem.

Sobre os ritos funerários, Genep já percebe as dificuldades existentes, pela multiplicidade de condições influenciadas pela idade, sexo condição e status social do sujeito. Além disso, existe uma variação de interpretações sobre o *post-mortem*, sendo assim, os ritos

---

<sup>39</sup> Que realizou a apresentação do livro Os Ritos de Passagem.

realizados sofriam essas mesmas variações. Alguns exemplos extraídos da obra de Genep (2011) ilustrarão como os ritos funerários se configuram em culturas distintas, e auxiliam a ultrapassar a liminaridade existente nos ritos de margem, e favorecer os ritos de reintegração aos vivos.

Nos ritos funerários na Indonésia ocorrem a cerimônia dos Toda, com a “incineração, conservação das relíquias e ritos de margem muito complicados” (GENNEP, 2011, p. 130) após a incineração das relíquias são enterradas as cinzas, em volta do local onde foram enterradas as cinzas, coloca-se um círculo de pedras em pé. Enquanto esse ritual ocorre, os mortos vão para um país subterrâneo chamado de Amnodr, realidade comum entre as outras tribos. Entre os Ostiaks de Obdorsk o morto é colocado em uma canoa, então esta é colocada na terra gelada e são depositados ao redor dela os utensílios que o morto precisará no outro mundo. As mulheres parentes do falecido fazem uma boneca parecida com o morto, vestindo e alimentando a boneca durante dois anos e meio se o morto fosse homem e dois anos se fosse mulher, depois disto coloca-se a boneca em cima do túmulo. A conservação da boneca coincide com o tempo de viagem do morto.

Genep (2011) desperta a ideia que a ida ao outro mundo é uma viagem que o morto enfrenta, daí para esse deslocar os vivos realizam ritos específicos, a relação dos egípcios com a morte e os ritos utilizados na crença da reencarnação e na viagem realizada pelo morto. Nas civilizações em distintas épocas se utilizaram dos mais variados ritos significando o seguro do morto fazer uma boa viagem até o além.

O que importa aqui é o morto, tendo de realizar uma viagem, os sobreviventes tomam cuidado de muni-lo de todos os objetos necessários, materiais (roupa, alimentos, armas e utensílios) ou mágicos-religiosos (amuletos, signos e senhas, etc) que lhe garantirão, como se fosse um viajante vivos uma marcha ou travessia e depois um acolhimento favorável (GENNEP, 2011, p. 133)

Os povos Haida, localizados na costa oeste do Canadá se utilizam da ideia das águas como espaço do traslado do morto até o mundo que o pertencerá a partir de em diante. Acredita-se que lhe é enviado uma jangada que se move sozinha, aportando na aldeia, o morto precisa ir em busca de sua mulher, pois ali cada um possui uma. O morto necessita que os vivos mandem oferendas e cânticos, para que ele possa entrar de cabeça erguida na aldeia. Para esses povos os mortos enviam riquezas aos vivos e nesse espaço onde estão existem danças e diversão, além de que os mortos podem morrer outras vezes, e cada vez que isso ocorre ele deixa sofrimento aos companheiros, como assevera Genep (2011, p. 135)

ao fim de certo tempo o morto aparelha uma canoa, reúne seus bens e no meio das lamentações de seus companheiros ele parte para o país chamado Xada. Essa é a

segunda morte. Depois de passar por uma terceira e uma quarta morte, e na quinta retorna à terra como mosca azul

Enquanto os mortos dos povos Haida enfrentam essas viagens e suas outras mortes, os vivos realizam ritos e o preparo para que estes encontrem o caminho corretamente. Gennep (2011) explica que os ritos para os mortos comuns são os seguintes: como os ritos fúnebres se pinta o rosto do morto, então se pinta o rosto do morto e lhe cobrem a cabeça com uma cobertura considerada sagrada, o morto ficará em posição sentada no caixão por seis dias. Enquanto isso, os povos do clã cantam hinos “mágicos especiais” inicialmente pelos membros do mesmo clã e depois pelos membros do outro clã. Em seguida é jogado no “fogo das lamentações” os utensílios que o morto precisará durante a viagem; tabaco, bebidas dentre outros recursos.

Como parte integrante dos ritos funerários o luto com sua complexidade faz parte das vivências dos ritos de passagem, sendo ele influenciado pelo momento histórico, cultural e social. Como manifestação dessa vivência os parentes dos povos Haida, raspam a cabeça e pintam o rosto com piche. Para retirar o caixão do velório, é aberto um buraco na parede por onde o corpo passa destinando a “casa funerária”, neste espaço só poderão conter os pertences dos membros do mesmo clã do morto. De acordo com Gennep (2011) estes são ritos profiláticos animistas quanto ao uso do caixão, cova e a abertura na parede, e profiláticos de contágio, pois durante o luto a esposa jejua por alguns dias, realiza banhos diários protegendo o rosto como processo dos ritos de luto.

Os ritos de luto são demarcados como ações após a situação de dor em decorrência da perda de um indivíduo de determinado grupo. Em algumas realidades, os familiares usavam uma marca comum para especificar a perda por morte.

Maranhão (1986, p. 8) descreve os ritos de luto que eram usados na sociedade brasileira após a morte de um parente ou amigo, no entanto atualmente estão em desuso; “fechavam as janelas, acendiam as velas, aspergiam água benta, cobriam os espelhos, paralisavam os relógios”. Já o morto possuía preparos específicos para os ritos de despedida. Ele precisava ser “banhado, unhas e cabelos aparados, vestidos e coberto pela mortalha. Com os dedos das mãos entrelaçados e envoltos por um rosário”, então o corpo ficava exposto durante alguns dias para a visitação de amigos e familiares. Após este momento, havia a procissão fúnebre no qual todos caminhavam lentamente no espaço onde o morto passaria a ficar, a partir daquele momento.

De fato, o que ocorre é que o luto se vincula aos ritos de margem, pois é nesse momento que os vivos se deparam com a realidade da perda e realizam atividades, nas quais possam

aceitar a morte e se despedir do morto, e assim poder seguir adiante, como destaca Genep (2011, p. 129);

Na realidade é um estado de margem para os sobreviventes, no qual entram mediante ritos de separação e do qual saem por ritos de reintegração na sociedade geral (ritos de suspensão do luto). Em alguns casos este período de margem dos vivos é a contrapartida do período de margem do morto. A terminação do primeiro coincide às vezes com a terminação do segundo, isto é, com a agregação do morto ao mundo dos mortos.

Após os ritos de margem e com os ritos de reintegração alguns sujeitos vinculam a crença de que suas ações possam criar uma situação benéfica para alma do morto, como percebido nos povos Haida e será visto adiante no catolicismo, no qual existe o que Lacan (1997) chama de manutenção dos vínculos, como a maneira de vivenciar o luto e perda do objeto de amor. Nessa perspectiva, a realização dos projetos e ações em prol do morto fazem parte da sua ritualística para superar os ritos de margem e finalmente chegar aos ritos de reintegração social.

Genep (2011) indica que o tempo do luto em algumas culturas coincide com o período em que o morto é agregado em seu novo mundo. Dessa forma, durante o luto existe uma vinculação entre o mundo dos mortos e dos vivos, e as regras quanto ao vestuário, jejuns, e outras ações ligadas ao luto cessam, a partir do rito de suspensão, considera-se o momento de reintegração dos vivos ao mundo social.

### **3.4.2. Ritos Fúnebres no Catolicismo**

Os ritos de morte especificam um momento de nova condição, e traduz-se também como um apoio aos que ficam. Os ritos católicos acalmam e confortam a partir da fé os enlutados, e sua ritualística favorece na reintegração dos amigos e parentes após a perda.

Enquanto que acima foi percebido que a morte em algumas culturas é vista como uma viagem, no qual os enlutados buscam com ritos auxiliar o morto na nova jornada, o Catecismo Jovem da Igreja Católica entende que “quem morre não viaja para “nenhures”, mas regressa à casa do amor de Deus, o seu criador” (CjIC – 155, 2012, p. 95). Isso ajuda a compreender que há nos ritos o conforto de quem espera um dia o reencontro com Deus, juntamente àqueles que partiram. Como expressa um cântico católico comumente entoado em celebração de morte:

A vida *pra* quem acredita, não é passageira ilusão  
E a morte se torna bendita, porque é a nossa libertação  
Nós cremos na vida eterna, e na feliz ressurreição  
Quando de volta à casa paterna, com o Pai os filhos se encontrarão  
No céu não haverá tristeza, doença, nem sombra de dor

No céu só haverá a certeza de viver feliz com o Senhor (KOLLING, Míria T., 1995)<sup>40</sup>

Essa letra reflete a crença de que a morte é uma espera festiva. Para os católicos a morte é vista com estímulo à coragem para que seja acolhida serena e confiantemente, sendo assim, a morte é um retorno à casa a qual se veio, a “Morada do Pai”. Segundo o catecismo da Igreja, seguido ao adeus aos parentes, amigos e valores deste mundo, a alma será conduzida ao local no qual todos estarão unidos e reunidos em torno de Deus:

O adeus ("a Deus") ao defunto é sua "encomendação a Deus" pela Igreja. Este é o "último adeus pelo qual a comunidade cristã saúda um de seus membros antes que o corpo dele seja levado à sepultura"; tradição bizantina o exprime pelo beijo de adeus ao falecido: Com esta saudação final "canta-se por causa de sua partida desta vida e por causa de sua separação, mas também porque há uma comunhão e uma reunião. Com efeito, ainda que mortos, não estamos separados uns dos outros, pois todos percorremos o mesmo caminho e nos reencontraremos no mesmo lugar. Jamais estaremos separados, pois vivemos por Cristo, e agora estamos unidos a Cristo, indo em sua direção... estaremos todos reunidos em Cristo". (CaIC, 1993, p. 396, 1690)

Em entrevista realizada com FUK (78 anos)<sup>41</sup>, um dos religiosos da Paróquia de São Francisco, igreja frequentada pelos moradores da Rosa Mística, ele afirma que é um momento de pura alegria. A espera máxima da vida de um cristão: voltar a casa Paterna.

*A morte é a passagem da morte para a vida, pelo menos nós cremos que Jesus nos libertou do pecado e da morte [pausa] com Jesus que venceu a morte. Nós, seus seguidores, teremos a sorte de ganhar a vida. De maneira diferente mais perfeita. O sofrimento desse tempo [pausa] não podemos comparar com o que nos espera na outra vida, que seremos mais realizados. O que nenhum olho viu ou coração sentiu, o que nenhum ouvido ouviu o que preparou Jesus. Vai superar nossas expectativas e seremos mais felizes, que não tem comparação [sorriso]. (FUK, 78 anos)*

Como fica claro na fala do informante FUK (78 anos) existe uma alegria em imaginar, não a morte, mas a consequência da morte como o encontro e realização da promessa de Jesus Cristo. Em uma lógica de que se perdendo essa vida é que se encontra a verdadeira alegria, na passagem para vida eterna. Cumprindo a promessa de uma vida eterna, em eterna alegria.

A diante serão analisados o velório, o ritual das exéquias e a missa de sétimo dia, o significado que possuem para a vida do católico e a atribuição prática desses ritos na representação do luto e perda.

<sup>40</sup> De acordo com o site contendo a discografia da irmã Míria T. Kolling: <http://www.irmamiria.com.br/Pages/Discografia.aspx?categoria=1>, o ano de composição da música data 1995.

<sup>41</sup> O senhor FUK um religioso de nacionalidade alemã, está no Brasil há 48 anos, em Campina Grande mora há 12 anos, ele conta esse tempo de estadia na cidade sempre esteve na paróquia de São Francisco de Assis do bairro da Conceição.

### 3.4.2.1. Velório

O velório é um espaço de visitação antes do corpo partir para o cemitério ou ao destino final especificado pelos familiares, como a cremação por exemplo. Não há obrigação do padre para esta celebração, por mais que seja litúrgica, ele pode ser conduzido por um celebrante sem ordenação. Este evento possui a finalidade de reafirmar a situação de mudança da alma do morto e a preparação da despedida, visto que ainda é possível contemplar o corpo do falecido, lhe dirigir orações e preces.

Os funerais são, pois, ritos que confirmam o passamento e consolam os que ficam, conferindo esperança. É a vista disso que tal cerimônia é chamada também de “celebração da esperança”. Porém, o que se espera com ela? Entre outras coisas, espera-se que, por meio deste ritual, que é a encomendação da alma a Deus, ela seja, de fato, recebida no Reino dos Céus. Essa característica inclusiva das exéquias, como ritos de passagem, esperança e consolo, encontra-se, à sua maneira, fundamentada e recomendada no Código de Direito Canônico (PEREIRA, 2012, p. 169-170)

Esse é um evento em que existe o que Goffman (2012) indica sobre as interações face a face. Nele o autor atribui regras invisíveis quanto ao estabelecimento das relações. No comportamento face a face, ele estabelece três unidades básicas de integração; *ocasião social*, *ajuntamento e situação social*. No qual a ocasião social retrata o evento em que mobilizará as pessoas a esse encontro, nesta reflexão, trata-se do velório, momento de despedida do falecido. Esta seria uma circunstância que a atenção deveria se voltar completamente para o morto, mas isso não acontece dessa forma. Dentre os presentes, existe a observação das condutas dos parentes e amigos, quem demonstra sofrimento, os comportamentos histéricos e os “exageros” diante do morto, além de que se observa também, quem não compareceu à cerimônia.

O ajuntamento, para Goffman (2012) é o conjunto de pessoas presentes à cerimônia, sendo a situação social o espaço da ocorrência do evento com os presentes, no qual o autor descreve que permanece como situação até a penúltima pessoa sair do espaço do evento.

O entrevistado LM<sup>42</sup> (38 anos) relata que sua infância e adolescência comparecia a todos os enterros que tinha conhecimento do bairro, não precisava ser necessariamente de pessoas conhecidas, ele simplesmente gostava de ir e ver as ações das pessoas durante as cerimônias. Diz que analisava o comportamento das pessoas durante o velório. Ele interpretava o cortejo fúnebre, que faziam para o cemitério, como um passeio, relata que na época muitas

---

<sup>42</sup> Afirmou ter passado grande parte da sua vida voltando a atenção para os ritos de morte, comparecendo as cerimônias de pessoas conhecidas e desconhecidas com o intuito apenas de saber como seria a reação das pessoas diante da morte e do morto. Um dado significativo foi a perda do interesse no tema, depois dos 30 anos, como afirmou. No 3º capítulo essas informações serão melhor extraídas e analisadas.

vezes iam a pé do Bairro da Conceição até o cemitério do Cruzeiro, Bodocongó caminhando, “empurrando a carreta<sup>43</sup>, com aquele mundo de gente atrás” (LM, 38 anos). Apenas diminuiu a participação nesses eventos depois de sofrer a perda do pai, e pode experimentar pessoalmente a vivência da morte, velório e tristeza da perda em sua casa. Atualmente apenas comparece a velórios de pessoas conhecidas, diz que depois dos 30 anos amadureceu e já não vê mais utilidade de participar de todos os funerais. Quanto a razão de acompanhar os velórios na infância e adolescência, ele relata:

*Era pela curiosidade, era pra ver a reação do povo, eu ia mais pra isso. Pra ver as reações do povo, entendeu? Reação emocional. E assim você podia comparar que no enterro do rico ninguém chora, no enterro do rico [simula uma respiração profunda] é só [silêncio]... No enterro do pobre é aquele alarme, o povo querer se jogar, e aquilo pra mim, eu achava tão interessante! [sorri] Eu chegava em casa me morrendo de rir e eu dizia “menino foi um teatro”, sempre tem comentários e nos de ricos não, nunca tem comentários, é óculos escuro e [simula mais uma vez a respiração profunda] e não, ninguém chora. (LM, 38 anos)*

Assim, o velório funciona também como espaço de interação e de observação dos enlutados, não apenas de despedida do morto. Mauss (1981) faz uma nota sobre obra chamada Lágrimas de G. Dumas (1920) intitulado *L'expression obligatoire des sentiments*<sup>44</sup> e indica que as lágrimas possuem a função de saudação, dessa maneira, existe uma obrigação moral oculta entre os familiares em fazê-lo, e quando isso não ocorrer de maneira espontânea cabe ao celebrante estimular essa ação dos presentes. Dessa forma, se compreende a observação do informante com um tom de crítica por não haver lágrimas nos velórios de pessoas ricas. De acordo com Pereira (2012) as lágrimas auxiliam nos ritos de despedida, na “acolhida e no envio do morto, simbolizando receptividade e, ao mesmo tempo, um tipo de identificação que beira o parentesco entre os que estão no espaço sagrado e onde se vela o morto”. Percebendo assim a representação, onde há morte o choro e a lágrima são obrigatórios, passando a ser chamativo quando não ocorre.

#### 3.4.2.2. Ritual das Exéquias

As exéquias é um conjunto de orações e ritos realizados pela igreja em situação de morte de um cristão católico. Os ritos compreendem tanto as cerimônias de encomendação até o depósito e oração final do rito fúnebre, esse é um direito dos cristãos, no entanto há restrição

<sup>43</sup> Carrinho utilizado para transportar o caixão.

<sup>44</sup> Expressão obrigatória de sentimentos



quanto o recebimento das exéquias na morte. O Código de Direito Canônico no II capítulo apresenta que:

Devem ser privados de exéquias eclesiásticas, a não ser que antes da morte tenham dado algum sinal de arrependimento: 1.º os apóstatas notórios, os hereges e os cismáticos; 2.º os que escolheram a cremação do corpo próprio, por razões contrárias à fé cristã; 3.º os outros pecadores manifestos, aos quais não se possam conceder exéquias eclesiásticas sem escândalo público dos fiéis. Se ocorrer alguma dúvida, consulte-se o Ordinário do lugar, cuja decisão se deve acatar (CIC, cân 1184, 1-2, p. 206)

Assim, como inicia o artigo, poderão receber as exéquias se houverem se arrependido pelas condutas, caso contrário será negado, e para estes “deve-se negar também qualquer missa exequial” (CIC, cân. 1185, p. 206), sendo assim não serão celebradas missa de corpo presente, sétimo dia ou mesmo solicitar intenção pela alma do morto em missas, mas para isso, segundo Pereira (2012) somente o bispo possui poder para especificar quem deve ser excluído dos ritos exequiais.

Vale compreender as diferenças existentes entre os tipos de celebração de morte para a igreja católica, o *Ordo exsequiarum* (rito das exéquias) (OEx) da liturgia romana propõe três tipos de celebração dos funerais, correspondendo aos três lugares onde acontece (a casa, a igreja, o cemitério) e segundo a importância que a ele atribuem a família, os costumes locais, a cultura e a piedade popular. ” (CaIC, 1993, p. 396). O informante FUK (78 anos) quando questionado se houve alguma mudança quanto ao rito fúnebre retrata que há um “manual chamado Exéquias” sendo possível algumas alterações quanto aos termos ou aplicabilidade do rito, sobre isso ele diz:

*Há atualização, muitas vezes as palavras são substituídas para tornar mais popular, para que os fiéis compreendam, mas existe um manual chamado de Exéquias, no qual os padres seguem um padrão quanto o rito realizado no velório, encomenda e/ou unção. (FUK, 78 anos)*

Para tanto, esse “manual” retratado pelo informante serve para ordenar o momento fúnebre conferindo um caráter padronizado nas celebrações de morte. Nas exéquias existe uma sequência de acontecimentos principais: A acolhida da comunidade, no qual há palavras destinadas aos familiares estimulando o apoio e consolo diante da dor, a liturgia da palavra, o sacrifício eucarístico, quando a celebração ocorrer na igreja, lembra-se que “Eucaristia é o coração da realidade pascal da morte cristã” (CaIC, 1993, p. 396, 1698) e finalizando com o adeus e elevando a máxima de que a alma do morto será conduzido para a luz da presença de Deus e que todos os irmãos se reencontrarão em seguida.

O velório e os ritos de exéquias são eventos de cunho religioso, mas também são atividades sociais que mobilizam o grupo em torno na pessoa falecida e familiares, como forma de prestar um último ato de solidariedade para com aquele grupo mais próximo ao morto e de homenageá-lo comparecendo a essa cerimônia, mesmo que não seja da mesma religião, até porque este é o último evento que o falecido proporcionará.

#### 3.4.2.3.Missa de Sétimo Dia

A missa de sétimo dia faz parte dos ritos fúnebres, e ocorre sete dias após o sepultamento do falecido. Essa é uma missa solicitada pelos enlutados e possui uma finalidade de elevar em oração a alma do morto, como também é um importante rito de passagem de acordo com Pereira (2012), pois nesse estágio a família esteve em suspensão de suas atividades convencionais, e a missa de sétimo dia realiza uma demarcação de tempo em que os familiares vivenciaram os primeiros momentos do impacto da perda e já podem, dessa maneira, voltar ao convívio social, o que Genep (2011) considera como um estado de margem aos enlutados, demarcado pelo encerramento com os ritos de suspensão e início dos ritos de reintegração.

De acordo com Pereira (2012) não existe uma explicação exata para a missa de sétimo dia, o autor alega que existe uma grande utilização simbólica da bíblia para essa numeração, no entanto, as especificações do rito de sétimo dia não ficam mais explicados. No entanto, o senhor FUK (78 anos) explica que há uma forte demanda familiar e social por essa celebração, visto que em muitas circunstâncias, devido a uma morte repentina, parentes e amigos mais distantes não podem comparecer aos ritos exequiais, mas a missa de 7º ou de 30º dia são muito mais povoadas, pois permite tempo dos parentes mais distantes comparecerem ao rito litúrgico.

*Na missa de 7º dia é importante durante a missa falar do falecido. Na maioria das vezes a missa de 30º dia tem mais gente do que no enterro e na missa de 7º dia, pois é o tempo da família noticiar a morte e os parentes poderem comparecer. (FUK 78 anos)*

Dessa maneira, como descreve Pereira (2012) essa é uma celebração de grande importância para os familiares, mesmo que se compreenda a grande estima que possui um religioso falar do morto durante a cerimônia, na fé dos fiéis é honroso e dignificante diante dos amigos também o é para alma do falecido seja completamente entregue a Deus. Este é um rito que estabelece a completa compreensão de suspensão dos comportamentos mais reservados dos familiares, visto que o morto já encontra-se assim na “morada eterna”.

## COM ISSO...

A morte e os processos de luto demarcam uma transição na lógica da fé cristã, e é acolhida pelos fiéis católicos com dor, mas grande esperança. A dor que a perda ocasiona é indubitável, mas percebe-se uma fala de conforto quanto a expectativa do reencontro entre os que aqui ficaram e os que partiram.

Os ritos fúnebres de margem que são realizados após a vivência da morte ajudam no desinvestimento da energia investida em torno do indivíduo que faleceu, como também demanda que os vínculos sejam mantidos através do cumprimento de promessas feitas ao morto, na realização de algum compromisso deixado por ele ou objetivos mencionados em vida, criando, a partir da perda, uma continuação das ideias do falecido mesmo após a morte.

Destarte, o luto passa da vivência individual para a interação de uma representação social, pois necessita desse aporte coletivo, o acolhimento que o processo reintegrativo exige. O grupo social do morto também passa por essas transformações, pois na morte não é apenas uma única vida que se modifica, existe uma complexa linha de vínculos que é rompida e também precisa ser reordenada, ou seja, também passar pelo luto.

#### 4. SOBRE A URBANIDADE: REFLETINDO OS CONFLITOS E DESENVOLVIMENTO DA COMUNIDADE ROSA MÍSTICA NA REALIDADE CAMPINENSE

A cidade são as ruas e as praças, mas é sobretudo a alma. Essa coisa imanente, as peculiaridades que todos sentem e poucos sabem definir, seu maior encanto, Campina é essa originalidade. Parece com tudo e não se iguala a nada.

(José Américo de Almeida)

Neste terceiro capítulo, *Sobre a urbanidade: Refletindo os conflitos e desenvolvimento da Comunidade Rosa Mística na realidade Campinense*, será apresentado mais detalhadamente o local onde ocorre a pesquisa, e poderemos saber um pouco da sua história e paisagem urbana. Dessa maneira, se conhecerá os conceitos de urbanização apontados por alguns autores como Wirth, Park, dentre outros, o processo histórico de desenvolvimento da cidade de Campina Grande à luz da urbanização e finalmente conheceremos a Comunidade Rosa Mística. Assim, será importante também compreender a mobilização advinda da “vida contábil”, conceito criado por Simmel (2005) que ficará mais claro adiante, e sua relação com o crescimento urbano, situando na realidade na cidade de Campina Grande.

O processo de urbanização que adentra na comunidade Rosa Mística, antigo “Buraco da Jia” se dá parcialmente, pois não foi toda a comunidade contemplada com as melhorias adotadas nesse processo, mas essa é uma luta que ainda continua naquele contexto. Os moradores da comunidade aguardam pela intervenção e conclusão dos projetos a eles apresentados há alguns anos.

Algumas ruas e espaços da Comunidade foram reavivados com o processo de urbanização local, a partir de um breve olhar dos órgãos públicos que melhoraram um pouco a situação de quem se via marginalizado e sem condições básicas de sobrevivência, realidade mais claramente sentida em dias de chuva, quando os moradores tinham seus lares invadidos pelas águas e lama, pois alguns fincavam moradia à beira do Riacho das Piabas.

A igreja católica, que fortemente auxiliou os moradores no seu processo de urbanização, e ainda colabora na superação dos obstáculos diários, subsidia a busca de mobilização social nas causas de dificuldade como a poluição existente no espaço e a inserção dos jovens em risco de envolvimento com tráfico em atividades religiosas, mas também é a igreja que traz conforto nos ritos funerários quando algum morador é abatido pela morte.

#### 4.1. A CIDADE E O URBANO: CONCEITOS DE DESENVOLVIMENTO

Refletir sobre a cidade é também pensar em seu processo histórico e social, no qual a base de compreensão de suas funções se dá a partir do contexto de desenvolvimento. A cidade pode ser um espaço principalmente destinado desde o desenvolvimento da agropecuária até o de industrialização. O processo de urbanização se diferencia em cada espaço e deixa marcas e características específicas do seu contexto urbano, que ocorre a partir da pavimentação, construções de prédios, iluminação e o fluxo de pessoas e mercadorias nos centros, movimentando seus moradores e o capital.

A construção do espaço urbano para Weber (1967) se dá a partir do mercado econômico, no qual há um intercâmbio regular de mercadoria, como elemento essencial de geração de lucro e abastecimento dos moradores que habitam na localidade.

Toda cidade no sentido que aqui damos a essa palavra é um “local de mercado”, quer dizer, conta como centro econômico do estabelecimento com um mercado local e no qual em virtude de uma especialização permanente da produção econômica, também a população não-urbana se abastece de produtos industriais ou artigos de comércio ou de ambos e, como é natural os habitantes da cidade trocam os produtos especiais de suas economias respectivas e satisfazem desse modo suas necessidades. (WEBER, 1967, p. 68)

Nesse contexto, Weber (1967) explica que existem tipificações para cidade de acordo com o critério de produção e consumo dos moradores. A cidade é de consumidores quando existe um poder aquisitivo que circunda os seus moradores, favorecendo o fluxo do capital. Já a cidade é de produtores quando o poder aquisitivo está situado nas fábricas e indústrias que abastecem o exterior. É importante ressaltar que Weber pensou a formação das cidades a partir do contexto das cidades de principado e das aldeias. Para o autor a sede de principado se colocava como centro onde existia uma indústria ou especializações de produção para satisfazer as necessidades econômicas dos moradores (nativos).

Da mesma maneira, Park (1967) assevera, como Weber (1967), que a cidade é uma unidade econômica. A economia urbana mobiliza uma rede de sociabilidade e funções profissionais regendo toda uma ordem administrativa “organicamente relacionada, uma espécie de mecanismo psicofísico no qual e através do qual os interesses políticos e particulares encontram expressão não só coletiva, mas também incorporada” (PARK, 1967, p.26).

No entanto, Park (1967) não limita sua reflexão à conceitualização da cidade como um conjunto de instituições e dispositivos administrativos, ou de relações econômicas. Na realidade ela é um estado de espírito, “um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição” (PARK, 1967, p.25).

Esses costumes são compreendidos como suas características e diferenciam das demais pelos aspectos culturais e tradicionais que povoam suas ruas.

Por isso, deve-se também refletir sobre a relação entre os processos vitais dos sujeitos e a cidade, que deixam marcas em seus costumes e crenças funcionais. Park (1967) acredita que existe uma organização tanto moral como física da cidade, e essas duas interagem a fim de firmar uma característica cultural local. Essa seria uma forma de distinguir o funcionamento e atributos de cada *urbe*.

Compreendendo que há variações quanto ao funcionamento e características de cada cidade, é importante salientar que em locais com intensa movimentação e desenvolvimento é comum os sujeitos exigirem melhores condições das instituições dos quais costumam consumir seus produtos, e a lógica funcional da cidade cresce com a perspectiva de melhoria no oferecimento de serviços, intensificando assim, as condições de trabalho, vida, saúde (os centros de atendimentos médico são melhor equipados e atualizados nas grandes cidades) e educação. Pensando assim, os espaços urbanos são resultados das construções que oferecem aos seus moradores, mas o reflexo das exigências que compõe a coletividade.

Dentro desse contexto, vale ressaltar que as subjetividades modificam a urbanidade e são modificados por ela também. Quando se reflete na praticidade moderna, com a forte quantidade de informação e a atenção voltadas para a ciência – como meio de desenvolvimento possível, solicitado, inclusive, pela população - a vida anímica pode-se tornar secundarizada, ou seja, o indicativo da vida espiritual ignorada, pois os indivíduos desacreditam nos aspectos mágicos existentes em ritos e acontecimentos ligados ao sobrenatural e religioso. Em razão da aceleração urbana, a crença se dirige ao que a ciência comprova e pode ser atestado. É o que Weber (sa, p. 14) identifica como a busca de “progresso”, em que a ciência se insere como elemento e força propulsora”, causando o desencantamento e racionalização do mundo, no qual os ritos são dessacralizados e a vida espiritual não tem mais evidência na rotina dos sujeitos.

A agitação urbana, retrato de intensas atividades dos indivíduos, faz com que os sujeitos dediquem tempo e atenção às ocupações pessoais (vida profissional, acadêmica), ocasionando uma diminuição nas relações de grupos e tornando-os mais individualistas. Isto é evidente nas grandes cidades, nas quais as relações passam pelo aspecto da demanda *versus* necessidade numa lógica econômica. Simmel (2005) afirma que o espírito moderno se tornou contábil, pois passa a secundarizar a vida anímica, dando enfoque à vida econômica, baseando as relações na demanda e necessidade mercantil.

Nessa relação de valorização ao aspecto mercantil, muitos centros urbanos se desenvolvem, no entanto, é importante refletir sobre esse processo de maneira mais variada e dinâmica, pois em si pode agregar diversas condições de possibilidade de desenvolvimento. O urbanismo se tornou um fenômeno que retrata a intensidade da vida moderna nas cidades grandes ou em crescimento contínuo. Segundo Wirth (1967), a urbanização ocorre com o crescimento das cidades de maneira instantânea e isso interfere nos modos de vida dos cidadãos. No entanto, o autor espera que não elimine, com isso, a associação humana que vigorava antes, ou seja os vínculos que eram mais fortalecidos entre os sujeitos de uma localidade, havendo uma maior rede relacional.

Quando os vínculos realizados pelos atores sociais adotam um formato adequado ao urbanismo, Simmel (2005) indica que no contexto urbano ocorre a heterogeneidade dos grupos na cidade, e dessa relação pode ocorrer o que o autor chama de ação recíproca, como a influência que cada sujeito exerce sobre o outro, com suas motivações diversas (interesses, fé, amor, agressão ou trabalho). Ele explica que é a totalidade conflituosa dessas relações que favorece a unificação do grupo, formando uma sociedade global.

Nessas sociedades onde existem interesses diversos, destaca-se que a economia capitalista rege o desenvolvimento urbano, se imagina a influência que o dinheiro pode exercer sobre os indivíduos, o capital financeiro pode especificar valor, espaço social, poder, além de mobilizar o interesse (destaque social e importância financeira) em determinados grupos e a apatia noutros. Vale salientar, a influência do capital econômico, riqueza e poder no movimento urbano, pois em alguns momentos se pensará, mais adiante, como a morte e os processos ligados a ela se relacionam ao dinheiro. Assim, quando o dinheiro torna-se central na lógica relacional dos indivíduos.

Vale salientar que a relação através da compra e venda sempre existiu na história. O desenvolvimento social e o câmbio fez parte do universo coletivo e o bem estar do homem, que através da troca poderia ter acesso a materiais de que não era dotado e não tinha habilidade para produzir. Porém, com o passar do tempo a relação de câmbio se modernizou e intensificou, transformando os contatos entre produzir e consumir contínuos, dando ao indivíduo o valor do que ele compra. Nas cidades capitalistas os vínculos, contatos pessoais e as relações de sociabilidades de importância podem se desprender e ficar fragilizados, pois onde se cobra intensa produção, acaba por não “dar mais tempo” de voltar a atenção aos contatos pessoais.

Dessa forma, Simmel (2005, p. 580) assinala que nas grandes cidades o espírito moderno passa a ser o espírito contábil:

Somente a economia monetária preencheu o dia de tantos seres humanos com comparações, cálculos, determinações numéricas, redução de valores qualitativos a valores quantitativos. Mediante a essência contábil do dinheiro chegou-se, na relação dos elementos da vida, a uma precisão, a uma segurança na determinação de igualdades e desigualdades, a uma univocidade nos acordos e combinações – tal como, externamente, foi propiciado pela difusão geral dos relógios de bolso.

Nas cidades, o “dinheiro é o principal artifício pelo qual os valores foram racionalizados e os sentimentos substituídos pelos interesses” (PARK, 1967, p. 39), porque com o dinheiro, seu portador passa a possuir poder e maior *status* no grupo social. Compreendendo que a cidade de Campina Grande não adentra no conceito de grande centro urbano e no mesmo ritmo de desenvolvimento de capital, mesmo assim algumas relações ao que foi anteriormente exposto estão inseridas nessa cidade, o que pode ser um fator que chama atenção, principalmente quando as falas nesse contexto estão naturalizadas dentro de uma comunidade periférica. Como foi percebida na fala de uma das informantes da Comunidade Rosa Mística, pois a relação com o dinheiro é sentida pelos moradores inclusive nas situações de morte, no qual os velórios de pessoas mais abastadas financeiramente são mais frequentados do que nas pessoas mais humildes. Quando diz:

*Mas depende muito do poder financeiro da pessoa, as vezes é uma pessoa pobre por mais que goste nem vai, mas quando sabe que é um rico, as vezes nem conhece mas vai. (JFJC, 53 anos)<sup>45</sup>*

Assim, a moradora informa em sua narrativa que o dinheiro desempenha um importante papel na lógica da Comunidade na situação da vivência da morte e despedida. Trazendo *status* de popularidade à família enlutada com maior poder aquisitivo. Simmel (1989) destaca que a função do dinheiro é de reduzir todos os meios para uma única finalidade, e que toda a possibilidade das mais variadas formas tornam-se uniformes quando regido pelo valor. Vale destacar que nesse contexto percebe-se a fala da moradora sobre o poder trazido pelo dinheiro que alguns moradores possuem, estimulando a presença e solidariedade na situação de morte. Com isso, reflete-se na interpretação trazida pela informante de que o dinheiro é um mobilizador dos sujeitos de um determinado grupo, criando *status* e melhor possibilidade de organização, quando se supõe, no caso, do capital ser mobilizador e agente de estímulo de uma melhor representação nas das relações sociais.

---

<sup>45</sup> A senhora JFJC mora na região há 18 anos, ela foi convidada a participar da entrevista por perceber seu trabalho na Igreja de São Francisco e por conhecer seu relato de impacto que a morte trouxe para ela e sua família. Sobre a influência que o dinheiro pode exercer na realidade de morte demonstra indignação, pois acredita que esse é um momento em que todas as diferenças deveriam ser superadas, e não é o que ocorre.



Entretanto, não é apenas o capital financeiro o agente ordenador de um contexto social, existem outros mecanismos utilizados para essa finalidade que orientam os indivíduos em suas ações, dentre eles pode-se citar a presença de regras e leis para sustentar os vínculos e papéis existentes na coletividade. Além das leis, existem instituições consideradas organizadoras da ordem dentro da lógica cidadina: a família, a escola e a igreja. Essas instituições trazem ordem e facilitam em ritos diários na lógica relacional.

No entanto, pensar essas instituições na atualidade é abrir reflexão para as alterações que sucederam de acordo com o período histórico, e também pensar sobre o comportamento urbano diante de inúmeras mudanças e variações comportamentais dos indivíduos. Algumas dessas instituições acabam por invadir espaço de outras, ou serem ignoradas pelos sujeitos por perder força no contexto social. A família passa a delegar algumas de suas funções para a escola. Assim como a igreja acaba perdendo “muito de sua influência desde que as páginas impressas vêm tão amplamente tomando o lugar do púlpito na interpretação da vida, [no qual] parece estar presentemente em processo de reajustamento às novas condições” (PARK, 1967, p. 46), ou seja, a igreja perde espaço nos direcionamentos de diretrizes na vida dos fiéis. Na ocorrência desse processo, como foi discutido anteriormente, existe um enfraquecimento dos aspectos de religiosidade, e os indivíduos começam a ter uma visão “desmágica” dos aspectos anímicos (WEBER, s.a).

Refletindo sobre uma outra variante e consequência que intervém no vínculo relacional dos indivíduos, pode-se citar também o crescimento urbano, onde as intensas atividades mobilizam a falta de tempo para o contato pessoal, assim ocasionando o distanciamento físico, as relações diretas passam progressivamente a ser substituídas pelos meios de comunicação e o vínculo virtual. Assim, interfere diretamente nas relações pessoais dos sujeitos. Simmel (2005) retrata esse distanciamento e indiferença como atitude *blasé*<sup>46</sup>, no qual se impõe a individualidade e indiferença entre os atores sociais. E por isso a vida espiritual dos sujeitos das grandes cidades se caracteriza pelo que o mesmo autor chama de “reserva”<sup>47</sup>, um tipo de comportamento discreto diante dos questionamentos e dúvidas ontológicas. Sobre a cidade de

---

<sup>46</sup> E esse processo de distanciamento ocorre progressivamente para os indivíduos, onde eles se desprendem dos laços de importância, irrompendo pouca energia para acontecimentos que os cercam, tomando para si um caráter *blasé* (SIMMEL, 2005) característico nas grandes cidades. A atitude *blasé* consiste na indiferença em relação a tudo e todos, inclusive aos aspectos que remontam à própria individualidade. Nas grandes cidades, o dinheiro passa a fazer parte da linguagem relacional, torna-se o “denominador de todos dos valores” (SIMMEL, 2005, 582).

<sup>47</sup> Como ele retrata que “a atitude espiritual dos habitantes da cidade grande uns com os outros poderia ser denominada, do ponto de vista formal, como reserva” (SIMMEL, 2005, p. 582), onde os sujeitos pelo contexto de desconfiança e da intensidade da vida urbana, adequem a contatos fugazes, sem profundidades, mesmo com aqueles que convivem no mesmo espaço de trabalho ou moradia.

Campina Grande possivelmente não haja o que Simmel se refere a uma atitude blasé, porém algumas condutas retratadas podem ser percebidas nas ações dos atores sociais diante da morte, sobre o código invisível que sugere distanciamento e discrição quanto a esse evento, na realidade uma postura de reserva (SIMMEL, 2005, p.582). A vida anímica secundarizada, indicando um processo que Weber (s.a) denomina como “desmágicação” dos ritos e o desinvestimento na vida espiritual, no entanto como imaginar esse acontecimento num grupo católico, no qual os ritos e a transubstanciação<sup>48</sup>, momento de pura fé aos dogmas católicos, deve ser acolhida e aclamada?

O crescimento e desenvolvimento urbano, para esses autores (Simmel (2005) e Weber (s.a)), indica progresso e reforço da ciência em detrimento da magia e do abstrato sobrenatural, pois a ciência pode explicar e comprovar como ocorre toda espécie de acontecimentos.

A esse processo de diminuição valorativa à religiosidade, no qual Weber (s.a) chama de “desmágicação”, pode ser chamado de secularização. Para Willaime (2012, p.155) a secularização envolve além dos seus “aspectos institucional e jurídico, um aspecto cultural” compreendendo que ocorre a emancipação das referências religiosas para os grupos e a autonomia coletiva quanto à consciência e comportamento social sobre a relação à religiosidade, ou seja, quando as categorias religiosas perdem atenção e importância no contexto social. Esse modelo dá a crença ao homem de que ele “ pode mudar suas condições de vida e a sociedade por meio de sua prática e seus projetos” (WILLAIME, 2012, p. 157) e isso significa uma diminuição quanto à representação da religiosidade e reflexão acerca do sobrenatural. Esse autor revela que há uma vinculação entre os processos da modernização e a urbanização ao aumento da secularização.

Vale refletir sobre um modelo que secundariza a vida anímica e diminui os ritos religiosos no contexto lógico e cotidiano, indicados nos espaços onde se desenvolvem os processos de urbanização e modernização acelerados. No entanto, a morte não se põe em clara explicação lógica a meios científicos, nem pode ser suprimida ou inibida em meio a processos de transformações ou modernizações urbanas. Então, nesse espaço onde a explicação lógica falha/falta abre-se território à religiosidade, para acolher e confortar os enlutados, lembrando-os de que existe um “além” e que a sua fé pode salvar as almas daqueles que perderam a vida. Indicando assim, a existência de uma vida anímica. Deve-se tentar compreender se no enquadramento de um espaço urbano marginalizado e pobre como o da comunidade Rosa

---

<sup>48</sup> Momento que a eucaristia se torna corpo e o vinho torna-se sangue de Cristo na celebração da Santa Missa.

Mística, que carrega em seu nome aspectos de religiosidade, se ocorre a diminuição dos ritos e religiosidade nas vivências de morte para o grupo católico. Mas para se chegar a discussão do desenvolvimento da Comunidade, se faz importante compreender o desenvolvimento da cidade de Campina Grande.

#### **4.1.2. Em Campina Grande tem...**

Campina Grande, de acordo com Soares (s.a, s.p), é a cidade da inovação e pioneirismo, assim sendo "o município é líder no chamado Compartimento da Borborema, nos vários setores da agropecuária, extração vegetal, pesca e agricultura, indústria extrativista, indústria de transformação, construção civil, comércio varejista, comércio atacadista, transporte e comunicações", além disso, a cidade se destaca pela tecnologia do couro. O comércio tem excelente flutuação no mercado, apresentando "segundo maior PIB do município paraibanos" (SOARES, s.a, s.p).

Dessa maneira, esse estilo empreendedor e comercial esteve presente em todo o seu percurso histórico. De acordo com Oliveira (2007, p.16), no século XVII, ocorre o encontro territorial de duas frentes colonizadoras: a do litoral e do sertão. Esse território de encontro é Campina Grande, que aparece como um espaço intermediário dos tropeiros que vinham do litoral para o sertão. Assim Campina se estabelece como "um comércio e pousada para os viajantes". Já se percebe que, em sua história, a cidade de Campina Grande se forma a partir da mercantilização de recursos necessários aos transeuntes dos dois polos (litoral e sertão).

Quando em 1791 chega ao povoado de Campina (que nesse período ainda não possuía esse nome) um frade franciscano de João Pessoa tinha a missão de catequizar os índios, dentre outras atividades. Então, como assevera Oliveira (2007, p.17) "às margens do riacho das Piabas foi instada a aldeia dos índios Ariús. Com isso, foram surgindo casebres de taipa, formando o primeiro arruamento, que mais tarde tornou-se Rua do Oriente e, atualmente, Rua Vila Nova da Rainha", uma igreja construída ao seu redor, hoje a Catedral da cidade, criando em seu entorno uma organização de casas, onde atualmente se encontra a Av. Floriano Peixoto.



**Foto: Largo da Matriz Av. Mal. Floriano Peixoto, obtida em década 1900**  
**Fonte: LACERDA JR E LIRA, 2012, p. 25**



**Foto: Largo da Matriz Av. Mal. Floriano Peixoto, obtida em década 2005**  
**Fonte: LACERDA JR E LIRA, 2012, p. 25**

Passando para a realidade do século XIX, uma das bases da economia local de Campina é a venda de cereais, antecedida pela comercialização de gado. Nesse período, o povoado ascende a Vila, se chamando Vila Nova da Rainha. Mais adiante, no século XX, o comércio do algodão ganha destaque. A mercantilização foi um dos fatores que favoreceram o desenvolvimento da urbe campinense, como explica Oliveira (2007, p. 22) sobre a explosão comercial relativa a produção e mercantilização do algodão em 1930, o autor indica que “dessa explosão comercial a cidade não tem como não se organizar para receber uma economia que vai consolidando o espaço urbano, assim a cidade vai se configurando para começar sua expansão”. Como ficou percebido na realidade histórica campinense, no qual o comércio abasteceu dois polos distintos em sua fundação e também serviu de base para seu desenvolvimento e crescimento.

Assim, a cidade de Campina Grande em sua fundação seria de acordo com Weber (1967), explicitado no tópico anterior, uma cidade de produtores, pois se voltava à produção e venda de suas mercadorias. Atualmente, a cidade consegue abastecer as cidades que necessitem

dos seus produtos e o mercado interno, ou seja, dentro das tipificações apontadas pelo autor, seria uma cidade de consumidores e de produtores.

Atualmente Campina Grande possui relevância por ter suas qualidades geográficas e culturais em evidência, tornando-a muito respeitada e visualizada dentro desse contexto de suas características. A cidade é uma Mesorregião do Agreste Paraibano e Microrregião situado no interior da Paraíba. Sua Área territorial compreende 594,18 km. A sede do município tem uma altitude aproximada de 551 metros distando 112,9726 Km da capital do Estado.

Em 2012, Campina Grande possuía uma população de 385.213 habitantes (IBGE, 2012). Geologicamente o município pertence ao Planalto da Borborema e apresenta um clima do tipo Tropical Chuvoso, com verão seco. Sua vegetação é formada, principalmente, por espécies Subcaducifólica e Caducifólica (Serviço Geológico do Brasil – CPRM, 2005).

Campina Grande é uma cidade que está em crescimento, tanto no aspecto de desenvolvimento e aumento populacional, de acordo com os dados do último censo há crescimento populacional e bons indicativos de desenvolvimento local. De acordo com estimativas de 2010 (último censo disponível), existem 385,276 habitantes, indicantes para ter 407,754 habitantes<sup>49</sup> em 2016, e taxa de envelhecimento no intervalo dessa década cresceu em 7,79%, em comparação à 2000 que possuía o número de 355.331 habitantes, dessa maneira, entre 2000 e 2010 o crescimento populacional foi 0,85%<sup>50</sup>, sendo assim, se percebe o crescimento urbano da cidade de Campina Grande e com essa longevidade os indivíduos se distanciam da reflexão e cotidiano da morte por idade, assim como a naturalidade do seu acontecimento. Mas a cidade além desses indicadores, conta com contínuo aumento de fluxo urbano pela grande circulação de estudantes, por ser uma cidade universitária. Localidade que concentra 34,5%<sup>51</sup> dos graduandos de ensino superior do Estado, razão da presença intensa de jovens na cidade.

Entretanto, em Campina Grande, percebe-se o reflexo desse crescimento urbano inclusive quando mensurado o aumento da violência. Em 2000, foram registrados 106 homicídios na cidade, e segundo o mapa da violência, em 2014, esse número sobe para 154. Vale refletir que esse é um número significativo quando se pensa numa cidade do interior do Estado, no qual esse mapa indica que “esses dados representam que na primeira metade do ano ocorreu uma morte a cada 2,41 dias e, no segundo período, ocorreu uma morte a cada 2,32 dia

---

<sup>49</sup> Dados do IBGE: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=250400>

<sup>50</sup> Dados extraídos de: [http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil\\_m/campina-grande\\_pb#caracterizacao](http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/campina-grande_pb#caracterizacao)

<sup>51</sup> Informação extraída da matéria: <http://g1.globo.com/pb/paraiba/rainha-da-borborema/2013/noticia/2013/10/um-terco-dos-universitarios-da-pb-estudam-em-campina-grande.html>

“(MAPA DA VIOLÊNCIA, 2014, p.06). De acordo com Silva (2015), “a realidade homicida é resultado do conjunto das transformações econômicas e sociais que aumentaram o acirramento e o acesso da população ao consumo, aos serviços e a bens legais e ilegais”. Desta forma, Silva (2015, p. 257) discute que houve uma interiorização da violência no Brasil, devido ao forte policiamento nos grandes centros. Sendo assim, o autor aponta os preocupantes dados de que “Campina Grande alcançou a taxa de 48,4 homicídios por grupo de cem mil habitantes em 2010”, passando a ocupar a 180ª posição no quadro das cidades mais violentas do Brasil.

Com isso, se vê que a morte não é completamente esquecida e omitida da vida do campinense. O crescimento da violência, traduzida também nos dados de homicídios, indica que há vulnerabilidade local para esse tipo de acontecimento, no qual um evento criminoso pode resultar em vidas perdidas, no caso a morte surge não como uma etapa natural, mas como uma circunstância inesperada, em que não há faixa etária que fique imune a isso. O crescimento urbano traz suas consequências, e talvez, o temor da morte devido à violência seja uma das maiores consequências negativas desse crescimento.

A religiosidade é uma tradição influente, presente em muitas atividades ocorridas nesse município. A festividade típica da cidade tornou conhecida por ser o local do “Maior São João do Mundo”, festejo criado em 1983<sup>52</sup> e se sustenta até os dias atuais, mobilizando o turismo e grande circulação de capital nesse período. É percebida mudanças quanto ao significado da festa. Na realidade, hoje, sente-se muito mais como festejos que movimentam a cidade no período de um mês, e a temática religiosa passa a ser secundarizada.

No entanto, em Campina Grande, a tradição religiosa é evidente em outros eventos que ocorrem; como procissões em datas significativas, por exemplo, no dia de *Corpus Christi*, tempo que agrega grande número de fiéis que caminham pelas principais ruas da cidade em sinal de fé. Apesar disso, é uma cidade que oferece uma abertura para o diálogo harmônico entre diversas religiões, conferindo anualmente o Encontro da Nova Consciência, que já existe há mais de duas décadas<sup>53</sup>, e tem por finalidade promover um encontro ecumênico e cultural de respeito e paz entre os variados grupos sociais e religiosos. Como também a Consciência Cristã, evento apoiado por igrejas evangélicas, que existe há 17 anos<sup>54</sup>. Anualmente o evento busca reavivar os ensinamentos da fé cristã. São eventos desse tipo que, há mais de uma década, são

---

<sup>52</sup> Segundo dados presentes em: <http://cgretalhos.blogspot.com.br/2009/08/parque-do-povo-sendo-construido-o-sao.html#.VlisYVInGKI>

<sup>53</sup> O encontro se prepara para a 24ª edição no ano de 2016. De acordo com o site: <https://sites.google.com/site/ongnovaconsciencia/>

<sup>54</sup> O evento vai para a 18ª edição no ano de 2016. De acordo com o site: <http://conscienciacrsta.org.br/o-evento/>

acolhidos pelos cidadãos campinenses e estrangeiros que esperam por esses eventos fazendo um calendário anual de atividades, e essa repetição torna-se um costume campinense quanto ao acontecimento e dias já previstos e esperados.

Destaca-se que os fenômenos que ocorrem no espaço urbano interagem no aspecto subjetivo e apontam transformações, não apenas do indivíduo, mas também, dos grupos sociais. Em meio a essas imbricadas controvérsias, o sujeito urbano investigado indicará como se posicionar diante do código de distanciamento, crescimento urbano e suas consequências, sua visão da morte e do luto.

#### 4.2 “AQUI ERA UMA COISA... MARAVILHA”<sup>55</sup>: ROSA MÍSTICA SUA HISTÓRIA E TRANSFORMAÇÃO

A comunidade Rosa Mística, inicialmente conhecida como “Buraco da Jia”<sup>56</sup> foi fundada em 1940 a partir do arrendamento e loteamento das terras “que se encontravam sob os cuidados de uma família que residia nas proximidades” (ARAÚJO & VALVERDE, 2013). Durante muito tempo de sua história, foi considerada favela, pois não havia infraestrutura e as construções eram demasiado precárias.

A rapidez usada nas construções das habitações nesse local abriu espaço para condições precárias, e também pela ausência, no período, de assistência de serviços públicos. Alguns problemas vivenciados pela comunidade são descritos por Costa (2010, p. 04):

Dentre os problemas enfrentados pela população da Rosa Mística antes da urbanização, destacam-se inicialmente os alagamentos que ocorriam na área, quando chovia; a falta de calçamentos que tornava o deslocamento bastante complicado na época, tendo em vista que meios de transporte como o carro não tinham acesso ao local, e até o deslocamento a pé se tornava difícil, devido à falta de infra-estrutura.

Além desses desafios em sua formação, existiam dificuldades com relação à saúde e educação, pois não haviam instituições desse tipo no espaço ainda, como até hoje existem limitações nesse aspecto. De acordo com Costa (2010) nesse período de fundação, não havia água potável na comunidade ainda e os moradores precisavam buscar nos bairros das redondezas, como no Alto Branco.

---

<sup>55</sup> Trecho extraído da entrevista com MGFJ (63 anos)

<sup>56</sup> Em algumas pesquisas encontrei a denominação da comunidade de Buraco da Jia, no entanto, como os próprios moradores algumas vezes designam que são do “BG” relacionando o passado em que a comunidade assim era chamada, e existiam grande violência e tráfico de drogas que tornavam a comunidade conhecida e perigosa.



**Foto: Mapa da Formação de Favelas em 1980**  
**Fonte: Costa, 2003, adaptado Caline Mendes Araújo**

Percebe-se pelo mapa que no período de organização e estruturação, antes do processo de urbanização da Rosa Mística, a comunidade era tida como uma favela. De acordo com IBGE (*apud* Pretto e Marzulo 2013), a favela seria um conjunto de habitações “com 51 unidades que ocupa, de maneira desordenada e densa, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) e que não possui acesso a serviços públicos essenciais”. Dessa maneira, a comunidade Rosa Mística em sua história se configuraria como favela pelo seu ordenamento e falta de estrutura. A ONU padronizou o conceito de favela/*slum* para poder quantificar corretamente as pessoas vivendo em favelas no mundo, “é uma área que combina as seguintes características: acesso saneamento básico e outras instalações; baixa qualidade das unidades residenciais; alta densidade e insegurança quanto ao status de propriedade” (PRETTO & MARZULO 2013).

Para Santos (2004), os cortiços e favelas fazem parte da constituição de países subdesenvolvidos, para ele no interior de uma cidade existem tipos diferentes de cortiço. Já na favela existem critérios diferentes quanto a pobreza. O autor descreve que há desde biscates até pequenos empresários inseridos nesses espaços.



No entanto, Santos (2004) alega que não se pode imediatamente afirmar que a escolha da moradia por parte dos sujeitos ser na favela ocorra em decorrência das condições econômicas. Para o autor aspectos e utensílios tecnológicos despertam o interesse dessas camadas da população fazendo-os procurar lugares onde o investimento com a habitação seja menor, “isso explica em parte a proliferação de barrancos, solução que permite não sacrificar consumos líquidos em datas fixas” (SANTOS, 2004, p. 76). Assim, vale destacar também que “não há oposição entre a favela com o centro” (SANTOS, 2004).

A favela, porém, se configura como o espaço estigmatizado, o local do “Outro”. Isso fica muito claro na história da origem da favela, quando na obra de Euclides da Cunha – Os sertões, amplamente lida pela elite intelectual, surge a distinção entre o cidadão e o favelado;

Ao comparar a favela a Canudos difundia-se uma dicotomia entre cidade e favela, construindo a respeito da imagem dos habitantes das favelas uma analogia aos jagunços e sertanejos, originando a interpretação do favelado como “Outro”, distante culturalmente, diferenciando quem é o cidadão e quem é o sertanejo ou quem é o cidadão e quem é o favelado. (BRITO & RENNÓ, s.a, p. 04)

Em 1897, de acordo com Brito e Rennó (s.a), ao final da guerra de Canudos, se autorizou os soldados para o uso de um mosteiro abandonado no Morro do Santo Antônio. No entanto, não foi possível alojar a todos os soldados e seus familiares dentro do mosteiro. Então foi permitida a construção dos barracões. Já contava com 41 construções na encosta do morro. Posteriormente, não tendo como desalojar tantas famílias, a primeira ação realizada foi de estigmatizar a visão sobre aquele grupo:

O Morro da Providência mais tarde passou a ser chamado de Morro da Favela, seu nome estendeu-se a uma generalização pejorativa a todas as ocupações irregulares. Não somente as ocupações, mas também aqueles que ocupavam estas áreas eram tidos como facínoras, bandidos, mulheres sem família e toda sorte de gente desocupada. (BRITO & RENNÓ, s.a, p. 06)

Assim, a população moradora da favela ainda sofre esse rechaço moral, como se o seu valor estivesse vinculado ao espaço estigmatizado de sua habitação. Nesse breve período de manutenção do *status* de favela do Buraco da Jia pela gestão municipal, passou por diversas mudanças dentre elas o próprio nome, trazendo para si uma nova concepção de movimento local e identidade do grupo que ali reside, como destaca Araújo & Saraiva (2010, p. 09) “pois o que antes era concebido como favela, “invasão”, passou a constituir um espaço de vivências, de identidade, fato que ganhou destaque também após a substituição da antiga denominação de “Buraco da Jia” para Rosa Mística.”

A comunidade fica situada na interseção de três bairros da cidade de Campina Grande: Conceição, Louzeiro e Alto Branco. Na sua história de fundação, os moradores da comunidade eram pessoas advindas de outros bairros, de cidades do interior do estado da Paraíba e cidades e Estados vizinhos que encontraram nessa área espaço para a construção de suas casas e nelas poderem habitar, mesmo em condições tão arriscadas, pois não havia disponível nenhum serviço público. E para receber os recursos de saúde e educação os moradores precisavam se deslocar até o centro da cidade ou ir a outros bairros.



**Foto: Comunidade Rosa Místicas vista de um dos pontos altos, obtida em 2016**  
**Fonte: Morador da comunidade**

O nome inicialmente dado pelos moradores à comunidade era “Buraco da Jia”, devido ao espaço possuir e esconder muitas jias<sup>57</sup>. Em vídeo sobre visita realizada ao Riacho das Piabas<sup>58</sup> (que será melhor descrito a seguir) um dos moradores (Seu Antônio) explica a origem do nome:

*Aqui era Louzeiro, não tinha nada de buraco da Jia, era louzeiro então, eles faziam tijolo, telha, esses negócios pois o barro é apropriado pra isso. E tinha um senhor lá na frente, ele fazia um forró de oito em oito dia, sábado a noite tinha um forró. Então, teve um tempo que achou um poço, e era muita Jia cantando num barreiro assim [especifica uma forma arredondada com as mãos], um buraco bem pertinho onde tinha o forró, aí um senhor chamado Wilson disse “mas que buraco pra ter jia, é tanta*

<sup>57</sup> Rãs comestíveis.

<sup>58</sup> Vídeo “Rosa Mística ou Buraco da Gia Campina Grande 13/05/2014“ disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q5EyexvcVKI>

*“jia que ninguém escuta nada!”, elas cantando né? Aí ele disse, “é jia pra danar nesse buraco”, aí pronto! [risos]*

De forma descontraída especifica a origem que indica a presença excessiva do animal na região, por se tratar de uma área “antes ocupada por mata subcaducifólia de transição e reservatórios de água” (ARAÚJO & VALVERDE, 2013, p. 151), um espaço atraente para o crescimento e desenvolvimento da espécie. Vale destacar que a comunidade fica próxima ao Louzeiro, uma área de preservação ambiental. Essa área, junto ao Riacho das Piabas, são espaços de preocupação dos moradores. Que com o passar do tempo se modificou, tendo suas melhoras quanto espaço de habitação, mas conseqüentemente, havendo o crescimento da poluição e a falta de preservação da área ambiental, como recorda MGFM (63 anos) como era o espaço e o próprio Riacho das Piabas quando se mudou para lá há 33 anos:

*Era um Riacho mesmo, com piaba com peixe com tudo! Você podia pescar, podia consumir, podia comer os peixe tudo. A gente tomava água do Riacho, tinha o olho d’água por ali, que a gente não tinha água encanada e tomava água daqui mesmo, água cristalina, muito melhor do que água mineral, dessa... melhor que tem, da Sublime, nem se comparava. Aqui era uma coisa... maravilha! E foi passando o tempo, foi se habitando, foi se habitando e ninguém foi olhando “praqui”, político nunca vim nisso aqui, aí em 10 anos que a gente tava aqui começou a poluição, a... ir de água baixo, dos morador não cuidar. Os morador “crescer” (sic) não ligava de cuidar e foi se acabando até hoje, e hoje acabou-se. Hoje em dia virou posso da, dá (...) Do esgoto, do poço de doença, de tudo!*

O Riacho das Piabas, importante para a formação da cidade de Campina Grande, tem seu princípio no olho d’água na reserva urbana do Louzeiro. O Riacho percorria espaços, hoje urbanizados, como a Av. Floriano Peixoto, formando ali em seu entorno um dos primeiros espaços de moradia com a construção da Catedral.

O Riacho das Piabas tem como ligação urbana à Avenida Canal conhecido meio público de Campina Grande, e posteriormente a Cachoeira (bairro também da cidade de Campina Grande), seguindo o curso natural em destino ao Rio Paraíba através dos municípios de Massaranduba, Riachão do Bacamarte e Ingá. Em períodos de chuvas intensas, o canal contribui para atingir a cota máxima do Açude Velho (Campina Grande-PB), realizando a transposição de microbacias, passando a alimentar tal manancial com suas águas (SOUZA et al., 2008, p. 04)

Assim, o que antes seguia como um Riacho passou a ser um canal de esgoto que circula pontos específicos da cidade, como lugares de escoamento de água. A realidade da Rosa Mística, é que o local onde existia um Riacho passou a ser canal também. No entanto, há pontos nos quais não foi feita ainda a canalização e os moradores sofrem com o esgoto que se fecha e sempre há risco de alagamento quando em período de chuva, pois a água não tem para onde correr. No dia da visita à Rosa Mística foi possível ver que alguns homens moradores da

comunidade se juntaram para abrir o espaço do canal, pois havia muito lixo e se chovesse, o risco daquele entulho entrar em suas casas era grande.



**Foto: Moradores da comunidade limpando o Canal das Piabas**  
**Fonte: Pesquisa de Campo.**

Pela imagem acima, se vê as poucas condições de salubridade e riscos os quais os moradores se colocam, quando o poder municipal não intervém, eles mesmos precisam ter essa iniciativa para proteger sua morada das enchentes nos períodos de chuva. Em conversa com um dos freis que tem forte militância na área, ele explica que, há dois anos os moradores tiveram essa mesma iniciativa, e dois dias depois a prefeitura mandou máquinas para fazer a limpeza, *“por isso que os homens tomaram a providência com o apoio da gente de iniciar esse trabalho. Começou há 2 anos atrás, e prefeitura mandou as máquinas, mas dessa vez não mandou não”* (FHJ, 54 anos).

Esse evento tão significativo ocorrido na Comunidade, que foi a mudança para nova nomenclatura, envolve a igreja Católica e os moradores. De acordo com Araújo e Valverde (2013), esse momento demarca concomitantemente a urbanização dentro daquela localidade. A

mudança do nome surgiu como resultado do interesse dos moradores de diminuir a visão estigmatizada que existia no local e já tão disseminada. Então, em 1980, foi construída uma capela chamada “Santuário Maria da Rosa Mística”, e o frei Lauro<sup>59</sup> decreta que a partir daquele momento a comunidade não mais se chamaria de “Buraco da Jia”, e sim Comunidade Rosa Mística. Pode-se refletir como a história do nome de um local pode definir o comportamento das pessoas em respeito a ele, as construções feitas em seu entorno e a atração de determinada característica de pessoas nesse espaço, a partir do nome também se cria um espaço de aceitação e estigmatização, pois são passos iniciais antes de fazer a “fama” de um local como bom ou ruim. O título de favela traz muitas consequências quanto a lógica de aceitação de um espaço, e a transformação de favela para comunidade foi a solicitação de mudança que seus moradores clamavam.

Dessa forma, percebe-se o quanto a religião católica possui influência sobre o funcionamento da comunidade, auxiliando no processo de ordem e na busca de resolução dos conflitos inseridos naquele contexto. A capela funciona até os dias de hoje com missas e outras atividades religiosas, mobilizando a religiosidade dentre os moradores da comunidade, além de ser um espaço de reunião e mobilização quanto às questões relativas à preservação do Riacho das Piabas.



**Foto: Capela Rosa Mística**  
**Fonte: Pesquisa de Campo**

<sup>59</sup>

Como descreve um informante constatado na pesquisa de ARAÚJO & VALVERDE, 2013, p. 152

A igreja de São Francisco de Assis assim como o seu convento, nesse período, já estavam construídos e possuíam funcionamento consolidados, visto que sua construção data de 1950, e segundo Lacerda Jr e Lira (2012, p. 502) a criação canônica ocorre dois anos depois, em 1º de julho de 1952 sob regência do Bispo Diocesano Dom Anselmo Pietrula e do cura Monsenhor Severino Mariano. A Gruta de Lourdes situada ao lado da igreja, local no qual muitos fiéis fazem uma pausa diante dela para suas orações diariamente, foi construída em 1958. Ela é uma homenagem ao centenário da aparição de Nossa Senhora de Lourdes à Santa Bernadete.



**Foto: Igreja de São Francisco de Assis, obtida em década 1950**  
**Fonte: LACERDA JR E LIRA, 2012, p. 502**



**Foto: Igreja de São Francisco de Assis, obtida em década 1950**  
**Fonte: LACERDA JR E LIRA, 2012, p. 502**

A comunidade vivia em condições extremamente precárias, com problemas que interferiam na qualidade de vida dos moradores, como é ressaltado por Araújo e Saraiva (2010, p. 4)

Dentre os problemas enfrentados pela população da Rosa Mística antes da urbanização, destacam-se inicialmente os alagamentos que ocorriam na área, quando chovia; a falta de calçamentos que tornava o deslocamento bastante complicado na época, tendo em vista que meios de transporte como o carro não tinham acesso ao local, e até o deslocamento a pé se tornava difícil, devido à falta de infra-estrutura.

Quando, em 1980, houve a intervenção do órgão municipal com a implantação de infraestrutura, num processo chamado de urbanização, ocorreram mudanças sólidas trazendo grandes melhorias para uma parcela da comunidade. Algumas áreas receberam o cuidado com relação à concretização do canal e o recebimento de condições básicas como a água. Mas nem todos os moradores perceberam essas mudanças da mesma forma, como descreve GSTJ<sup>60</sup> (22 anos) quando relembra as histórias contadas por sua mãe sobre a comunidade quando ele era criança:

*Assim, minha mãe conta muitas histórias de como era lá, que com o novo governo municipal teve grandes mudanças, o saneamento, o calçamento, a construção do canal, porque antes era um Riacho mesmo de água doce, era como uma cachoeira e as pessoas faziam uso daquilo. Com a urbanização começaram a poluir o riacho e tal, e começaram o saneamento e o calçamento. Lá em casa, mainha conta, que ela entrava pela janela, quando colocaram o calçamento porque a casa é baixinha e cobriu a porta, ela passou 1 ano e 8 meses entrando pela janela, não podia passar os móveis da casa, só colocar as compras mesmo. Aí depois de um tempo que a gente conheceu, porque lá, a gente só consegue as coisas pelos políticos, com conhecimento a gente vai ganhando as coisas. Aí mainha conseguiu com político “arribitar” a casa, quando conseguiu só foi o terreno, porque a construção foi feita de taipa, eu morei lá na casa de taipa até os 8 anos, aí depois de um tempo a gente conseguiu mais coisa aí evolui, mas depois do saneamento não teve mais nada. E lá tem várias ruas que não são asfaltadas ainda e não tem projeto nenhum. A gente sabe de um projeto que há muito tempo ia abrir uma avenida para Lagoa Seca, não sei o quê, e ia acontecer essa grande mudança lá, mas não passou desse falatório, ninguém apareceu lá, realmente foram lá, foram engenheiros fizeram a medição, mas nada aconteceu.*

É importante frisar da fala desse jovem, que as promessas eram realizadas e a comunidade aguardava pelas melhorias. O entrevistado se diz um manifestante por melhorias para a comunidade, pois segue o exemplo da mãe, que não é presidente da SAB (Sociedade Amigos do Bairro) nem nunca foi, mas é forte militante na comunidade. A luta dessas pessoas é por melhorias básicas, isso fica claro quando ele retrata o interesse que a juventude da comunidade tem por um espaço de lazer: “a gente tinha passado que a gente queria uma praça lá, só que até agora nada” (GSTJ, 22 anos). Assim descrevem com desesperança e pouca crença que os projetos “sairão do papel”.

---

<sup>60</sup> Contatei o jovem de 22 anos, após encontrar um vídeo chamado JBG na internet. Neste, ele apresenta a realidade da comunidade, as situações diárias e em tom cômico, em conversa, ele explica que aquela era a maneira de fazer as denúncias sobre a falta de atividades para os jovens da comunidade, mas também exaltá-las quando ocorria alguma.

Dessa maneira, o processo de urbanização na Rosa Mística que se intensificou em meados dos anos 1980 e início dos anos 1990 na gestão municipal do Prefeito Ronaldo Cunha Lima, indicou um remanejamento das pessoas que construíram seus barracos nos arredores do Riacho das Piabas, para serem deslocadas para um conjunto habitacional na proximidade da comunidade. O Canal das Piabas também foi uma obra realizada nesse período, nessa área ocorria com bastante frequência alagamentos, realidade ainda comum na comunidade. No entanto, com a construção do Canal foi possível criar um espaço de escoamento de água nos períodos de chuvas, e diminuir as inundações das casas próximo ao canal.

A comunidade, que era considerada favela, ganha contornos próprios e algumas melhorias, como calçamento de algumas áreas, alguns pontos comerciais, iluminação pública, contudo essa é ainda uma área que não possui as condições ideais, e os moradores sofrem com problemas do lixo, falta de saneamento básico e a violência ainda existe na comunidade. No entanto, o contexto de violência se apresenta de maneira muito mais discreta, segundo o morador LSM<sup>61</sup> (38anos) que assinala que era muito pior;

*Lá era uma área violenta, lá era uma área que morria gente quase toda semana, porque tinha tiroteios, hoje não tem mais essa parte aí, de criminalidade não tem tanto mais.*

**E qual a razão?** *Era por causa de drogas, é...[demonstra reflexão] brigas de gangues essas coisas.*

**Hoje não tem mais gangues por ali?** *Não! As famílias tradicionais todas já morreram, foram se matando todos uns aos outros e mataram todos!*

**E não sobrou ninguém dessas famílias que...** *Os que sobraram foram os de bem, os que não se envolvem nessas coisas.*

**Mas hoje em relação ao tráfico...** *Não! Em todo canto tem, mas hoje se existe a coisas é muito mais discreta que antigamente!*

Percebe-se que na fala do informante há uma séria defesa em especificar as melhorias da comunidade e a indicativa de que o que ocorre lá ocorre é uma realidade comum em todos os outros lugares, sugerindo a diminuição da criminalidade. Outro informante que especifica a realidade da violência como sendo algo do passado é (GSTJ, 22 anos) quando diz:

*A violência agora super tranquilo, antes tinha uma família que realmente, mandava no pedaço, mandava geral lá. No início como diz o ditado; tudo é bom quando você é beneficiado, porque eles roubavam, matavam, traficavam, mas eles eram uma proteção pra comunidade. Eles roubavam, já chegou o tempo de eles roubarem um caminhão de gás e lá eles dividiram pra todo mundo. Tem pessoas que não querem realmente receptor, mas diante da necessidade, basicamente todo mundo... Aí acontecia isso tudo, aí começou as gangues né? Pessoas de outros bairros tentavam entrar lá pra tomar o ponto, como eles falavam, aí começaram os extermínio, mata um, mata outro, mata um, mata outro, até que o pai foi preso, aí ficaram os filhos lá, aí foi “diminizando”[SIC] porque aí eles começaram a se matar entre si, foram muito assassinados. Sempre só teve uma gangue e o pessoal*

<sup>61</sup> Que mora no Bairro há 27 anos, retratou as mudanças existentes e “melhorias” no espaço.



*de outros bairros ia pra lá, nunca mexeram com a população, com gente de bem que moravam lá, eles sempre sabiam quem era eles e quem era eles, a guerra era entre eles. Quando passava pela gente, já testemunhei, uma vez a gente tava sentado na beira do canal conversando com todo mundo, quando olhou pra traz tinha oito homens, aí disseram “vão pra casa” e a gente foi pra casa realmente, foi aquele desespero, todo mundo correndo. Quando a gente soube no outro dia, tiroteio, não sei o que, e foram dois.*

Assim, o jovem destaca que havia proteção quanto aos traficantes para a comunidade, o mesmo informante relata que para andar na comunidade e passar por determinadas áreas, era necessário apresentar um “código gestual” que indicava que era “da área”, se precisassem levar alguém de fora, os traficantes necessitavam ser avisados para se preparar, tudo precisava passar pelo conhecimento deles. Hoje, de acordo com o jovem, há uma falta de proteção com as mudanças e a diminuição dos traficantes, pois há incidência de criminosos de outras regiões e isso expõe os moradores e os coloca em riscos, situação que não ocorriam antes:

*Agora, teve só um tempo que a gente ficou meio desprotegido, porque como eles protegiam nós, não entravam muitas pessoas lá. Agora não, entram muitas pessoas lá, às vezes acontece assalto, mas é muito raro esses assaltos, é lá dentro mesmo, eu costumo dizer que é como um condomínio fechado, porque só tem uma porta de saída e uma de entrada, porque não tem várias ruas pra entrar lá. Aí a gente ficou meio desprotegido, mas a “desproteção” que a sociedade vive. (GSTJ, 22 anos)*

O tema da proteção policial foi citada pelos informantes, entretanto não foram apresentados pontos positivos do serviço, pois existe um posto policial distante e quando há necessidade, o atendimento costuma demorar para acontecer. Pelo tráfico e consumo terem sido uma realidade comum na comunidade, o acesso para traficar também era disponível, mas era algo que os próprios traficantes alertavam dos riscos. Pois se sabia que o fim da carreira seria a prisão ou a morte.

Vale refletir que a morte que no período dos conflitos das gangues era convencional e comum dentro da Comunidade, que deixava seus moradores em constante alerta, então passou a ser algo distante, pois como descreveu LSM (38 anos) apenas as pessoas de bem permaneceram vivas na comunidade. Dessa maneira, a morte seria a punição que os criminosos receberam.

Quando se discute sobre a urbanização se pensa nos aspectos que circundam o capital econômico e a modernização de uma localidade. A urbanização inserida na Comunidade Rosa Mística favoreceu para a melhoria de vida dos moradores, condições básicas anteriores que tornavam a qualidade de vida dos moradores impensável. Dessa maneira, pode-se apresentar a urbanização da seguinte forma:

A urbanização já não denota meramente o processo pelo qual as pessoas são atraídas a uma localidade intitulada cidade e incorporadas em seu sistema de vida. Ela se refere também àquela acentuação cumulativa das características que distinguem o modo de vida associado com o crescimento das cidades e, finalmente, com as mudanças de sentido dos modos de vida reconhecidos como urbanos que são aparentes entre os povos, sejam eles quais forem. (WIRTH, 1967, p. 92)

Sendo assim, pensar na urbanização da Rosa Mística é compreender que as melhorias direcionadas à comunidade vieram para fortalecer ou modificar o modo de vida instituído pelos moradores, pois eles foram os que criaram o espaço em que habitam, mesmo enfrentando dificuldades. E o processo de urbanização (modernização) surge para reconhecer suas lutas e necessidade de melhoras, como também amparar (mesmo que ainda exista precariedade) os moradores que antes dos anos 1950 ordenaram essa área fizeram dela sua moradia e instituíram seu estilo de vida, seus ritos e crenças nesse local.

## COM ISSO...

O processo de urbanização é indicativo de melhorias e mudanças específicas de uma localidade. A partir dele o local que sofre as transformações, implicando em novas maneiras de se perceber a relação que seus moradores possuem com o espaço em que vivem, quando deixam suas marcas, criando identidade própria com o contexto urbano situado, solicita melhorias ou se queixam com os órgãos responsáveis sobre as dificuldades que sentem naquele ambiente. Dessa forma, a modernização é indicativa de desenvolvimento e crescimento econômico e maior respeitabilidade diante de outros polos. Em Campina Grande foi assim, surgida da intercessão de duas áreas (litoral e sertão), esse território se utilizou desse favorecimento regional para crescer e amplificar através do comércio. Campina Grande é uma região que possui sua área e temática de festejos bem específicos fazendo-a ser conhecida não apenas em todo o país, mas no mundo.

A comunidade Rosa Mística, situada na cidade de Campina Grande, também sofreu inúmeras transformações consequentes do processo de desenvolvimento da *urbe* campinense. É um local que busca condições básicas: como saneamento, coleta de lixo, segurança, mas também realiza mobilização pela preservação do espaço ambiental já tão desprezado de atenção e projetos ativos dos órgãos públicos, intencionando que estes possam sanar necessidades tão básicas que sua ausência ceifa vidas, como é o caso do espaço de Canal aberto, cuja poluição já é tão estremada que o contato com a água causa consequências sérias a saúde dos moradores.

Esse espaço que antes era Favela, cresce em status de Comunidade. Criando mais um problema, pois não se tornou bairro e isso a faz necessitar dos outros, os três bairros nos quais faz intercessão (Louzeiro, Conceição e Alto Branco) para utilizar de recursos públicos básicos e essa dependência os impede de recebê-los diretamente na comunidade. No entanto, a Comunidade cresce em sua nomenclatura, aderido ao nome da Santa Rosa Mística, na qual os fiéis católicos que ali residem, acreditam que ela intercede por eles, pela melhora de suas condições, para terem seus gritos de pedidos de ajuda ouvidos e seus problemas sanados.

## 5. COMUNIDADE ROSA MÍSTICA: EM LUTO OU EM LUTA?

É uma questão do povo, de afastar a ideia da morte,  
é se lutar pela vida e não se preocupar com a morte.  
(FHJ, 75 anos)

Esse capítulo se dedica a discussão dos dados coletados na pesquisa de campo, no qual apresenta a realidade da comunidade Rosa Mística, a partir de sua lógica funcional de morte, luto, ritos e suas lutas quanto às reivindicações por melhorias no seu espaço urbano. Inicialmente, expôs-se, brevemente, o primeiro espaço de pesquisa, o contato que encaminhou e facilitou a direção final para o campo investigado, ou seja, o caminho que precedeu e conduziu à pesquisa na Comunidade Rosa Mística: o cemitério Nossa Senhora do Carmo.

A comunidade que iniciou sua transformação a partir da mudança de nome, passa por desafios diários, quebrando o silêncio e buscando uma voz ativa para encerrar a mortificação dos seus interesses e necessidades.

A morte na comunidade se torna multifacetada quando percebida a partir dos mais variados prismas: a morte da estigmatização, do silêncio das suas reivindicações, das faltas de recursos básicos; a morte se veste das indignações que diariamente essas pessoas vivenciam; a morte das dificuldades financeiras, do descaso, dos temores e falta de segurança. Como se verá adiante em algumas falas, pode-se sentir que há indignação e cansaço pelas tentativas recorrentes de encontrar visibilidade para expor suas queixas e sempre perceber que elas não são atendidas ou tratadas com descaso. Exemplo disso se percebeu no processo de canalização iniciado na década de 80 e nunca finalizado. Entretanto, a morte aqui descrita também entrará no âmbito da dor, da completa imobilidade de outra situação: a morte física, caracterizando a impotência diante da perda, que para muitos, significa ‘nada mais poder fazer pelo o outro’.

No entanto, o foco da reflexão desse texto são as respostas e significados que os entrevistados têm dado, diante de todas as mortes, do luto social que os moradores da comunidade Rosa Mística aplicam às suas experiências, o luto de ação e transformação pessoal e coletiva. Um luto que também indica que há uma luta.

## 5.1. OS PRIMEIROS PASSOS DA PESQUISA: O CEMITÉRIO



Foto: SOCIATOS, 2014.  
Imagem Cemitério Nossa Senhora do Carmo I.

Como foi introdutoriamente exposto, o primeiro contato com a temática da morte surgiu a partir da intervenção do grupo de pesquisa SOCIATOS, com a observação no cemitério Nossa Senhora do Carmo situado no bairro do Monte Santo, Campina Grande, no dia 02 de novembro de 2014, dia de finados. Essa observação possuía a finalidade de perceber as distintas performances dos sujeitos diante dos túmulos dos entes perdidos.

O grupo saiu a campo com o imaginário de que o cemitério seria um ambiente silencioso e tristonho, e no dia de finados esses aspectos fossem reforçados, contraditoriamente, foi um dia de muita movimentação, inclusive havia aspectos de festividade. Música, bebidas, crianças correndo pelos espaços, pessoas que aproveitavam a movimentação para pedir esmola, comércio, muito comércio, dentro e fora do cemitério. Havia uma sociabilidade tão intensa que foi surpreendente encontra-la de maneira tão rica e convidativa no espaço onde a esteriotipia aponta tristeza e sofrimento.



**Foto: SOCIATOS, 2014.**  
**Imagem Comércio no Cemitério Nossa Senhora do Carmo I.**



**Foto: SOCIATOS, 2014.**  
**Imagem Comércio no Cemitério Nossa Senhora do Carmo II.**

Goffman (2013) indica que nas relações existem representações do eu na vida cotidiana, em cujas micro-relações os atores emitem informações, com a finalidade de manter intacta sua fachada. E essa atuação se baseia na interpretação que se faz da circunstância específica em que estão vivenciando. Dessa maneira, como explica Teixeira (2006), não há público expectador, todos interpretam, criticam e dirigem por si mesmos a cena. Em um cenário específico como o cemitério, há demarcações sociais para a atuação. Foi assim que o grupo pensou antes de partir a campo.

Ocorre que com a visita, o número de performances cresceu diante dos olhos dos pesquisadores, e a cena não era única, mas havia para, em cada espaço, um enredo diferente, em cada setor do cemitério, uma cena completamente nova ocorria. Além das diversas

performances que chamavam a atenção pela variedade e dinâmica naquele espaço, o turismo pelas pessoas famosas falecidas era intenso, os túmulos dos famosos e famílias conhecidas na cidade muito movimentados, onde as pessoas fotografavam e ficavam observando durante um tempo. A mídia também estava presente, ela fazia seu papel de cobrir o “evento”. Além de velar, as pessoas visitavam “as casinhas<sup>62</sup>”, sentavam-se nos degraus e colocavam-se a conversar com os conhecidos, que também visitavam os parentes no cemitério naquele dia.



**Foto: SOCIATOS, 2014.**  
**Imagem Cemitério Nossa Senhora do Carmo I.**

Naquele contexto, percebeu-se que o cemitério era uma cidade povoada, e as pessoas tornavam aquele recorte urbano um ambiente festivo. Além do contexto de trivialidade e conversas banais que se colocavam entre os visitantes, haviam os sujeitos que choravam e conversavam com os seus mortos diante das covas.

---

<sup>62</sup> É um túmulo com formato de casa, onde são colocados todos os membros da família, na realidade são compreendidos como mausoléus.



**Foto: SOCIATOS, 2014.**  
**Imagem Cemitério Nossa Senhora do Carmo II.**



**Foto: SOCIATOS, 2014.**  
**Imagem Cemitério Nossa Senhora do Carmo III.**



Entretanto, como foi dito anteriormente, o espaço do cemitério se mostrou como uma cidade povoada, e assim como no espaço urbano há diferenças sociais, culturais e subjetivas em cada rua que compõe aquele espaço. Ao lado de grandes mausoléus, haviam pequenas covas, dando as características dessa mistura e diferença social que nem na morte se fica isento.



**Foto: SOCIATOS, 2014.**  
**Imagem Cemitério Nossa Senhora do Carmo IV.**

Todas as idades se fizeram presentes: adultos, jovens, crianças e idosos, seja por um interesse pessoal, ou uma imposição familiar, como expressou uma visitante, D. Carla<sup>63</sup> de 62 anos, “*vim porque a família me obrigou, pois são muito religiosos*”, concluindo mais adiante que “*esse é um dia de convenção social, pois não tem mais nada aqui*”. Assim é entendido que os interesses naquele espaço e data variam muito, e há uma riqueza quanto a formas, sentimentos e interpretações relativos ao evento. Observa-se o cemitério mais que um espaço depositário de subjetividades enlutáveis, também, um ambiente relacional, em que nele ocorre comércio e encontros sociais.

---

<sup>63</sup> Nome fictício para proteger a identidade da entrevistada.

Foi assim que a análise da performance se aproxima do luto e o novo recorte da pesquisa se apresentou. Quando foi possível se deparar com a variedade interpretativa em um mesmo evento e tema, no caso a morte, e a forma que os sujeitos com ela se relacionam. Cada indivíduo tende, dentro de um contexto social, a encontrar uma forma de externalizar a vivência e significar o evento.

Esse foi o primeiro passo para encontrar uma sociabilidade e interpretação distintas dentro de um evento tido como fúnebre da vida. Ver a morte como um passo novo e no luto o recorte de novos significados. Desse primeiro ambiente de pesquisa foi possível encaminhar para um outro um pouco distinto, no entanto a questão mobilizadora não se difere tanto. Nessa descrição, a seguir, o cenário será um velório situado na nova localidade de pesquisa, Comunidade Rosa Mística. Evento que muito traduziu daquele espaço e representações.

## 5.2. SOBRE O MORRER: VELÓRIO SEM CORPO

Refletir a realidade da morte, os ritos que estão em seu entorno, o processo de ressignificação da vivência para familiares e amigos é também olhar para o contexto social pertencente ao grupo e suas experiências. Compreender que velar o morto traz interpretações diferenciadas para o processo do morrer e o estado da morte. Mas quando o corpo não aparece? Quando a comunidade vela à espera de sua chegada? A morte adquire um significado novo, um estágio de incompreensão, angústia e até um tom cômico pelos participantes mais distantes dos familiares.

No dia 18 de maio de 2016, ocorreu um velório na comunidade Rosa Mística de um dos seus moradores. Na realidade, o falecido era familiar de um vizinho de frente da informante MGFm (63 anos). A causa da morte, de acordo com dona MGFm (63 anos), foi cachaça. Ela explicou que o corpo ainda estava no IML, e o velório seria na SAB (Sociedade Amigos do Bairro).

Eram 13h e já havia muita conversa pela rua, falavam da morte do vizinho, o quanto que a cachaça destruía, e a pergunta era a mesma: “Já chegou o corpo?” Outro respondia “Que nada, ainda tá no IML”. Alguns jovens ficaram na frente da casa da família enlutada conversando, era uma conversa animada, não aparentava discricção ou pesar. Era perceptível que aquela região da comunidade havia parado à espera do morto, e foi possível ver a influência que a morte exerce naquele grupo. As pessoas circulavam pela rua, mas havia silêncio, exceto pelo grupo de jovens na frente da casa da família. Essa realidade foi descrita por outros entrevistados, sobre o silêncio da comunidade e o respeito que se tem pela situação de morte.

*A comunidade em silencio, fica aquela tristeza, parece que morreu a rua inteira. Dois ou três dias e depois volta normal. Fica em silêncio total, parece que você está no deserto do Saara (rir). (LSM, 38anos)*

É o sentimento de pesar coletivo, num espaço em que as pessoas se conhecem, sabem da sua história, os vínculos se firmam, e nessa ocasião há o laço de solidariedade pela dor da família, independente de qual tenha sido a causa da morte. Como descreveu GSTJ, 22 anos:

*As pessoas falam da morte, e as pessoas vivem. Se acontecer uma morte, todo mundo vai pra lá, ver o enterro. Aí você percebe que a comunidade parou, fica em silêncio, você não vê muitas pessoas na rua. Mesmo sabendo que aquela pessoa morreu porque merecia, porque fazia coisa errada, mas fica em solidariedade a família. Porque todo mundo se conhece, todo mundo já estudou ou trabalhou junto, aí todo mundo já conviveu junto e tem uma afinidade, aí acaba que as pessoas ficam em respeito a família.*

Mesmo compreendendo que a comunidade respeita e silencia quando se morre um morador daquele ambiente, dona MGF (63 anos) denuncia a mudança que ocorre naquele espaço, indicando que se é tão acostumado com o contexto de morte que não se mobiliza mais muitos dias de pesar coletivo sobre o evento. Pois o silêncio só ocorre imediato a morte, ou ainda nos ritos de sepultamento, mas depois a música volta, e é como se nada houvesse ocorrido na comunidade.

*Fica solidário, a nossa comunidade é pequena, todo mundo se conhece, quando não conhece a pessoa, conhece uma pessoa da família, é todo mundo é solidário. Tem muita visitação, sempre fazem visita, conhecendo ou não. Sobre as músicas, não muda. Tá tudo mundo tão acostumado com a morte, que é como se tivesse sido a morte de um animal. Assim que morre fica aquele choque, mas depois é como se não tivesse acontecido nada. Mas depende muito de como foi o óbito, porque quando é alguém que morre por que foi matado, aí fica aquele choque, mas quando é doença, já estão esperando.*

O espaço de comunidade sugere que haja um ambiente de sociabilidade comum naquele grupo, então o respeito e solidariedade aos familiares em vivência da perda, diz bastante da conduta que os moradores seguem. Dessa forma, o silêncio imediato se impõe naturalmente no local. No entanto, perceber a variação quanto ao espaço para ocorrer o velório já denota uma importante transformação do cenário da Rosa Mística, com o crescimento e outras possibilidades a casa não é única opção possível para a despedida do morto.

Ainda sobre o dia do velório, foi perceptível a intensificação da inquietação diante do passar das horas e com a ausência prolongada do corpo, onde algumas pessoas passam pela rua e dizem em tom crítico que o corpo não virá. Na casa da família do morto, cinco mulheres esperavam tomando café. Havia uma descontração naquele grupo, elas conversavam

animadamente, fato que fez a informante comentar em tom de crítica que a dona da casa era “*muito estranha*”, narra a história de que no velório do esposo (que ocorreu em casa) ela ficou lavando roupa e pedindo licença “*ao povo para passar com as roupas pra estender no varal lá fora*”, assim como algo inesperado procedido por um enlutado e conduta que foge à cartilha de comportamento diante da morte, isso causa um “assombramento” por parte da informante MGF (63 anos). Indicando que ainda há expectativa de condutas específicas para os familiares, onde a reserva e dor era o que cabia àquela viúva naquela circunstância.

Assim, contrariamente na comunidade há uma transformação lenta e gradual de sentir a morte e vivenciar seus ritos, indicando uma possibilidade de vivência a partir do reflexo da lógica urbana, utilizando dos mecanismos sociais disponíveis de modernização, quando se pensa no velório em um espaço comercial ou comunitário. No entanto, o choque da família que não exterioriza o sofrimento e não demonstra dor diante da perda, dá indicativo de que os dois períodos descritos por Aries (2012), de morte domesticada e a morte invertida, ainda se misturam e se confundem dentro da lógica da comunidade. Pois a própria comunidade que para diante da morte de um morador, espera que a família também pare para sentir a perda.

Na SAB, local onde ocorreria o velório, a agente do bolsa família trabalha sem saber o que acontecerá. Foi a informante MGF (63 anos) que a avisou que ali ocorreria um velório e que já estava à espera do corpo, o comportamento e o tom do atendimento que realizava se modificou, ela ficou séria e resmungou que era preciso tê-la avisado de um acontecimento desse no seu “local de trabalho”, então já grita para a fila que ali vai acontecer um velório e que ela vai parar de atender quando o corpo chegar. As pessoas que esperam atendimento conversam entre si desconfortáveis, questionando quem era e de que tinha morrido o sujeito a ser velado ali.

Uma única situação sentida de maneira muito diversa, para alguns como expectativa e para outros um incômodo. Pensar que o sujeito que não pode ser velado em casa, vai para um espaço comunitário público e modifica a rotina do grupo, interferindo o trabalho dos indivíduos que necessitam daquele espaço. E a própria indiferença sobre a situação de morte do sujeito por parte da agente do bolsa família indica uma possibilidade de desestruturação de vínculos, inicialmente narrada como sólida e estável pelos moradores entrevistados, pois ali o que precisava ser levado em conta era que esse evento interferiria no trabalho, e a agente teria que fazê-lo outro dia, pois aquela morte e velório haviam comprometido o espaço de atendimento.

O espaço de velar o corpo do morto naquela realidade sofreu transformação histórica. O que se admitia ser um evento ocorrido em casa, na esfera familiar, a partir do espaço privado,

no qual se junta familiares e amigos próximos, passou a ocorrer em instituições, ou no espaço comercial, como as Casas de Velório (construídas para essa finalidade), pois o velório do morto em casa pode gerar conflitos e transtorno para os moradores, além da movimentação e rotatividade de pessoas gerando inconvenientes. Naquele contexto, ocorreria no espaço comunitário público, assim, o evento que tinha caráter de aconchego, despedida e contemplação do morto, passa a ocorrer longe dos arredores familiares. Apontando que não há mais uma clara ambivalência para a experiência do âmbito público e privado, como descreve DaMatta (1991, p.16) sobre oposição entre a casa e a rua na realidade brasileira, onde existe “uma oposição básica na gramática social brasileira. Não estamos aqui diante de um contraste rígido e simples, (...) mas frente a um par estrutural que é constituído e constituinte na própria dinâmica de sua relação“. Nessa situação, há indicativo de mesclagem, quando não há condições de usar o espaço da casa, é na rua que será possível vivenciá-lo.

Pensando assim, o corpo precisava ir para um espaço comunitário, pois a casa não admitia mais a demanda de visitas, indicando minimamente um crescimento local quanto aos moradores da comunidade, apontando que haveria uma rotatividade de visitantes que não comportaria no pequeno espaço de moradia. MGF (63 anos) afirma que na comunidade ainda acontecem velórios em casa, mas não são tão comuns como antes. Antes não existia tanta “*modernização como hoje*”, e esse tipo de modernização indicada pela informante se dá pela possibilidade de realizá-lo em Casas de Velório e o próprio espaço da SAB, o qual qualquer pessoa pode solicitar para o uso. Aries (2012), quando descreve a morte domesticada, ressalta a ideia do moribundo estar em casa, rodeado de familiares, esperando a chegada da morte, morte esta também vivenciada na comodidade do lar, no qual se velava e experimentava tudo em silêncio e resignação. Esse modelo torna-se parcialmente obsoleto quando os velórios em casa tornam-se mais limitados numericamente no contexto da comunidade. No entanto, em contraponto à morte domesticada, o autor apresenta a morte invertida, no qual a morte é negada e silenciada, e o processo de higienização solicita para que ocorra afastada de todos, distante de casa e da familiaridade, com a transformação do sofrimento em indiferença e uma rápida superação da perda. Essa é a crítica que Aries (2012) retrata, pois a forma da sociedade pós século XX se posiciona diante da morte e seus ritos derivados faz pensar ser evento banal, e torna também estranho quem não sente dessa maneira.

O velório é o rito com ambiente de observação e interação, nele é possível dizer o último adeus, fazer orações e interceder, no qual as orações e sentimentos são direcionados ao corpo que ali se encontra e dá sentido aquela situação, no entanto o ato de velar é estar em vigia,

aguardando o sono, no caso da morte, um sono sem despertar. Naquela circunstância os moradores velavam um corpo ausente, estavam em vigia de sua chegada, e um novo significado se firma ao velório, o de esperar e tentar justificar a demora. O que seria oração passou a ser discursiva sobre a situação, o que seria consolo para a família passou a ser um momento de entretenimento para o tempo de espera. Mas o sentimento e o silêncio em torno daquela rua era de morte. Havia morte, mas não existiam marcas dela, não havia um corpo.

Assim, aquele velório sem corpo já indicava o que seria a situação da presença subjetiva explicitada por Lacan (1997, p. 368) pois “o Outro, por essência, está sempre lá, em sua plena realidade, na medida em que ele toma presença subjetiva”, o morto durante toda a tarde foi presença, porém meramente imaginária. Foi impossível à comunidade seguir seu cotidiano, pois havia uma espera e vigia. Sem corpo velavam aquela morte, a ausência daquele corpo solidificava aquela perda.

Passava das 17h e o corpo não tinha ainda chegado na comunidade, a dona MGF (63 anos) já começa a queixa sobre o horário ser inviável para circulação e permanência de pessoas de fora de comunidade. Essa é a expressão do limite que o campo de pesquisa impõe e o local se fecha para o pesquisador estar inserido naquele momento.

Posteriormente, dona MGF (63 anos) afirma que o corpo não foi levado para a comunidade, não houve velório nem sepultamento. O senhor falecido não tinha documentos e a família não tinha condições de providenciá-los. De acordo com a informante, foi enterrado como indigente, realidade um pouco impactante, porém narrada pela informante com naturalidade.

Dessa forma, as pessoas que não tiveram condições de ter documentação comprobatória de dizer quem são, refletindo a situação desse senhor falecido na comunidade, não possuíam carteira de trabalho, pois viveram de bicos, se utilizando da cachaça para “aguentar o dia” e vivendo o vício que o conduziu a morte, não tiveram assistência de qualquer tipo e quando morrem tornam-se declaradamente indigentes. Passam a vida em estágio de pobreza extrema, usando a casa de familiares para se abrigar, mas ganham o nome após a morte, são indigentes para o Estado. Uma realidade que substancia um dito popular comumente utilizado para expressar a pobreza “não tem onde cair morto”, nesse caso, tem um significado social que marca não apenas um *status* social, mas uma experiência de profundo desamparo social e existencial. Ali se evidenciou a ausência de espaço e visibilidade social, sendo-lhes possível apenas o local de marginalização, que perpassa a realidade de vida e adentra ao contexto de morte, no qual se repete a conjuntura de faltas, no entanto essa falta surge com uma

impactante e dolorosa novidade, a falta de um túmulo. Ali lhe foi permitido apenas o de ser indigente, foi em vida, na morte permanece.

A família que não pode dar dignidade de sepultamento e uma cova, precisa significar a perda de alguma maneira, pois passou um dia de velório na ausência do morto e foi foco de olhares e julgamentos de muitos conhecidos na comunidade, sendo que ao término de toda a espera se constata que eles pouco podem e fazem pela situação do falecido, pois se percebe que agora ele possui um espaço “próprio”, seu nome e suas preces ele terá a partir da sua casa e família, não com uma sepultura conhecida em cemitério ou seu nome em placa perante o túmulo.

A morte multifacetada, com seus demonstrativos mais diversos, essa é a realidade da Comunidade Rosa Mística, pois não se pode expressar a experiência de morte a partir, unicamente, do cessar do funcionamento do corpo. Assim, a morte é perceptível no silêncio das reivindicações dos moradores, na invisibilidade social, no *status* de marginalização e estigma que diariamente seus moradores vivenciam<sup>64</sup>. Assim, a morte tem diversos sentidos naquele contexto, o que se conhecerá são as formas que esse grupo encontrou de ressignificá-la e sua busca incessante para sua reintegração ao cenário social com qualidade de vida e segurança, pois já não se admite morrer mais. Dessa forma, para além de ver a morte, seus ritos e processos de luto, essas ações serão vistas através da perspectiva da Comunidade Rosa Mística, procurando entender seus significados locais.

### 5.3. NARRATIVA DA CONSTRUÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO

De acordo com Pellauer (2013), a narrativa pode direcionar importantes situações vivenciadas pelos indivíduos, e muito mais importante do que a situação especificamente, a narrativa indica também aspectos da identidade do narrador, pois a situação adquire um significado de acordo com a interpretação da situação narrada. Pellauer (2013), analisando Ricoeur, identifica que “a identidade depende da ação narrada, mas também como a ação narrada é, ela mesma, dependente da identidade narrativa” (PELLAUER, 2013, p. 57). Ricoeur (1994, p. 268) ao retratar a divergência entre narrativa e história, aponta aspectos da sociologia

---

<sup>64</sup> Dando um importante passo na mudança do título de favela para comunidade, e sendo percebidas algumas transformações positivas nesse processo, de acordo com Araújo (2011) existem compreensões distorcidas e representações falsas sobre a comunidade. Pois se criou um estigma e que ainda hoje se sustenta. Mas as mudanças do status de favela para comunidade trouxe importantes contribuições nesse sentido, como compreendido no capítulo anterior.

e os caracteriza da seguinte forma: "a causalidade sociológica remete à causalidade histórica, mais do que as absorve em si", pois há a compreensão na qual as relações abstratas de tão únicas que são, não se concluem. Assim, a reflexão narrativa a partir do nível epistêmico se liga a uma argumentação de "continuidade e descontinuidade" históricas, pois elas se atraem e se complementam, indicando assim, que a "causalidade sociológica e a causalidade histórica atraem-se reciprocamente". Dessa forma, as informações conseguidas com os informantes, como por exemplo, a informante MGFm, indicam não apenas aspectos da transformação social do contexto urbano local na vivência do luto, mas as interpretações que uma senhora católica, moradora na região periférica de Campina Grande há 33 anos, advinda de outro Estado em busca de estudo e estabilidade na cidade, auxiliadora nas atividades religiosas e melhorias estruturais para a comunidade, possui sobre o seu espaço, como também sobre a própria visão de desenvolvimento local e o significado existente sobre a perda e morte naquele contexto.

Dona MGFm (63 anos), como foi dito, mora na Comunidade Rosa Mística há 33 anos. Presenciou importantes transformações do seu espaço: o Riacho das Piabas com águas limpas e puras antes da poluição, os animais que povoavam e entravam na sua casa, início do crescimento demográfico e populacional local, período em que a localidade se chamava Favela Buraco da Jia. Um atributo da comunidade naquele período era sua "exuberante natureza e pureza", como compara a dona MGFm (63 anos) o espaço da comunidade ao paraíso, ela indica como um lugar até então imaculado, rico de animais e essa riqueza oferecia como possibilidade a caça das jias, tornando-se uma localidade onde havia possibilidade de intenso consumo do animal.

Ela foi morar em Campina Grande para estudar, sendo natural do Rio Grande do Norte. Em sua narrativa considera que a autorização da família para sua vinda se deu a partir de muita confiança, pois naquela época "*uma moça não viajava para morar em outras casas*", mesmo sendo de familiares distantes, como era o caso dela. Chegando em Campina Grande, conhece o homem que hoje é seu esposo, onde casou sob as bênçãos de Deus e dos homens, e depois de quatro anos casada vai morar no espaço que se chamará Buraco da Jia.

*A gente conheceu essa região por causa de um cunhado do meu marido, ele tinha umas propriedades lá pra cima. Aí essa mata do Louzeiro tinha sido desabitada por que aqui é um canto onde eles faziam tijolos, era uma carreira de tijolos, aí os cangaceiros, eles desabitaram, eles saíram, aí deixaram aqui, aí eles "estava" [SIC] vendendo esse loteamento, porque aqui é de herdeiro, aí a gente foi um dos primeiros a vim comprando esses loteamentos. Aí a gente entrou e construiu, fez logo essas duas casas. Aí vieram e fizeram essas três casas do lado de lá, que não tinha. Isso é canto velho não, é canto novo. (MGFM, 63 anos)*



Como ela descreve, sua família introduziu as primeiras construções de casas no espaço da Rosa Mística. Nesse período, o Riacho das Piabas, (com uma linha de água que passa em frente a sua casa, no qual hoje é esgoto) tinha sua água pura e limpa usada para consumo e utilização nas necessidades da casa (banho, cozinhar e beber), pois até então não havia água encanada, como mais adiante ela enfatiza:

*A gente tomava água do Riacho, tinha o olho d'água por ali, que a gente não tinha água encanada e tomava água daqui mesmo, água cristalina, muito melhor do que água mineral, dessa... melhor que tem, da Sublime, nem se comparava. Aqui era uma coisa... maravilha! E foi passando o tempo, foi se habitando, foi se habitando e ninguém foi olhando "praqui", político nunca vim nisso aqui, aí em 10 anos que a gente tava aqui começou a poluição, a ir de água baixo, dos "morador" [SIC] não cuidar. "Os morador crescero"[SIC] não ligava de cuidar e foi se acabando até hoje, e hoje acabou-se. (MGFM, 63 anos)*

Depois da popularização do espaço, ela considera que tudo foi perdido, as pessoas que passaram a habitar no local não continuaram com os cuidados que realizava, e adiante explica que mais problemas surgiram:

*Quando a gente tava morando aqui, tinha uns 15 anos mais ou menos aí fizeram essa invasão aqui embaixo, já iniciou já as invasões, e começou a entrar gente errada, aí já tinha o preconceito porque aqui era o Buraco da Jia, porque no início o Riacho pegava muita jia, aí começou... O Riacho das Piabas perdeu o nome, e chamaram de Buraco da Jia, aí ficou Buraco da Jia, porque todo mundo que vinha, até turista vinha aqui para pegar jia. Um canto limpo, e tinha em abundância aí o pessoal vinha pegar aqui, aí começou de Buraco da Jia que era lugar de marginal, era favela. Aí foi crescendo, crescendo o nome, o mal visto e cresce a população mal também, hoje em dia essas duas favelas que são bem perigosas [a informante indica que são lados da comunidade, aponta os dois lados que considera serem das favelas perigosas dentro da comunidade] é pequena, mas é bem perigosa, aqui mesmo nunca ninguém buliu com a gente não. Somos muito amigos da comunidade, e eles vê [SIC] muito por esse lado, mas ninguém confia não, mas quase todo mundo já foi roubado por aqui, no meio da rua não, assim às vezes um celular, mas a gente tem que ter os cuidados. (MGFM 63 anos)*

Assim, ela narra com pesar e indignação que houve uma severa transformação quanto ao espaço de habitação, onde antes era indicativo de beleza da natureza, torna-se espaço de pessoas criminosas, e a estigmatização sobre a ideia da favela como moradia do marginal ganha evidência no contexto social. Criando repulsa e constrangimento aos moradores daquela localidade. A ideia inicialmente trazida pela informante é que a comunidade tinha ares de paraíso, beleza natural, tranquilidade e segurança, onde não havia necessidade de cuidados específicos para a manutenção do espaço, entretanto com o crescimento populacional, o que era razão de orgulho (como as águas limpas do riacho, por exemplo) torna-se preocupação e problema que incomoda os moradores até hoje. Porém a transformação do cenário de paraíso não é indicada apenas pela destruição dos espaços naturais, mas também com os riscos e

violência, esse aspecto junto estigmatização como local de favela demarcam a completa perda do paraíso.

Dessa forma, o crescimento da violência nessa região se intensifica a partir da mudança de alguns moradores para a região, como descreve a informante, ocasionando a visão distorcida sobre todos os moradores da comunidade. Uma das formas de resolver essa questão de acordo com Araújo e Valverde (2013, p. 152) foi a intervenção da igreja Católica atuar no local. Respalhada “principalmente pelo desejo dos moradores em diminuir o problema da violência que era crescente na época, foi construída, no final dos anos de 1980, uma capela no local denominada “Santuário Maria da Rosa Mística””. Assim esperava-se que a visão distorcida sobre o espaço se dissiparia. Mesmo período em que ocorre o processo de urbanização na comunidade, como foram apresentados no capítulo anterior.

Inclusive em frente à casa de dona MGF (63 anos) não há calçamento e é o ponto onde encerra a construção do Canal das Piabas, havendo apenas o esgoto.



**Foto: Varanda da casa da informante durante a entrevista.  
Fonte: Pesquisa de Campo**

O que chamou atenção durante as conversas foi que a informante não demonstrou interesse de que houvesse a finalização do processo de urbanização, com a conclusão do

calçamento em sua rua, que é de terra batida. Mas a atenção e toda a energia é direcionada para revitalização e preservação do Riacho das Piabas e a extinção do esgoto de lama que se tornou o final do espaço cimentado do Canal das Piabas.

Esse espaço onde não há a circulação da água e acaba acumulando entulho e lama se torna pontos de eclosão das enchentes, no qual nos períodos de chuva os moradores de locais mais próximos do canal se veem com maiores riscos de terem, em suas casas, a água e lama do esgoto, e precisam abandonar suas moradias em busca de um ponto seguro pois o medo da invasão da água é intenso em períodos de chuva forte.



**Foto: Esgoto que segue o Canal das Piabas.  
Fonte: Pesquisa de Campo**

Como se percebe na imagem, há casas nas encostas do esgoto, e nos dias de chuva esses moradores são os que mais sofrem com a preocupação de ter suas casas levadas em caso de enchentes, como o informante GSTJ (22 anos) descreve;

*Da enchente que teve mesmo entrou, ficou 1,60m de água dentro de casa, as outras basicamente cobriram a casa toda, e lá em casa já era mais alta, o piso mais alto, mas mesmo assim entrou 1,60m de água.*

**Houve alguma perda em casa?**

*Perdeu muita coisa, muita coisa, muita coisa mesmo! A gente teve que se abrigar no colégio lá de cima, como acontece, essas coisas... O que o governo contribuiu nessa época foi com lençóis, colchões e feiras. Algumas perderam a casa mesmo porque caiu com a chuva, mas não teve nada de auxílio não. Teve auxílio nas construções, nem teve pessoas remanejadas pra outro local, não teve! As pessoas “teve” [SIC] que se virar. Elas continuam ainda lá, algumas fizeram suas “construção” [SIC] levantaram a parede que caiu, entendeu? Porque não tem para onde ir. Fizeram isso e continuam lá. Desde 2008 não teve uma chuva forte para ter outra enchente, mas se tiver uma chuva mais forte, tipo uma chuva de 3 dias, acontece a mesma coisa. Tem uma amiga que mora na Avenida Canal mesmo, e toda vez que chove ela vai lá pra casa, porque quando chove ela pensa que tem alagamento.*

Na fala do jovem GSTJ (22 anos), a história de perdas e temores relativos à enchente são comuns, e inclusive por sua casa ficar mais distante do canal, se torna um ponto de abrigo para uma amiga em dias de chuva. Existe o temor de perder os objetos de casa e ficar desabrigado, no entanto se teme muito mais em ficar em meio a água. A impotência diante da situação de enchente pode ser considerada um tipo de mortificação que a comunidade busca se adaptar, quando isso ocorre eles fogem e se preparam para recomeçar.

MGFM (63 anos) relembra um dia em que ocorreu uma enchente na comunidade, ela especifica que havia sido um dia triste, mas o fenômeno em si era bonito de se ver, pois a água com força e precisão levava tudo que estava à frente. Esse fenômeno bonito descrito pela a moradora deixou vítimas, como lembra;

*Aqui já teve uma enchente que... (esse computador não vale nada pra gente mostrar as filmagens), era uma coisa triste, bonita e ao mesmo tempo triste, a gente via era geladeira dentro da água, era fogão, era berço de menino, o que puderam salvar, salvaram, o que não a água levou tudo. Foi uma barragem que estourou a lá em cima. Levou até pessoas.*

**Alguém morreu?**

*Morreu! Foi que um carro caiu dentro do canal parece com seis pessoas, foi mais ou menos Quebra Quilos, perto de Zé Pinheiro. Um encontraram morto lá na cachoeira e o outro... nesse desastre parece que morreu três, os outros conseguiram se salvar, “os morador”[SIC] jogaram corda pra eles pegar. E salvaram.*

*Isso faz uns 6 a 8 anos.*

Assim, os moradores são gratos por não ter havido mais chuvas fortes nesses últimos anos, porque a comunidade encontra-se ainda na mesma situação de vulnerabilidade. Ainda há habitações na beira do Riacho e esses são os primeiros a sofrerem com a subida do nível de água. Segundo dona MGFM (63 anos), as pessoas que moram nessas zonas de risco já receberam novas casas em outra localidade, no entanto se vincularam à própria comunidade e por isso não abrem mão de estar naquela região, pois “esse pessoal tem a vida deles aqui, eles tem trabalho, creche de criança, mas não vão pra começar noutro lugar”. Assim, a informante indica que há uma construção de história própria nesse espaço, e por mais que seja possível a

mudança para outro local (inclusive mais seguro), os moradores dali não saem definitivamente. Ela sugere que a solução seria criar um condomínio na própria comunidade, onde haveria um espaço seguro de habitação ao mesmo tempo que os moradores não sairiam da comunidade, espaço no qual há vinculação afetiva.

Dessa maneira, as narrativas existentes no espaço da Comunidade Rosa Mística são únicas, e criam a partir disso um vínculo ao espaço e a construção de características sociais àquele contexto. A própria história da senhora MGFM (63 anos) e escolha para a sua entrada na pesquisa está vinculada a uma importância abstrata e ao somatório de características positivas dela à pesquisa.

A informante MGFM (63 anos) foi indicada para essa pesquisa por um dos frades franciscanos. Ela se diz braço direito dele nas necessidades da comunidade. Ela é uma católica fortemente envolvida nas atividades religiosas e mobilizações por melhorias daquele espaço, sua luta é intensa quanto à proteção do Riacho das Piabas, Riacho que hoje, de acordo com a informante MGFM (63 anos), encontra em suas águas poluição suficiente para matar o indivíduo que acidentalmente tenha contato com seu conteúdo. Narrativa repetida por outros entrevistados, sobre o Canal das Piabas, considerado como esgoto causador de sérias preocupações. A informante alega que ali é:

*O esgoto, do poço da doença, de tudo! Nem os animais, nem os animais vivem na imundície que a gente vive, nem pra ele vive mais. Aqui já teve muito caso, já morreu gente, caiu no riacho morreu, aqui já teve uns três “caso” de morte. Por último foi uma criança de 3 anos, morreu de infecção, minha filha, era tanta coisa, quando chegou no hospital era tanto do tipo de doença que ninguém imaginava que pudesse acontecer no setor da gente, teve um senhor que bebia, que tomava cana que caiu no Riacho, em dois dias o rapaz morreu, em 48 h ele morreu. Tem muitos casos de coisa curado, e sempre teve que foi curado. Minha menina passou 5 dias internada por causa do canal. E olha que nem era tão poluída como tá agora. (MGFM, 63 anos)*

Então conviver com uma ameaça tão próxima traz muitos cuidados, e também uma certa tranquilidade sobre o assunto, uma vez que os moradores já enxergam como uma possibilidade muito natural de ocorrência e tornam-se mais histórias sobre os perigos de morar em um espaço com tantos riscos. Os casos de morte em decorrência de contaminação pelo Canal das Piabas trazem inquietações, no entanto ao mesmo tempo dão suporte à convicção de que algo precisa ser feito, para que mais moradores não sejam atingidos por esse tipo de tragédia, aumentando os índices de histórias dramáticas relativas ao Riacho poluído. Como relata MGFM (63 anos), “houve mortalidade, já houve fatalidade, criança morreu, adulto morreu da poluição daqui, já houve muito isso”.

O caso que é retratado sobre “tragédia” na comunidade é de uma criança de 10 anos que caiu no Riacho enquanto brincava, ocorre que nos dias seguintes ela faleceu. Os conteúdos no Riacho têm poluentes suficientes para causar danos severos a saúde, foi o que ocorreu a esta criança que não resistiu. Porém não foi permitida a entrevista com os familiares da criança. Hoje eles evitam falar sobre o assunto, como também os outros moradores, quando questionados, afirmavam que tinha sido um evento triste, porém não expunham mais informações sobre o ocorrido, dessa forma, noutra pesquisa foi encontrada a fala que retrata esse evento:

Porque eu lembro que em uma das vezes que caiu uma criança que brincava ali no Riacho todos os dias, ele chegou a ingerir a água do riacho, coisa desse tipo. Com poucos dias ele veio a óbito. Com 10 anos. A carga de poluição, a qual eu não confirmo, mas eu imagino que dentro desse grau de poluição tinha algo da empresa também. (SAB DE ROSA MÍSTICA, entrevista concedida em 24 de julho de 2013 *apud* OLIVEIRA, 2014)

O entrevistado indica que naquele espaço além de entulho e acúmulo de lama, há conteúdos químicos despejados de empresas, o que torna ainda mais perigoso o contato com seu conteúdo, e que há casos de pessoas com doenças graves, como o câncer, devido o contato com a água contaminada. O período da morte da criança trouxe choque, indignação e tristeza na comunidade, que acolhe essas vivências de morte com solidariedade.

A intervenção municipal atualmente, segundo os entrevistados, é mínima. O prefeito, de acordo com FHJ (75 anos), foi à comunidade em 2013, e lhe foram apresentadas todas as inquietações sobre o desenvolvimento da comunidade e os perigos que os moradores estavam expostos, no entanto, a impressão que tiveram como resultado da visita, como ressalta dona MGFM (63 anos) foi que “*fazia três anos que a gente tava na luta e ali em três minutos se desmanchou*”. Nada foi resolvido e os problemas levantados como aspectos urgentes com o prefeito continuaram a existir. Assim houve essa breve visita e pouca resolução dos temas apresentados pelos moradores. FHJ (75 anos) lê a carta<sup>65</sup> que enviou para o prefeito com as solicitações de resolução da situação do esgoto e as doenças que os moradores encontram-se à mercê.

O investimento das lideranças religiosas também se dá nas atividades para as crianças da comunidade. Pois além da preocupação com o aspecto ambiental, existe também o enfoque para as questões do uso de drogas e o tráfico na região. Assim, há a compreensão que é na

---

65

A carta consta nos anexos.

infância que as crianças são expostas às drogas e se não se ocuparem em atividades recreativas e educativas, serão elas que futuramente comandarão a realidade de tráfico naquela região.

*Quando o riacho não era mais riacho, tinha um campinho de futebol aí que os meninos brincavam, quer dizer, “os meninos” tinha um lazer, hoje em dia não tem mais nada! Não tem onde as crianças brincar, as brincadeiras das crianças aqui no setor a maioria é o aviãozinho, aviãozinho de favela, agora sabe o porque? Porque não tem onde eles se ocuparem, não tem um lazer onde eles brincarem, eles vão pra onde? Nas calçadas junto com marginal, só dá isso mesmo. A gente tem que ter muito cuidado, a gente que foi catequista, que foi coordenadora de catequese quatro anos aí na Rosa Mística, eu acolhi muito, tirei muita criança do caminho mau, graças à Deus! Eu tenho mó orgulho de ter feito essa história. Porque a gente tirou muita criança, muito pai de criança que nunca tinha entrado numa igreja, que não tinha religião, não era católico, não era evangélico, não era nada. E a gente conseguiu levar pra igreja católica, teve uns que a gente conseguiu batizar, outros conseguimos casar, tudo isso foi conseguido na catequese da gente. (MGFM, 63 anos)*

A falta de espaços de lazer causa revolta. A compreensão de que o “aviãozinho de favela” é o entretenimento e brincadeira possível a essas crianças, traz a consciência de invisibilidade social e reivindicativa diante dos órgãos públicos, e dos políticos que visitam o espaço, mas que não cumprem com o que oferecem, como diz GTSJ (22 anos): “*a gente tinha passado que a gente queria uma praça lá, só que até agora nada*”. Existe um desencantamento de que essas promessas sejam cumpridas e que os moradores possam usufruir de espaços de entretenimento e lazer dentro da comunidade. Então, a igreja católica oferece oportunidades e grupos de jovens para que eles possam ter acesso a espaços próprios de produção e recreação no âmbito religioso. Como os cursos oferecidos pela igreja ressaltado por FHJ (75 anos)

*Tem o esporte e a música que ajuda nos neurônios, são tentativas que [faz uma pausa]... Tem a catequese, que ajuda a conhecer a vida, conhecer a palavra de Deus. São portas para o jovem encontrar o caminho de se libertar. E muitas vezes nem começar, porque depois que começam no crack não se consegue mais sair.*

Assim, a luta e investimento é de que nem se comece a utilização das drogas, pois para jovens e adolescentes as esperanças se reduzem depois que o se inicia o uso. Enquanto não há morte física, existem outras mortificações que ocupam o imaginário e as preocupações dos moradores, dentre elas a violência e o tráfico.

Refletir essa realidade, a partir dos aspectos da morte, é perceber que, naquele contexto, a mortificação vem com o início do uso das drogas, do vício e tráfico, aparece na indiferença dos órgãos públicos, no esquecimento dos gestores, a morte aparece quando percebem que choverá e existe o risco da chuva fazer o canal transbordar e a água levar suas casas e seus bens, a face da morte aparece na pobreza e dificuldades financeiras. Mas a morte, para alguns moradores da comunidade Rosa Mística, também é tida como esperança. Enquanto

praticantes do catolicismo, eles veem o sofrimento como um possível caminho para o gozo da salvação eterna e reencontro com os falecidos queridos. Como foi expressado pela entrevistada JFJC (53 anos) “*eu sei que vou me encontrar com ela [irmã falecida] lá, não como aqui na terra, e aí a gente vai se encontrar*”, reafirmando a crença no reencontro após a morte, junto das pessoas amadas, ou seja uma situação alegre e festiva. Assim, a morte não é completo fim, mas é uma chama última de esperança. Com uma compreensão que remete a reconciliação após a situação da perda e o demonstrativo de elaboração do processo de luto, pois não há mais espaço de abertura para o sentimento de revolta e indignação, nessa situação apenas se reflete como se dá a vontade de Deus, e a consciência da própria incapacidade de alterar o estado final que foi a morte.

### 5.3.1 Violência e Tráfico

De acordo com Silva (2015, p. 256), existe um "processo de interiorização da violência neste início do século XXI". A razão dessa mudança seria a intervenção dos órgãos de policiamento do Sudeste sobre o crime organizado e a possibilidade de desenvolvimento de mercados ilícitos nas regiões norte e nordeste. Estes fatores teriam levado à uma migração de parte dos traficantes das grandes cidades do Sul e Sudeste para as pequenas e médias cidades do Norte e Nordeste.

Essa migração de habitantes de outras regiões vinculadas a transferência de polos criminosos, se assemelha a história trazida pelos moradores da comunidade como a origem do desenvolvimento da criminalidade a partir da violência e tráfico advindos da transição de sujeitos de outros Estados para a comunidade em 1970 (ARAÚJO, 2011, p. 67). No entanto, a violência na Comunidade, de acordo com a autora, é povoada por estigmas e representações distorcidas. Na década de 1970, a onda de violência naquele contexto foi muito intensificada, como roubos, assassinatos, tráfico de drogas, arrombamentos, contudo, nos últimos anos foi sentido uma amenização das situações violentas naquele contexto.

Sobre a violência na comunidade, lembra o jovem GSTJ (22 anos) das histórias ocorridas em sua infância e adolescência, e a rotina comum de mortes e tiroteios no interior da comunidade. Esse jovem realizava vídeos amadores sobre a comunidade, levando aos moradores as “notícias” que considerava interessantes, como atividades artísticas de amigos e conhecidos e a produção de vídeos cômicos para entretenimento. Após as gravações, ele os disponibilizavam na internet. No entanto, precisou parar suas produções desde que tentou noticiar o assassinato de um jovem em decorrência do tráfico. Uma vez que ele conhecia quem



era o agredido e o agressor, os familiares e amigos obrigaram-no a parar as gravações para que isso não o colocasse em perigo. Sobre a violência no local, ele narra o seguinte:

*A violência agora super tranquilo, antes tinha uma família que realmente, mandava no pedaço, mandava geral lá. No início como diz o ditado; tudo é bom quando você é beneficiado, porque eles roubavam, matavam, traficavam, mas eles eram uma proteção pra comunidade. Eles roubavam, já chegou o tempo de eles roubarem um caminhão de gás e lá eles dividiram pra todo mundo. Tem pessoas que não querem realmente receptor, mas diante da necessidade, basicamente todo mundo... Aí acontecia isso tudo, aí começou as gangues né? Pessoas de outros bairros tentavam entrar lá pra tomar o ponto, como eles falavam, aí começaram os extermínio, mata um, mata outro, mata um, mata outro, até que o pai foi preso, aí ficaram os filhos lá, aí foi “diminizando” [SIC] porque aí eles começaram a se matar entre si, foram muito assassinados. Sempre só teve uma gangue e o pessoal de outros bairros ia pra lá, nunca mexeram com a população, com gente de bem que moravam lá, eles sempre sabiam quem era eles e quem era eles, a guerra era entre eles. Quando passava pela gente... Já testemunhei, uma vez a gente tava sentado na beira do canal conversando com todo mundo, quando olhou pra traz tinha oito homens, aí disseram “vão pra casa” e a gente foi pra casa realmente, foi aquele desespero, todo mundo correndo. Quando a gente soube no outro dia, tiroteio, não sei o que, e foram dois[mortos].*

**Esses oito homens eram da comunidade?**

*Não, não eram, mas eles sempre respeitavam as pessoas de lá quem não era envolvido.*

**Mas no caso eles reconheciam quem não era envolvido?**

*Isso, reconhecia sim!*

**E hoje em dia...?**

*Hoje em dia não, porque muitos morreram, e os outros estão fora, são foragidos, aí agora tá super de boa, lá não tem assalto. Agora, teve só um tempo que a gente ficou meio “desprotegido”, porque como eles protegiam nós[SIC], não entravam muitas pessoas lá. Agora não, entram muitas pessoas lá, às vezes acontece assalto, mas é muito raro esses assaltos, é lá dentro mesmo, eu costumo dizer que é como um condomínio fechado, porque só tem uma porta de saída e uma de entrada, porque não tem várias ruas pra entrar lá. Aí a gente ficou meio desprotegido, mas a “desproteção”[SIC] que a sociedade vive.*

A partir da fala do entrevistado percebe-se que havia riscos comuns e cotidianos naquele espaço, mas que não atingiam os moradores, pois a rivalidade ocorria entre os traficantes locais e outros que tentavam “roubar o ponto”. Mas os criminosos auxiliavam as pessoas da comunidade com recursos básicos e inclusive servindo para a própria segurança daquele local. O entrevistado ao final da fala, ratifica que a violência é comum em todo lugar, havendo a falta de proteção na própria sociedade. Sugerindo a amenização da condição do local de moradia, indicando que a violência é aceitável porque é comum e está presente em todos os contextos sociais, dessa forma, ao invés de colocar a Rosa Mística como um espaço distinto dos demais pela presença de violência, ele aponta que isso é o que a coloca numa situação social de igualdade dos demais espaços urbanos. Um dos religiosos explica que a violência ocorre em decorrência do desemprego e da falta de estímulo educacional para a juventude da comunidade, que precisa procurar outros meios de subsistência como o tráfico, mas se chega ao consumo, a problemática só tende a ficar maior;

*Muita violência nos bairros Jardim Continental e Rosa Mística. Tem essa violência (sobre as drogas) junto aos jovens principalmente, sendo vítimas, mas também junto ao povo. Porque quando se quer a droga você precisa, aí a droga leva a agressão, ao roubo para manter a droga. E é um estado de saúde, aí tem a fazenda do sol, que tem ajudado. Mas que às vezes as pessoas voltam do mesmo jeito. E envolve a família, porque a família não sabe o que fazer, e fica na situação de intranquilidade. Tem pedido para a igreja aconselhar. (FHJ, 75 anos)*

Dessa maneira, como foi ressaltado antes, a igreja católica é solicitada pelos moradores para prestar colaboração diante do não saber como agir perante a realidade dos jovens usando drogas. Esse apoio procurado não apenas se limita à intervenção religiosa, mas de acordo com Araújo (2011, p. 68), houve a instalação da polícia comunitária em 2005 e a partir disso ocorreu uma redução de 60% dos casos de violência na comunidade.

No entanto, a partir da fala de alguns entrevistados, o posto policial situado no Alto Branco fica vazio continuamente, não servindo de suporte para as demandas da comunidade;

*Tem um posto, mas não funciona não, nem policial lá vai. Lá é calmo, tranquilo. Tem mais assalto de moto de pessoas de outros bairros que passam lá na Rosa Mística. Na comunidade não existem mais isso não é mais calmo. A comunidade tá mais harmoniosa. (LSM, 38 anos)*

Mas também há moradores que acreditam que se sentiram menos seguros e mais expostos a ação de outros criminosos com a diminuição do tráfico na comunidade;

**Você disse que depois da diminuição da liderança do tráfico lá ficou menos seguro, é isso?**

*Sim, sim... Ficou. Antes tinha código para a gente entrar lá, porque você tinha que fazer o código na mão, tinha que acenar assim, você acenava aí... assim, eles olhava e deixava [SIC] você passar. Todos da comunidade sabiam disso. Eles subiam a mão, baixavam e subia. Se eles não conheciam, eles desciam automaticamente, e vinham perguntar “quem é você?”, eles arrumavam uma arapuca para você. Mas já teve tempo de entrar gente sem saber, porque assim, lá meus amigos me deixam na esquina, e eu vou pra casa, mas chegou um dia das pessoas chegarem lá e tentar entrar e quando ia colocando o carro na frente lá de casa, lá vinha três aí na hora, eles diziam... “não, pode deixar passar”, mas depois vinha a repressão “Avise, não sei o que, porque a gente podia fazer uma besteira”.*

Mesmo com a ausência de policiamento, de acordo com o entrevistado, houve uma redução nos casos de violência e ele indica que há uma maior harmonia. Entretanto, alguns moradores demonstram indignação perante as dificuldades, inclusive na limitação de acesso, pois o posto policial não fica situado na comunidade, e sim no bairro vizinho.

*A gente mora na Rosa Mística, mas os benefícios que a gente tem é situado em outro local, no Alto Branco. Tipo, a gente tem que caminhar oito ruas pra chegar no posto de saúde, ou no posto da polícia, porque são todos aglomerados, todos complexo. E se a gente quiser pra outro posto, a gente tem que ir pra Conceição já no Centro. Lá dentro[da comunidade] não tem nada! Lá dentro não tem benefício: nada de policiamento, nada proteção pública de político, não tem nada. Entendeu? (GJTJ, 22 anos)*

O difícil acesso aos recursos básicos diários, como a segurança, intensifica a sensação de descaso e esquecimento social. Um dos frades franciscanos, que tem forte intervenção dentro da comunidade, é tido para a senhora MGFM (63 anos) como um auxílio forte para os moradores da comunidade, chegando a dizer que não sabia o que seriam deles se o frade não os ajudasse. Ela narra uma das histórias dos cuidados e extremada preocupação do frade para o grupo de moradores da comunidade;

*Agora há pouco a gente estava com problemas com o pessoal, um pessoal muito pobre, muito humilde, mas FHJ deu a mão a eles dando feira, dando um dinheirinho a eles. Aí FHJ tava fazendo isso tirando do bolso dele para dar, aí eu falei pra ele, não tem jeito da gente fazer isso não, FHJ. O senhor tá fazendo um serviço da prefeitura, pagando do seu bolso, a gente não vai deixar de ajudar não, mas vamos frear um pouquinho, aí a gente conseguiu uns objetos fizemos uma rifa, inclusive ocorreu ontem essa rifa, e saiu pra o frei mesmo [rir], inclusive o frei quem tirou, aí o frei me doou de volta pra botar pra mais uma rifa de novo, e tudo isso pra ajudar aqui, aí com esse dinheiro a gente compra lanche para os meninos, compra almoço, compra cimento para eles trabalhar na beira da casa deles, a gente auxilia com carroça, com essas coisas eu e FHJ.*

Dessa forma, a representatividade do sujeito religioso vai além da homilia dominical, pois a alimentação e saúde na casa dos moradores é muito importante para, inclusive, poder organizar os fiéis na igreja. E há espera de que esse tipo de organização ajude na redução da violência e drogadição na comunidade.

#### 5.4. “NA MORTE TUDO É REVELADO<sup>66</sup>”: MORTE E MORTIFICAÇÃO COMO FATOR DE TRANSFORMAÇÃO E SIGNIFICADOS DA PERDA

Compreendendo a história da Rosa Mística a partir do prisma dos seus moradores, se pode perceber que a morte não é um tema que cause espanto ou surpresa. Em seu processo de desenvolvimento, esse contexto surgiu claramente, inclusive de maneira simbólica ela ainda persiste, pois se refletir a morte como silêncios, esses moradores morrem diante das autoridades, que poderiam auxiliá-los, diariamente. O convívio de violência em sua história, e a necessidade de fingir não enxergar ou ver as situações perigosas, sorrir para os sujeitos que causam medo, mas manter as portas bem fechadas antes de dormir é um retrato comum para esse grupo.

No entanto, a morte física deixa uma marca ainda mais profunda, pois as esperanças de que se pode dar um “jeito” são diminuídas. O jovem GSTJ (22 anos) sentiu que o espaço em que estava poderia ser ameaçador quando precisou lidar com e silenciar sobre uma morte,

<sup>66</sup> FUK (78 anos) Frase dita durante a entrevista.

quando achava que poderia “brincar” ou “tirar onda” em cima de uma situação de homicídio. Como foi explicitado mais acima, ele fazia vídeos para publicá-los na internet sobre a comunidade em que morava – esse foi um dos pontos aproximadores da entrevista para esse trabalho. Costumava publicar vídeo em tom de crítica sobre os eventos da comunidade, tudo com muito humor. No entanto, ele precisou parar pois quiseram (ele e seus amigos) noticiar um homicídio. Uma pessoa conhecida dele. Ele e sua “equipe” não tinham compreendido que conheciam também o homicida, sabia das razões do crime, e se gravassem essa notícia se colocariam em risco. Foi quando seus familiares e amigos interviram e eles não mais gravaram vídeo algum sobre a comunidade.

*A gente viu no “youtube”, e aí a gente buscou uma ideia de ganhar dinheiro com isso, a criação veio de 5 amigos, tem até uma chamada: Eu, G, B, R e M, são os 5 editores do JBG. A gente começou mais pra comédia, pra o entretenimento, o humor. Aí pensamos em coisa mais séria, só que a gente não tinha responsabilidade de fazer, aí procuramos as pessoas mais engraçadas no bairro para entrevistar, a gente ia nos acontecimentos do bairro. A gente teve que parar os vídeos porque teve um assassinato lá e por acaso a gente ia cobrir isso, só que os pais da gente disse [SIC] que isso era perigoso, e a gente resolveu parar e até hoje a gente é conhecido como JBG e ainda pergunta “cadê vocês, vão lançar o vídeo” a gente diz que não. E realmente teve grande repercussão aqui em Campina Grande porque até os outros bairros tentaram fazer um vídeos [sic], relatando o que acontecia no bairro, totalmente o modelo da gente, a gente foi precursor.*

**Então no caso esse específico que vocês não cobriram...**

*Não, a gente gravou o vídeo, mas quando a gente ia publicar começou a rolar boatos que a gente ia fazer isso, e como era, assim como sabia quem era o assassino porque foi na vista de todo mundo aí a gente decidiu, melhor não.*

**Mas era de quê...**

*Era tráfico de drogas, era acerto de contas, essas coisas...*

*A gente não teve medo, porque a gente era inocente. A gente conhecia o assassino e a vítima, porque era gente que estudou com a gente e era do nosso convívio, e a gente ia levar na brincadeira, sabia que era tema sério, mas ia levar na brincadeira. E depois com outras obrigações a gente não fez mais. (GSTJ, 22 anos)*

Até então os jovens não tinham percebido a gravidade que existia na situação, e precisaram da intervenção dos pais para poder repensar nos riscos. Porque além da morte, existe a consequência dela, e a questão de se envolver como denunciador. Aí indica que a própria comunidade vê como arriscado se envolver com os crimes que ali ocorrem.

Até aquela situação, o jovem entrevistado não havia sofrido nenhuma morte em sua família e viu naquele episódio a possibilidade de expor em seu canal mais um “evento” da comunidade, e isso lhe possibilitaria popularidade, maior visualização e comentário em sua postagem, sem refletir se isso lhe traria riscos dentro do grupo, pois na sua lógica eram todos tão próximos que não haveria problema em noticiar. No entanto, quando ocorre uma morte em sua casa, o informante demonstra uma maneira muito particular de interpretar e senti-la;

*Quando minha irmã morreu, as pessoas viam como se eu fosse a pessoa que menos sentiu isso, porque eu não era de... realmente, eu chorei no dia. Mas assim, eu penso que a vida, depois que morre é um desprendimento. Eu não acho certo você tá ligada aquela pessoa, porque assim, a morte é necessária para a paz do espírito eu vejo dessa forma. Se morreu é porque Deus quis, e eu tenho que me desprender, eu sinto a falta, mas não gosto de demonstrar isso. Eu penso que quando eu morrer eu sei que vai ter aquilo o velório, mas depois eu quero que acabe ali, lembre quando eu tava feliz, porque essa é a imagem que eu pego de todo mundo, espero que todo mundo pegue de mim. Mas eu não falo sobre isso com ninguém, nem com meus amigos, nem lá em casa. Eu não falo, mas quero que as pessoas vejam no meu comportamento. Quando minha começa a chorar por causa da minha irmã, eu digo, “mainha, pare!”. Eu não sei se eu sou mais forte do que todo mundo, mas se ela tivesse aqui, ela iria querer que a gente tivesse assim? Com certeza não! Assim, minha irmã era muito ligada a política e ela faleceu no tempo da política, ela morreu na segunda, aí no domingo era a votação. Aí na terça foi o enterro, e quando foi na quinta feira a gente tava na rua fazendo a mesma atividade, e o povo criticava, as pessoas ficavam falando, “caramba já tão pegando briga por causa disso”, mas a gente não queria nem saber, porque se ela tivesse viva ela estaria ali conosco. É o que a gente tem, vamos continuar aquilo que aquela pessoa queria que a gente desse prosseguimento. Tipo assim, sete dias depois a gente tava na capela e os fogos que o candidato da gente ganhou e a gente chorava pensando que se ela tivesse ali ela estaria feliz. Porque ela era uma ativista “vamo pra carriata, vamo pra carriata” entendeu? E é o que quero que as pessoas façam comigo também, quando eu morrer, tipo... tem eja, tem isso. Porque eu sei que se eu tivesse vivo eu iria querer participar daquilo. Acho que festa já é demais, mas se tem um evento e eu iria pra esse evento e eu viesse a falecer antes desse evento, mas muita gente não faz porque as pessoas vão falar, e eu acho que não, se você acha que aquela pessoa iria, a gente tem que fazer. (GSTJ, 22 anos)*

A vivência da perda é, em si, sempre muito particular, no entanto socialmente acredita-se que existe uma regra invisível que rege o comportamento das pessoas diante da morte e vivência da perda, indica o entrevistado. O entrevistado expressa que se incomoda com as pessoas indicarem qual seria a melhor e mais adequada forma de agir diante da morte da sua irmã. Mas também ele demonstra a coibição à mãe quando ela apresenta a dor pela perda da filha, pois a dor o incomoda.

Quando questionado o que para ele seria a morte, ele relaciona ao que entende e pratica em sua vivência;

*Eu acredito que é uma passagem, e é o que eu falei, a morte é aquela coisa que a gente vai ver um dia, só que pra mim, pra minha pessoa, acho que é uma viagem sem volta, você vai... Todo vai ter que partir é um processo que você tem que se desligar daquela pessoa, você não ter lugar como foto, você continuar sua vida. É isso [rir] basicamente. (GSTJ, 22 anos)*

Percebe-se que existe a necessidade de desfazer os vínculos e seguir em frente, pois o que seria fora do normal e saudável para ele é se manter na vivência da pessoa falecida. Por mais que tenha narrado que acredita que é importante fazer algo que a pessoa em vida faria, como um processo de continuidade, ele acha significativo que se possa continuar a vida sem se prender a ideia da pessoa falecida.

O mesmo entrevistado trouxe mais um dado que mobilizou uma profunda reflexão sobre a conexão de morte e vida, e no caso dele, se pôde pesar o que seria mais importante. O dia em que sua irmã faleceu era exatamente o dia do seu aniversário. Hoje quando se faz aniversário de morte da irmã é aniversário vitalício dele, e sua família não mais comemora, pois, para ela, é preciso manter o respeito à imagem da morte da irmã e força na vivência do luto. Assim percebe que há uma rigidez de manter a recordação e respeito ao morto por parte de sua família, como se comemorar a vida no dia de aniversário de morte da filha fosse um insulto à sua memória. Essa situação é razão de conflitos em sua casa. GSTJ (22 anos) fala, em lágrimas, que queria uma festa de aniversário, e que só a irmã (falecida) lhe dava os parabéns. Depois de sua morte, esse dia virou dia de tristeza na sua casa. De acordo com o entrevistado, a morte não é um tema desconhecido. Durante sua gestação, sua mãe tentou abortá-lo, e que não houve constrangimento dela lhe falar durante uma discussão. Os conflitos na sua relação familiar eram mais “encobertos”. Após a morte da sua irmã, se tornaram claros e expressivos cotidianamente.

Nessa situação, existem diversos mobilizadores de conflitos que foram “acionados” a partir da ocorrência da morte. Uma delas é o dia em que a irmã morre entrando em competição com uma data que lhe é importante como aniversário vitalício, e a tranquilidade e aparente paz que havia no grupo familiar se esfacela com a morte da irmã. Por mais que eles tentem fazer tudo que acreditam que *ela queria que eles fizessem*, uma tentativa de manter a normalidade e padrão comportamental familiar, o surgimento do conflito com a morte da irmã se tornou evidente. E por todos os relatos, é até possível compreender a negação que o entrevistado possui sobre a dor da morte, pois o que mais vale é lembrar do sujeito falecido em vida, talvez quando se pensa que, naquele período (em vida), não houvessem tantos conflitos, e as “coisas” eram mais “encobertas”, pois atualmente com o conflito exposto é mais difícil de lidar.

Além dos conflitos surgirem em decorrência da morte, também há sujeitos que pensam que a respeitabilidade da morte existe por causa da situação financeira. É o que apresentou a entrevistada JFJC (53 anos). Ela passou muitos anos acompanhando a irmã doente, a qual precisou se submeter à cirurgia e muitas visitas ao médico. A última cirurgia realizada é descrita pela informante como “a decisiva”. Considera que foi erro médico, e que o doutor que realizou a cirurgia só pensou em levar seu dinheiro, e não pensou na saúde da sua irmã;

*A gente percebeu que ele era um mercenário, só queria saber de dinheiro, ainda me lembro como se fosse hoje, como a gente foi fazer, eu acertei toda a cirurgia com ele, até porque a UNIMED não dava prótese, perguntei sobre o exame do coração, ele*

*disse que não precisava, que fazia só um eletro lá na hora e o exame de anemia também. E a gente tava tão agoniada com ela com esse problema deitada sem poder ficar andando com essa dor nessa perna, que a gente se sujeitou também, além da quimioterapia que a médica devia dizer “eu não conheço, mas como você está dizendo que tem uma quimioterapia especial, vou atrás vou estudar”. Porque ela não quer salvar vidas? Mas não! Quer saber não, vai logo aplicando e a gente sujeito, quem não tem dinheiro acaba aceitando com medo da morte, não é? E a gente acabou aceitando e foi o que aconteceu, a gente passou por essa oncologista, essa médica, né? E esse ortopedista, e era um médico conceituado, tem nome aqui em Campina. Não vou dizer o nome dele que eu não gosto... né? Jesus não quer essas coisas, que a gente saia falando nome de ninguém. Então, não vou dizer o nome dele, mas é um médico que faz cirurgias de pessoas famosas aqui em Campina e ficaram boas de joelhos essas coisas, essas pessoas que fazem cirurgia de joelho, jogador, é claro que é um bom médico, mas é um mercenário, queria o dinheiro! Então fez a cirurgia sem exame do coração, sem fazer exame de sangue e marcou para um dia de um feriado, que eu achei muito estranho, eu acho que essa prótese nem foi comprada, ele ganhou pelo SUS, entendeu? (rir) é um quebra cabeças, eu fui juntando as peças, e cheguei nessa conclusão de que ele é um mercenário. Depois da morte dela, né? Tudo depois da morte que eu percebi.*

A visão que poderia ser turva antes da morte, torna-se clara, porque depois que a irmã morreu dona JFJC (53 anos) pôde “juntar as peças” e atribuir àquela situação um significado, e o que ela encontrou foi que o médico fez uma cirurgia que matou sua irmã. Os elementos tornam-se mais vívidos para a entrevistada quando completa;

*E ela fez a cirurgia, né? No dia seguinte ele não resistiu, morreu. E no laudo diz que ela morreu do coração (pausa) e no dia da morte dela, ele já sabia que ela tinha morrido. Ele veio, um homem rico, um médico vim na casa de pobre.. Eu fui juntando o quebra cabeça, mas ele já sabia que ela tinha morrido, porque fui dado três cheques a ele pré-datados, com um mês a gente dava um outro cheque. Não! Depois da cirurgia que a gente dava o outro cheque, só que meu irmão não conseguiu depositar o dinheiro, e ele disse “eu vou levar em campina pra levar o dinheiro pra pagar em dinheiro a ele”, entendeu? Eu liguei para o médico “não deposite o cheque, venha receber o dinheiro que meu irmão trouxe o dinheiro, pois ele não conseguiu fazer o depósito”, mas ele já sabia da morte dela, que ele fez a cirurgia num feriado, e no outro dia ia acontecer o depósito, só que meu irmão não depositou e veio trazer, né? E eu liguei pra ele e ele já sabia que ela tinha morrido porque ele chegou todo desconfiado, e nessa hora eu tava saindo, tava indo comprar umas fraldas pra ela porque eu ia visita-la, né? Que eu já sabia que ela tava passando mal, já tinham ligado do hospital dizendo que ela tava passando mal. (...) Quando eu tava saindo ele tava chegando pra pegar o dinheiro, tudo bem ele ter vindo buscar o dinheiro porque eu pedi pra ele vir buscar, mas o normal seria ele dizer “F, deposite amanhã na minha conta...”, sei lá! Mas ele já sabia que ela tinha morrido e queria pegar no dinheiro, então eu entrei e disse, “não, dinheiro já está com minha irmã, mas eu vou entrar, porque eu vou lhe pagar” e ele disse “não, não, não! Vá fazer o que você tem que fazer, você não já deixou com sua irmã?” Todo desconfiado, porque ele já sabia que ela tinha morrido. E eu fui, até então não tinha desconfiado de nada, só tinha achado ele meio estranho. Quando eu volto eu recebo a notícia, quando o médico saiu o telefone toca dizendo que ela tinha acabado de falecer (voz embargada). Mentira! Quando um hospital vem dizer que alguém faleceu é duas horas atrás, que eles esperam, quando morre uma pessoa, dá um tempo, né? Pra depois ligar para os familiares, não é na hora não! Por isso mesmo, ele já sabia por isso que ele tava desconfiado. (JFJC, 53 anos)*

A entrevistada na narrativa substituiu o relato da experiência da perda e a dor que sentiu, para expressar detalhes de sua indignação ao médico que fez a cirurgia. A morte aparece como uma revelação, pois, após sua ocorrência, a entrevistada pode pensar melhor e assim responsabilizar, na sua colocação, o culpado. Ela se sente enganada, como se a vida da sua irmã fosse menos importante que o dinheiro. E atribui o pagamento não feito ao fracasso decorrido do médico. Tanto que não pagou a cirurgia. Depois de saber da morte de sua irmã, precisou ser renegociada a dívida. Assim, não fez o pagamento completo. O financeiro desde a situação de doença fica evidente na fala de dona JFJC, de 53 anos, pois a doença da irmã trouxe gastos excessivos a ela e à família, e a sua morte surge como um momento de desistência dos acordos financeiros feitos em prol de sua saúde.

Mas também é uma morte que aparece como alívio, pois a irmã sofria há anos com sucessivas doenças, e a família precisava destinar-lhe sempre atenção e cuidados. Então a morte também é um descanso para a família enlutada, e as histórias geram longas narrativas de esperas e tentativas.

As questões com a saúde da irmã de dona JFJC se iniciam quando esta foi diagnosticada com câncer de mama, para ter completa certeza de seu quadro clínico elas precisaram ir para Recife, pois a médica que a atendia em Campina Grande não havia fechado o diagnóstico e a encaminhou para outros exames e profissionais em Recife. JFJC narra que deixou sua filha, que na época tinha 7 anos, com os outros familiares e acompanhou a irmã na viagem. Imediatamente ao diagnóstico iniciou o tratamento:

*Fomos pra recife e lá começou todo o procedimento, fez tudo novamente os exames era câncer. Agora só, como ela tinha um marca-passo, e o marca passo ia vencer a validade que era de 5 anos, seria melhor fazer a do marca passo pra depois fazer a mama, pra retirar a mama. Então em uma semana ela fez 3 cirurgias: fez a biopsia pra saber do câncer, numa terça feira ainda me lembro, numa quinta ela já fez a do marca-passo, tinha que trocar o marca passo senão ela não iria resistir a cirurgia da mama e na segunda feira ela fez a da mama, retirou a mama. Então nós passamos lá 2 meses e quando a gente veio de lá, porque tinha o processo de quimioterapia e iria demorar ainda mais e a gente estava na casa de uma amiga, não é? Dinheiro quase não tinha, então a gente pediu pra ele transferir a gente pra João Pessoa. Em João Pessoa a gente tem o Laureano, né? Aí o médico disse “ Olhe, quando chegar lá, não aplique qualquer quimioterapia, a sua é especial se não vai danificar seu marca-passo e você vai morrer do coração, e aplicando essa especial você vai ficar normal, não vai ter nada no coração”, então nós viemos, procuramos o Laureano, conseguimos um médico muito bom lá. E vieram a conhecer essa quimioterapia, passou essa quimioterapia, ela fez 6 sessões e foi radioterapia, não quimioterapia 6 sessões, porque faz tanto tempo já, eu sei que radioterapia foi não sei quantas, que é mais, e ela ficou boa, só que ela não sentia nada na mama.*

Mesmo após todo o tratamento e o estabelecimento de sua saúde, o que trouxe tranquilidade e alívio a sua família, a irmã de JFJC estava fragilizada, e apresentou mais



sintomatologias que não conseguiram identificar imediatamente. Levando-as a mais uma travessia resignada de buscas médicas e medicações para sanar os desconfortos:

*Ela sofreu muito, foi pra 11 médicos e ninguém descobria que problema era esse no intestino, a gente até pensava que era metástase, pensava que já estava no intestino, mas não era não, e fazia todos os exames, mas não dava nada, foi pra 11 médicos... Até que um dia a gente conheceu uma senhora, por um acaso, escutou, a gente estava no banheiro no teatro municipal uma senhora conversando com outra, e essa conversa chamou a atenção da gente, e a gente ficou esperando ela sair do banheiro [interrompeu a entrevista para falar com o pai]... e essa conversa chamou tanto a atenção da gente, que a gente ficou esperando ela sair do banheiro pra falar com ela, e ela disse que era um médico que vinha de João Pessoa, que era um terapeuta holístico e contou toda sua história que a gente já tinha escutado parte. Então a gente procurou esse médico, e a gente descobriu que esse problema dela do intestino era emocional, simplesmente, e ele começou a tratar ela, com produtos naturais com a comida e ela ficou boa.*  
*Aí teve uma vida normalíssima, até que um dia a gente foi levar meu pai pra fazer um exame, e de lá num batente alto lá no Doutor Wanderley no estacionamento e ela caiu. E sofreu essa queda, e dessa queda ela não teve mais saúde.*

Essas descrições acima não chegam na luta específica da doença que ocasionou a morte de sua irmã, mas nesses trechos a entrevistada narra que até chegar na doença que causou a sua morte, a família já padecia de muita luta entre idas e vindas ao hospital.

A morte na família de JFJC (53 anos) é, assim, como no caso de GSTJ (22 anos), um gerador de conflito. Na casa de JFJC, depois da morte da irmã, a família se mobilizou pedindo a herança da mãe, e hoje existe um conflito judicial com os outros irmãos, pois querem a herança do pai mesmo sem que este tenha falecido. Além disto, de acordo com a entrevistada, seus irmãos querem a casa que ela mora, que pertencia a sua irmã falecida: “*então tá maior confusão e tá maior desunião na família por causa de herança*”. O dinheiro, a partir da morte, se torna um mobilizador de conflitos. O que fica perceptível é que os indivíduos não sabem o que fazer para resolver o conflito, pois o sujeito falecido não pode mais voltar e reorganizar as relações, então precisam admitir uma nova realidade, a que existia antes da morte não será mais possível. No entanto, sua resposta sobre o que seria a morte é cheia de esperança, há resquícios fortes de religiosidade cristã;

*A morte não é o fim, então eu aprendi que existe a ressurreição, então eu sei que vou me encontrar com ela lá, não como aqui na terra, e aí a gente vai se encontrar, a morte não é o fim e eu quero a vida eterna, por isso eu procuro andar no caminho certo. Eu faço tudo que é difícil (começa a rir) as tentações do mundo, os prazeres da vida, né? Mas a gente vai tentando. (JFJC, 53 anos)*

Entretanto, a morte também faz aparecer sentimentos de nostalgia e arrependimento, quando se imagina que se poderia ter feito mais. A ideia de reforçar os cuidados de si, e vivência

das situações junto a quem se ama também surgiram na pesquisa. Principalmente na narrativa de FHJ (75 anos) quando recorda a perda do pai e da mãe;

**O senhor poderia contar alguma situação de perda de pessoa próxima sua, e como foi essa vivência?**

*Na minha família, tem meu pai que me lembra que eu fui preso (político) no Rio Grande do Sul na ditadura, questão de ter acolhido perseguidos pelos militares, acolhido na paróquia, depois fui preso, por ter sido preso nunca fui julgado, um jeito jurídico que a ditadura tinha a liberdade de prender, e nunca tinha a obrigação de usar de esquemas jurídicos. Então por um mês você era preso, depois soltavam e você passava pela vigilância domiciliar que não podia sair. Eu não podia sair depois da prisão no Rio Grande do Sul, aí fui me formando em filosofia, sociologia, uma coisa e outra depois de 4 anos e chegou o tempo de visitar minha família, mas eles não permitiram porque eu tinha sido preso, eu não recebi o visto. Aí eu disse sem saber, “meu pai está doente e preciso”, e eles disseram então você vai para o Sul e procura o certificado, aí consegui o certificado negativo de nada consta, aí voltei e eles disseram: “agora tudo em Brasília”, eu tinha ido em SP, e eu disse “meu pai está morrendo” eu não sabia de nada, no mesmo dia chegou uma carta da minha mãe dizendo que meu pai estava morrendo com câncer, e isso pra mim era um sinal de que eles tinham vigiado minhas cartas, porque no mesmo dia chegou a autorização. Aí eu fui, visitei meu pai, e depois de um mês ele faleceu. E essa partida da morte, assim uma situação constrangedora, com o sistema que não permite visitar a família, o pai que estava morrendo me tocou.*

Na narrativa da morte do pai, existe o relato da dificuldade para esse encontro, a necessidade de ter que mentir (sobre a doença do pai) para poder voltar à casa e a coincidência dele estar realmente doente. O entrevistado admite os limites que a ditadura colocou para poder ir ao encontro de seu pai, um modelo político de repressão, no qual não havia espaço para a sensibilidade de permitir que os sujeitos chorassem seus mortos, nem que recebesse indutos por isso. O mesmo modelo político cerceou a liberdade de saber da morte e com isso destinar sentimentos e choro à perda, impedindo a vivência digna do luto de tantos familiares de homens e mulheres que permaneceram desaparecidos políticos até hoje na história. O caso do entrevistado foi de passar por todos os impedimentos e processo burocráticos, por ser estrangeiro e preso político para enfim, destinar cuidados ao pai e a última atenção antes dele vir a óbito. A representação da dor não aparece, e sim a angústia e temor do quase não conseguir se despedir do pai. Essa situação se difere da narrativa da morte da mãe, pois ela pede para que ele fique mais, e ele precisa voltar, e nesse tempo da vinda, ela falece, assim o entrevistado não pode acompanhá-la em seus ritos de despedida, como se vê na fala:

*Depois foi com minha mãe, a última vez que estive na Alemanha em 2004, então minha mãe sempre com muita alegria me recebia, ela cozinhava, da última vez ela me pediu: “Eu sempre concordei com você ir para o Brasil, mas dessa vez não”, aí sentou na beira da cama e chorou [ele faz uma pausa para atender o telefone]. Aí disse para ela, eu sempre deixo com muita alegria, desde 1961 até 2003, “sim sempre concordei, mas estou com 93 anos, fica comigo”, aí eu fui. Foi difícil, porque ela ficou chorando, e não voltei lá. E me tocou, minha mãe tinha ido no Sul,*

*visitou. Quer dizer por causa da pressão, por causa da minha mãe. E a saudade que minha mãe tinha, ela achou que eu podia ficar, porque meu pai era falecido. Sempre visito no cemitério, é como se fosse uma referência... É só um espaço pessoal de visita e oração. Intimidade de despedida e visita.*

O entrevistado descreve a tristeza de não ter dado aquela última satisfação a sua mãe, e fica emocionado durante a narrativa. Mesmo sendo um religioso de outra nacionalidade, no caso o informante é alemão, e mora em Campina Grande há 8 anos, ao falar dos acontecimentos datados de 2004, ele ainda expõe tristeza e dor ao contar a história. Porém para conceituar a morte ele diz que;

*A morte é uma transformação. Uma transformação de vida para uma vida mais plena, mais completa, eterna. É uma transformação de todo o momento de felicidade, mas é um momento de transformação para algo mais profundo, verdadeiro, que a gente sabe pela fé. Cada vez mais toma consciência, na medida que a gente vai acompanhando as pessoas, a vida, vai aprofundando a fé. (FHJ, 75 anos)*

Dessa maneira, se percebe forte elemento religioso, no qual onde se poderia questionar e duvidar, para o entrevistado, se desenvolve a fé, mas sem deixar de refletir a morte como um espaço de transformação, e enfatizando que a morte direciona para um caminho de felicidade muito mais profundo.

Destarte, existe o discurso que aponta para uma beleza e idealização da situação de vínculo com a pessoa falecida, no qual as memórias não apontam para conflito ou qualquer desentendimento, pois essa recordação é completamente omitida na situação de morte, quando a senhora MGF (63 anos) recorda do seu pai falecido, ela descreve sua relação da seguinte forma:

*Minha relação com meu pai era a coisa mais linda do mundo, ele morava lá e eu morando aqui, mas quando ele ficava doente, ele ligava pra mim e dizia “Graça vem me pegar aqui”. Eu ia pegar ele, e levava para o hospital, ele ficava aqui um tempo, parecia que tava em casa, ele se sentia mais liberdade aqui do que lá (Rio Grande do Norte), porque chegava ia até o fogão pra pegar comida, lá não, ele ficava na mesa esperando a comida, uma maravilha. Tanto que dois meses antes dele morrer, ele disse, eu sei que eu tô perto de morrer, não quero morrer sem ir em Campina não, quando ele dizia vem me pegar, eu ia correndo. Ele chegou aqui, mandava fazer a barba dele, porque ele não fazia mais. E eu levava pra o salão, mandava fazer a barba o cabelo, ele ficava todo bonito. Aí ele disse “Graça, eu quero ir pra casa”, e eu disse “oxe, vamo simhora pra casa” eu sei que era longe, mas eu nunca prendi ele aqui. Graças à Deus, hoje em dia eu lembro, é claro que a gente sente saudade, mas a pessoa lembra com orgulho e satisfação, porque todos os gosto [SIC] dele, ele parecia um menino, fica feliz quando vê o menino dando aqueles pulinhos de alegria, quando eu fazia os gosto dele, ele ficava numa satisfação. Tudo eu falava com ele, e ele falava comigo, sempre foi um pai e filho amigo.*

Existe a satisfação em ser uma filha amada e ter tentado satisfazer as vontades do pai enfermo. Para ela, foi feito o melhor para o bem-estar do pai, e há demonstração de orgulho no fato de ter podido acompanhá-lo de perto em sua doença, mesmo morando numa cidade distante da dele. Quando descreve a forma que o pai faleceu, a senhora MGF (63 anos) relembra o seu percurso de vida, como um somatório para a sua morte;

*Ele ficou muito debilitado, era agricultor, trabalhou muito, sofreu muito na vida pra criar 12 filhos, sem estudo, sem nada, ele colocou a gente pra estudar, e quando a gente aprendeu aí colocou ele na escola, todos os dois (o pai e mãe) era analfabetos, o que a gente aprendeu, a gente repassou pra eles. Colocamos eles na escola e alfabetizamos eles, aí só tinha esse grau escolar que a gente deu em casa mesmo. Ele criou esses filhos, arrendava sitio, trabalhava na agricultura, uma vida muito sofrida, aí foi morar na cidade, aí começou, mas isso ele já tava com mais de 70 anos, era maltratado não era bem tratado, só era bem tratado aqui, a gente tratava ele como um rei, ele não pegava em nada, aqui era comer, dormir e se balançar. Lá não, ele esperava que alguém fizesse as coisas pra ele, ninguém fazia, aí foi se desgastando. Aí desenvolveu um problema do coração.*

*Faz 45 anos que a gente veio do RN, aí tem 18 anos que casei aqui e aqui fiquei, eu vim do RN pra estudar, só vou lá a passeio, já veio duas irmãs minhas pra cá, eu trouxe ele pra cá, quando eu devolvi ele pra casa, um mês e pouco ele morreu. Sempre tem encontro da família.*

Vale destacar que a situação da morte não é apresentada de maneira isolada, mas articulada com outros aspectos: as dificuldades e desafios no sustento da família, a superação na alfabetização depois de adulto, a agricultura como desgastante o suficiente para ocasionar o problema cardíaco que resultou na sua morte posteriormente. Assim os relatos da experiência de morte estão vinculados às características do sujeito em vida, das construções e projetos realizados, denotando a influência da morte nos aspectos vitais, assim como o que a vida exerce novos e distintos significados ao sujeito que morre. Daí se pode refletir sobre os papéis sociais e a morte, pois a posição que o sujeito exerce dentro do grupo também trará a vivência mais dolorosa às pessoas ao redor, ou, a rejeição e indiferença destes para ele posterior a sua morte.

No caso do pai da informante, para o relato da morte, ela usou os elementos de sua força, a qual vence os obstáculos em vida, e a atividade que desempenhava diariamente, o seu trabalho no campo, mas que lentamente torna-se letal para a sua saúde. Ela enfatiza que o devolveu para casa antes da sua morte, associando a ideia de que seu pai quando estava em sua casa em Campina Grande era tratado muito bem e se sentia muito à vontade, suficientemente para sentir-se em casa, no entanto foi levado para morrer no seu Estado, na casa onde sempre morou, seguindo a lógica de vivenciar o desconhecido da morte num ambiente muito familiar e conhecido.

No entanto, ao contrário o que foi até então compreendido, a morte nem sempre evidencia ou estimula o conflito. Há casos em que a família se aproxima mais após a perda de

um dos parentes. Esse foi o caso da família de MGFM (63 anos). Ela alega que a família não se reunia tanto como agora, após a morte do pai. Todo ano se reúnem pelo menos uma vez para celebrar a família juntos.

Vale pensar a perda como portadora de representações (mesmo sendo um processo em transformação) e distintos direcionamentos. Esses aspectos foram percebidos nas narrativas dos entrevistados. Sendo diferentes as formas de ver a morte e entender a perda, isso torna cada sujeito único dentro da experiência de perder, mesmo quando se pensa na lógica de um grupo comunitário, onde o vínculo é mais próximo e os atores sociais interagem mutuamente em relação aos mais variados tipos de vivência.

No entanto, a perda comunitária relacionada aos direitos básicos de moradia, segurança, lazer, saneamento dentre outras necessidades que eles reivindicam, até aqui apresentados como mortificação social, é compreendida de maneira distinta. Sentem que perdem mais força nas situações em que os moradores desistem, finalmente admitem está à margem do desenvolvimento cidadão, pois imergem na resignação e naturalização das dificuldades. E isso ocorre quando as suas solicitações não são ouvidas, quando a resposta dos órgãos públicos é negativa, concernente a um estado de “cegueira” dos gestores e o sentimento evocado naquele grupo é de invisibilidade social. No qual as promessas surgem, mas não são concretizadas. As formas de ressignificar e reorganizar o processo da negativa dos direitos e melhores condições são mais complexas, onde se percebeu que alguns personagens daquele contexto preferem a omissão e trajam a veste da invisibilidade que lhes foi direcionada pelos órgãos responsáveis. No entanto, outros procuram romper com os silêncios e a insistência é a voz que ainda ecoa naquele ambiente. Foi possível ouvir certa rouquidão das vozes que gritaram muito, mas ainda não desapareceu por completo a vontade de continuar gritando.

Assim, o processo de morte e mortificação não passam pela experiência, casa, reivindicações e família sem fazer uma mínima transformação. Há a necessidade de se readaptar, e isso naturalmente pede algumas alterações do cotidiano, entretanto isso é muito ligado ao que os grupos entendem sobre esse perder e ao processo que levou a morte. Isso ficará mais claro adiante, quando for tratado o tópico de luto, no qual se discutirá quanto que é imbuído o luto é da luta.

### 5.5. SOBRE OS RITOS DE MORTE: A TRANSFORMAÇÃO E CELEBRAÇÃO DA TRISTEZA

A perspectiva dos religiosos sobre os ritos é de que sejam organizadores e estruturadores da realidade e situações complexas da vida dos fiéis, momentos importantes como uniões, morte, nascimento, dentre outros ritos indicam uma passagem de uma situação para o início de outra. Nos eventos de morte, as lideranças religiosas ocupam espaços solicitados pela família, no caso, quando apenas a crença e a espiritualidade podem amenizar as dores.

Os ritos ressaltados pelos religiosos com relação à morte e o luto, indicam condutas e ações para os fiéis, determinando experiências, por exemplo a missa de sétimo dia funciona como o fim de reclusão familiar e experiência de início da vivência de elaboração do luto, a ressignificação da morte e retorno às atividades convencionais. No entanto de acordo com um dos frades, ocorre uma transformação:

*Acho que teve uma mudança, pois antigamente o se acentua inclusive na religiosidade popular, na sexta feira santa era o dia assim que todo mundo morria depois da morte de Jesus, quase não se celebrava missa. Hoje é a páscoa, o que importa não é apenas o sofrimento, porque mais cedo ou mais tarde todos morreremos, mas a perspectiva de uma vida futura que nossa alegria, porque se não se entra em desespero, sem nenhuma perspectiva. A nossa fé e foca a morte como doação por amor é uma dimensão completamente nova, inclusive na celebração a gente lembrando que estão participando da morte, mas é o momento em que todos caminhamos na fronteira de nos libertar porque temos Aquele que se entregou por nós, temos Jesus. Isso que estamos celebrando, nos despedimos chorando, a parte humana está sentindo saudade da pessoa que acabou conosco, parente algum familiar, a gente não vai dizer que não sente as coisas. Agora perspectiva de esperança, transforma essa dor em esperança e também precisa aparecer um pouco na celebração, tirar as pessoas da tristeza imediata, há portas para todos, amanhã ou eu, amanhã é qualquer um de nós, de um jeito ou de outro, as vezes é uma criança que vai morrer, quer dizer, não tem... Eles podem chamar qualquer um. É a perspectiva de esperança de fé. (FHJ, 75 anos)*

Há uma mudança na forma dos fiéis enfrentarem os ritos, inclusive o momento religioso preza-se mais pela festa do que pelo sacrifício, e assim se rejeita a morte, nem se enfatiza a dor e sofrimento na morte do Cristo celebrada na Semana Santa.

Quando se reflete sobre os ritos, compreende-se uma organização e estruturação quanto à aplicação e vivências desses momentos, mas também a flexibilização, como ficou compreendido na fala do frade, de que existe uma adaptação de acordo com a lógica de funcionamento social na realidade dos fiéis. Nas situações de morte, os ritos de morte (ritos de passagem) se iniciam com a visita dos padres (neste caso os frades) à família, a escuta dos parentes e o enfoque de dar palavras de conforto ao grupo enlutado.

A presença da liderança religiosa no velório não é obrigatória. Se eles estiverem presentes, é por um curto espaço de tempo, possibilitando assim, a família do morto realizar e direcionar suas próprias orações particulares, a vigília em torno do corpo e as despedidas.

Então, passado o velório, que “é o ritual de preparação para o sepultamento” (PEREIRA, 2012, p. 170) se inicia propriamente o processo de sepultamento, quando ocorre os ritos de exéquias, que são orações e ritos destinadas a alma do morto pelo celebrante religioso. O frade da Paróquia de São Francisco destaca na entrevista que muitos aspectos quanto à história de vida do morto, dificuldades familiares de encarar aquela morte, e também os conflitos familiares acabam adentrando na celebração, mas que mesmo assim há muitas variações quanto ao comportamento dos familiares durante o ritual das exéquias e sepultamento:

*É muito diferenciado [o comportamento das pessoas durante os ritos], tem famílias que se desesperam, muitas que tomam com naturalidade, outros que não ligam. Na celebração que fazemos, tem famílias que choram, outras o pessoal sai para fumar um cigarrinho e um café e contar umas histórias [rir], mas é cultura, alguns evitam refletir a coisa, e nem rezar, tem famílias que até que aconteceu o sepultamento, mas não é o momento de celebração de celebrar a fé, mas não é o momento. A forma da morte também influencia. (FHJ, 75 anos)*

Indicando que existem muitas variantes nos eventos e situações sociais da morte que da mesma forma que influenciam no momento do sepultamento, intervém de maneira indireta no processo de ocorrência dos ritos religiosos.

Todo esse processo para os católicos são etapas importantes e pertinentes para a vivência e elaboração da perda. No entanto, a comunidade como um todo não acompanha as experiências de ritos deixando a obrigatoriedade da família do falecido. O velório, como foi visto no início desse capítulo, é um rito muito populoso, seja pela solidariedade ou curiosidade dos moradores, os quais buscam pelo menos “passar lá para olhar o morto”, assim se percebe como a atenção se volta a observação e contemplação do corpo. Os velórios com maior popularidade de acordo com os religiosos e moradores locais são de jovens mortos em decorrência do tráfico. Segundo dona MGF (63 anos) em casos assim há maior curiosidade da comunidade em ir ver.

*Mas quando é matado gera polêmica, principalmente quando é marginal, é mais visitado do que quando é um pai de família, porque todo mundo quer olhar, todo mundo quer visitar, todo mundo quer ver como foi. Mas é mais pela curiosidade.*

Então compreendendo que a morte é um fenômeno natural e social que ocorre dentro daquele grupo (mesmo que a incidência fosse muito maior, de acordo com os entrevistados, há

alguns anos), ainda assim, existe a curiosidade dos moradores em algumas ações como: na observação do corpo, saber das histórias e compreender a razão da fatalidade, e com isso buscam prestar solidariedade aos familiares enlutados, até porque são todos conhecidos, pois de maneira direta ou indireta, se estabeleceu uma rede de sociabilidade coletivamente, algo que o espaço comunitário possibilita e estimula. Seja por questões de morte ocorrer em situações naturais, ou por uma circunstância inesperada advinda da violência, acidente ou mesmo, o acerto de contas decorrido do tráfico.

Os religiosos se colocam como disponíveis para ajudar e dar suporte aos moradores na redução dos temores quanto a morte e mortificação, e na busca de autonomia do grupo nas lutas locais. Um dos frades se propõem como facilitador e auxiliador nas lutas relativos ao Riacho das Piabas. Ele juntamente a alguns sujeitos da comunidade se queixam da mortificante invisibilidade, mas que mesmo assim não desistem, porém traz o relato de descontentamento quanto a falta de participação de todos os moradores, na realidade não há colaboração massiva destes nestas lutas reivindicativas, denotando posturas ambivalentes daquele grupo, numa comunidade onde se dedica a comportamento de solidariedade em prol dos sujeitos em luto, mas que nem todos possuem a mesma ação quanto a luta pela melhoria do próprio espaço habitação. No entanto, essas lideranças religiosas acabam ganhando a consideração e gratidão do grupo, ações como essas, causam uma aproximação dos moradores que ultrapassa a linha dos ritos religiosos.

#### 5.6.SOBRE UM NÃO SABER E UM SENTIR: O LUTO, UM PROCESSO DE RESSIGNIFICAR E CONTINUAR

O processo de ressignificação e reconciliação é muito importante quando se passa pela desestruturação a partir da perda. Mas vale observar também o espaço no qual o indivíduo está inserido e a cultura do ambiente sobre morte e a perda para compreender o sentido da ressignificação e reorganização do grupo social.

Esta pesquisa foi realizada na comunidade Rosa Mística e a partir das visitas a campo percebeu-se que naquele ambiente existiam estigmas e marcas de marginalização, essas categorias dentro do contexto urbano podem ser compreendidas como feridas, que expõe determinados grupos como portadores de perigos e possuidores de mazelas sociais. E a mesclagem do tema da morte, do medo, dos problemas, surgiram como características do próprio espaço urbano em que estavam. O vínculo que realizaram com a morte e as ausências de políticas públicas foram comuns.



Assim sendo, aquele grupo vivenciou situações de exclusão e invisibilidade social diversas, que a partir das falas dos informantes são entendidas como situações mortificantes. O sentido de mortificação inferido nesse contexto é de um abatimento causado por insatisfação. E para a vivência dessas situações de mortificação os moradores precisam de novos significados, para que as estigmas e dificuldades sociais não mobilizem uma total prostração civil e reivindicatória.

Como ficou claro nesse trabalho, o luto, consiste em um processo de sociabilidade do indivíduo para a sociedade através da relação da reintegração, já havendo em si a ressignificação da situação da perda. Abrindo a possibilidade de ser entendido também no sentido das perdas de direitos e recursos básicos. Como foi visto acima sobre a Rosa Mística, os moradores mesmo em meio a constantes negativas e dificuldades, ainda buscam melhorias, entendem a perda como uma possibilidade de mudança, e isso torna-se reflexo na forma de enfrentar o luto a partir da perda por morte.

Falar sobre experiências de morte de pessoas amadas, amigos íntimos e familiares é algo que evoca recordações e não foram poucos os momentos que foi perceptível no entrevistado o embargo na voz, mas um sorriso de boas recordações. Falar da morte evoca também a lembrança da pessoa amada em vida e acaba trazendo, como alguns entrevistados expuseram, a saudade da pessoa. Assim, o luto se torna um processo elaborado, mas cheio de saudade.

Mas em si existe uma dúvida, um não saber sobre essa vivência, como demonstrou uma das entrevistadas:

*O luto é a “perca”[SIC] do ente querido? Não sei dizer. Essa tristeza que eu senti no enterro dela? Não de revolta, mas a gente fica triste quando perde uma pessoa assim e só fica a saudade e a dor, acho que o luto é isso, essa saudade. (JFJC, 53 anos)*

Por mais que a informante JFJC (53 anos) expressasse a saudade, primeiro não tinha certezas sobre o que seria o luto, como se o luto fosse algo muito interno e não refletido, por isso que não pareceu como características de vestimenta, comportamento ou ideologia religiosa, mas como um sentimento. Também percebido na fala de outro informante:

*O luto é o silêncio do seu coração, é o sentimento que você guarda né? Eu sou contra aquele povo que diz que tem o luto: falar de vestir preto, dos 7 dias sem ouvir o som, não sei o quê, não sei o quê... porque muitas vezes aquilo ali é só uma questão formal, a questão da aparência, do aparecer para as pessoas. Eu sou mais do luto mais conservador do sentimento, com o seu silêncio, com sua dor própria. Eu acho que o luto de cada um tem uma forma diferente de agir. Quando você reage da forma de usar o preto, muitas vezes você tá fazendo o preto, mas pra muita gente você tá fazendo o ridículo, você não sabe como é a vivência daquela pessoa que tá com o luto*

*e a pessoa que morreu. Muitas vezes é uma aparência, uma forma de agir da forma do luto como uma fantasia, né? Mostrando as pessoas que tá sofrendo, tá sentindo, aquilo que você nunca sentiu em vida, entendeu? Eu acho que é uma heresia, totalmente indigno, acho que o outro, o luto sério é aquele que você guarda no seu coração, pra você. Não é necessário chora, chora, o preto, um “bucado”[SIC] de coisa que o povo faz aí. Pra mim o luto é o que fica no coração. (LSM, 38)*

Assim, o informante retrata a descrença pelo comportamento social do luto, pois percebe como condutas sem verdade de afeto, ou seja, adota um comportamento mais moderno e urbano, no qual não há necessidade de demarcação social desse estado, sendo necessário apenas a experiência silenciosa e subjetiva da perda. Dessa forma, quando passa pelo luto de seus parentes sempre coloca um “luto afetivo”, sem marcas sociais e externas, pois não vê como necessárias para vivência da dor e sua elaboração, e não sente julgamentos por optar por não usar o preto e aderir as antigas marcas denunciadoras do luto. Entretanto, há quem sente o desconforto por passar um luto sem exposição social, como a cor preta e a extrernalização da perda, e sentir julgamentos, como se aquela ausência denunciasse a falta de sentimento pela pessoa falecida, como alega o jovem GSTJ (22 anos);

*As pessoas apontam muito quando as pessoas tentam continuar a vida depois da perda, quando é mãe, irmão, quando é pai, as pessoas apontam muito, elas acham que a gente tem que se fechar por seis meses, um ano. Por exemplo, eu gosto de ir à festas, se uma pessoa próxima a mim morrer, as pessoas acham que eu devo parar de ir à festas durante um certo período, vou ter de viver o luto durante um certo período, mas eu acho que o luto não é isso. O luto é saudade que você tem, é a vontade que você tem de estar perto, é a vontade de você querer que a aquela pessoa esteja viva, mas não é mudar sua vida, por causa disso. Alguma pessoas [sic] tem trauma, aí beleza, mas não acho certo, não, você parar sua vida por causa de um ente querido que se foi.*

Mais uma vez a ideia de luto é relacionada à saudade, no entanto, o jovem denuncia o desconforto dos julgamentos contra os sujeitos enlutados que buscam rapidez na volta das atividades, e não optam pela reclusão em seus lares ou por marcas visíveis do luto, as quais sugerem que as pessoas devem se comportar de determinada maneira para serem compreendidos como verdadeiros enlutados, como se roupa e ritualização significassem a expressão uma de dor de perda. Porém, vale ressaltar que há muito mais nas ações de expressividade social do luto e da perda, pois os sinais públicos de luto indicam também solidariedade com a dor dos que ficam. Expressa não apenas a importância pessoal e social da perda, mas, também, o “sinto muito” ou “meus pêsames” aos demais enlutados.

Comportamento traduzido por Aries (2012) quando retratava o luto, no século XII, que era ricamente ritualizado, e tinha especificidade de vestuário, alimentação e tempo específico de vivência, assim toda a sociedade passava a dar um tratamento específico de visitas e

acompanhamento aos familiares enlutados. De certa forma, a família que sofria uma perda por morte, tornava-se continuamente observada e acompanhada. De acordo com o entrevistado, esse processo ainda ocorre dentro da comunidade, pois as pessoas acompanham as famílias enlutadas com um tom de crítica e incompreensão quando os comportamentos fogem ao esperado, que de acordo com ele, é a paralisação e impedimento de algumas atividades realizadas antes da morte, como participar de eventos comemorativos, como festas por exemplo.

Para o jovem, a forma de passar e elaborar a dor, na sua experiência, é completamente diferente. Assim não aceita se submeter a vontade do outro para sentir e elaborar o processo de luto. O luto para GSTJ (22 anos) é saudade, uma vontade de que a pessoa falecida esteja viva, assim o luto é subjetivo, não se adequa a ordem do externo e nem entra num demarcador social. Isto posto, reflete-se que essa é uma concepção mais subjetivista, individualista e intimista que limita as consequências sociais da perda, por demarca-la apenas como uma experiência individual. É uma concepção mais moderna e urbana do luto. Dessa forma, nota-se aqui a tensão entre dois tipos de luto, modos sociais de lidar com a morte e a perda: um mais comunitário e outro mais individualista. O jovem mais adiante relaciona o luto a um estado de manutenção do laço formado ao sujeito falecido, quando diz “*a melhor forma de viver o luto é continuar aquilo que a aquela pessoa estava fazendo, que aquela pessoa queria fazer e você continuar seus projetos, não é melhor?*”. De acordo com Lacan (1997), o processo de luto se dá pela manutenção do vínculo ao sujeito falecido: seja através do cuidados da prole, atividades idealizadas, “fazer aquilo que a pessoa morta faria se tivesse viva” como uma ideia de continuidade, ou seja, há uma substituição na vivência do luto, no qual o gasto de energia dos enlutados se direcionam em prol da pessoa falecida, como uma transformação dos cuidados destinados ao ente falecido para as atividades e responsabilidades pertencentes a este sujeito que morreu. Já que não se pode estar com a pessoa, nem cuidar dela, então passa-se a direcionar atenção aos seus projetos inacabados.

O caso do jovem GSTJ (22 anos) é deveras interessante, como foi analisado mais acima, pois sua irmã faleceu no dia do seu aniversário, assim ele viu a data que para ele seria festiva como triste e dolorosa. A representação da morte, o processo de perda e elaboração do luto são diretamente vinculados a transformação de uma situação que até então era prazerosa e festiva. Assim, para ele a superação da dor precisou ser rápida, e não passar seu aniversário solitário e entristecidos como fazem seus outros parentes. Essa situação acirra ainda mais um conflito silenciado até a morte da sua irmã:

*Porque assim, tem semanas que eu não penso na minha irmã, mas tem semanas que eu não penso nela, porque ela morreu no dia do meu aniversário. E todo aniversário minha família me aponta quando eu saio pra ir comer, porque eu nunca fiz festa no meu aniversário, eu nunca tive isso não, mas eu saio pra comer, pra conversar, pra rir. Na minha casa eu não vejo as pessoas celebrando não, mas assim é a comemoração do meu aniversário, é a morte da minha irmã, mas eu tô vivo, e as pessoas não olham pra mim e comemoração do meu aniversário, só veem o luto da minha irmã, entendeu?*

Há uma necessidade de ressignificar a data ou devolver o significado que outrora possuiu: de dia festivo, dia de comemorar, celebrar sua vida, mas sente que é muito difícil pois todos em sua casa o apontam como se fosse obrigado a passar por aquele dia sem alegria ou comemoração. A fala do entrevistado indica que realizou uma comparação, na medida que buscou junto com a sua família compreender qual aspecto é mais valorizado naquele grupo; se é sua vida ou a morte da irmã, porém os familiares se debruçam a indicativa de desrespeito à memória da falecida a partir da vivência de situações festivas no dia de seu aniversário de morte, apontando que para aquele grupo pode existir muita ambivalência e dúvidas, mas que mesmo assim é necessário preservar a memória da falecida a partir do silêncio e sofrimento, mesmo que cause um doloroso incômodo no dia aniversário do entrevistado. O jovem finaliza dizendo que:

*Luto é você viver a saudade, viver a falta, e você passar aquele momento distante, sentir toda a saudade toda a falta que você tinha daquela pessoa, a falta, a saudade, a vontade de tá perto, é você viver aquilo, tudo isso, mas depois disso[silêncio]... o outro foi só naquele momento, só a falta que a pessoa vai fazer em sua vida. (GSTJ, 22 anos)*

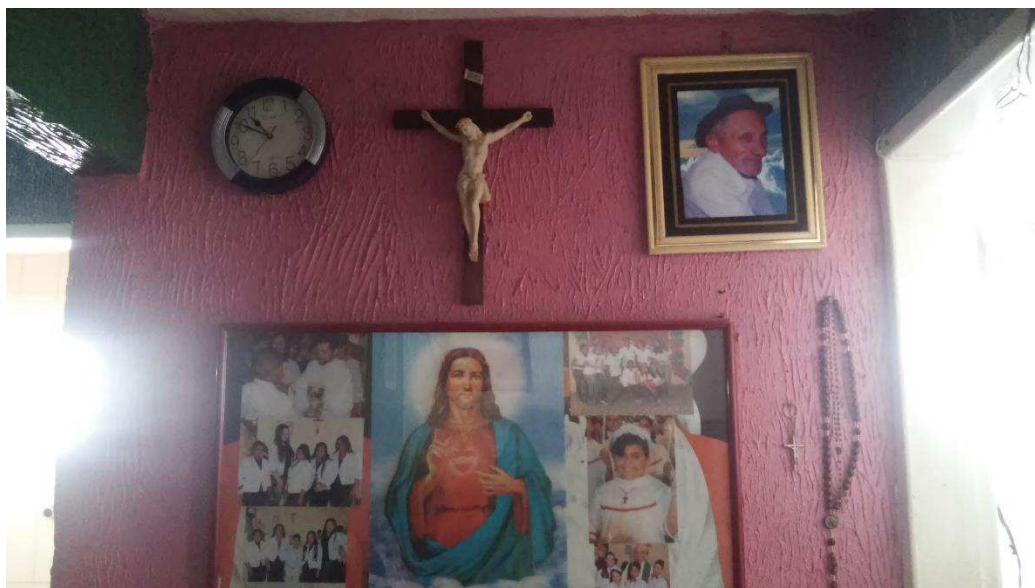
Reforçando a ideia do luto como uma vivência subjetiva, mas não propriamente individual, pois ali agrega importância a toda a coletividade direcionar os sentimentos e ações para o mesmo significado, ele indica que essa experiência abre espaço para um recomeço, na realidade uma continuidade. O luto está guardado, mas a vida continua com seus movimentos naturais, e não adianta se prender ou vincular ao sujeito falecido, apenas lembrar dele, é o que declara o entrevistado.

A memória nesses eventos são sinais, não apenas da vivência, mas um processo da idealização da situação, visto que os personagens narrados não existem mais, e a vinculação da situação memorada envolve os afetos ao sujeito falecido, como também a própria experiência e a perda.

Em algumas residências as fotos dos falecidos estão presentes, mas ficam como um resquício de um momento quando ainda estavam vivos e por infortúnio não estão mais presentes

naquela habitação, só restou a fotografia. No entanto, nesses dois casos, as imagens a seguir, as fotos dos falecidos estavam juntas a imagens religiosas, modelo que consiste em um tipo altar.

A primeira imagem, presente na casa de dona MGF (63 anos), percebe-se como um espaço de um mural com fotografias da família, mas a fotografia separada consiste na imagem do pai, ao lado do crucifixo e acima do terço. Ela afirma que reza por ele, coloca intenção na missa, mas não precisa se direcionar ao altar produzido na parede da sala para realizar suas orações.



**Foto: Altar na casa da informante.  
Fonte: Pesquisa de Campo**

Na segunda imagem há uma história sobre esse altar, promessa e projeto futuro sobre ele. Está presente na casa de dona JFJC (53 anos) logo na entrada, nele há três prateleiras com imagens de santos e fotografias da irmã e mãe falecidas. Ela conta que quando a irmã adoeceu ela fez uma promessa de que iria mandar construir uma gruta em sua casa em agradecimento ao restabelecimento da saúde de sua irmã. No entanto, sua irmã veio a óbito, e por isso ela não teve a intenção mais de fazer a gruta, porém fez um pequeno altar na entrada da sua casa, e que durante suas orações junta a família em torno dele.

Dona JFJC (53 anos) conta que depois de alguns meses após a morte da sua irmã ela teve um sonho, e que sua irmã falecida a cobrava sobre a construção da gruta, pois naquele momento ela se encontrava curada. E durante a entrevista dona JFJC (53 anos) se emociona ao narrar a situação, afirmando que agora ela estava realmente curada de todas as mazelas que a incomodava durante a vida. E assim que tivesse condições financeiras ela mandaria construir sim uma gruta e cumprir sua promessa.



**Foto: Altar na casa da entrevistada.**

**Fonte: Pesquisa de Campo**

Nas narrativas se concebe um dito para aquilo que se colocou como “indizível”, e essa é uma possibilidade aberta pela metodologia qualitativa, através da história oral é possível “captar o não explícito, quem sabe mesmo o indizível” (QUEIROZ, 1988, p. 14) e traduzi-lo em registro, percebendo as emoções e afetos presentes na fala dos informantes. Assim, expor o que seria o luto e essa dor não vista, mas claramente sentida pelos entrevistados é reforçar a compreensão que foge aos conceitos formais, por isso que nas falas há sempre o intento de demonstrar que é de dentro, é sentido, não é visível, mas é traduzido pelos afetos e a saudade foi a palavra que melhor pode responder alguns questionamentos.

Mas o que fica claro é que houveram mudanças, e essas transformações causam certo desconforto, como se os modelos novos não fosse formas autênticas de vivenciar a morte e a perda, levando a interpretação de que o processo de luto, não é efetivo, é falso, dissimulado ou “incorreto”. Sobre essas queixas, a informante MGF (53 anos) expressa sua indignação pela

maneira que a geração atual percebe e demonstra sobre a perda: “*antigamente sofria mais impacto, hoje em dia não, é com curiosidade. O luto era fechado, hoje não, é muito liberal, sem sentimento, sem respeito, falta muito respeito*”.

O Esposo de MGFM (53 anos), JFM (60 anos), expressa com maior indignação que:

*O luto é um [faz um silêncio] uma desgraça! Antigamente era... [faz pausa] o povo de primeira, a gente usava aquele paninho preto<sup>67</sup>. A mãe usava a roupa, a viúva? De primeira, era a viúva os filhos era tudo de roupa preta. A tecnologia é tão grande em menos de 3 meses, se esquece. (JFM, 60 anos)*

O informante relaciona a “tecnologia” às mudanças na forma das pessoas vivenciarem o luto, considera que essa maneira contemporânea não convém com a verdadeira forma de vivenciá-la. Assim a representação do luto, de acordo com o informante, está vinculada ao sofrimento e a lembrança do sujeito falecido. A dona MGFM (53 anos) completa dizendo:

*Quando vem do cemitério a esposa já está pensando “quem é que eu vou pegar” [rir]. Hoje em dia não se tem mais respeito não, morreu, acabou-se! Acabou-se o respeito.*

Dessa maneira, ela só acredita que há respeito quando se vivencia a perda de maneira marcada, socialmente perceptível e dolorosamente, com demarcações claras do sofrimento dentro do grupo que perdeu alguém querido, além dos fortes indícios de solidariedade social, ou seja, um luto comunitário. Considera ser completamente desrespeitoso a ideia de uma viúva pensar num novo casamento imediatamente após a morte do companheiro.

A forma que a informante MGFM (53 anos) experienciou o luto foi de aproximar-se mais dos outros familiares, após a morte de seu pai. Para ela, a forma de amenizar o sofrimento foi compartilhando a situação de perda e consolo junto à família, sendo que essa morte rompeu barreiras e conflitos que haviam entre eles. Assim, o luto foi uma forma de organização e estruturação na sua casa.

Mas o que ficou em evidencia em todas as falas e entrevistas, foram as maneiras distintas usadas para a elaboração da perda. Enquanto que uns preferem sentir sua perda de maneira aprofundada, subjetiva e intimista, ou seja, evitando a demonstração do sofrimento nas mais distintas esferas de suas vidas, crendo profundamente que a morte aconteceu para alguém

---

<sup>67</sup> Também chamado de Fumo, um pequeno pedaço de pano preto que se utilizava preso a um bolso da camisa, e também era posto no chapéu como demarcação social de que aquele sujeito estava em luto pela perda de alguém próximo.

amado, mas a vida “continua”, inclusive até buscando situação para não sofrer e sentir a falta. Outros procuraram por solidariedade, contato e consolo dos demais, no qual o grupo social compartilha da mesma experiência e silêncios nesse momento, com companheirismo e um demarcador que determine o início de sua vivência de dor e finalize, ou seja um luto comunitário. E essa dualidade entre os que evitaram se entregar aos sofrimentos e os que optaram passar por ele com brevidade, traz um dado importante a ressaltar, que todos os entrevistados da comunidade Rosa Mística, sofreram de alguma forma o impacto por perder uma pessoa próxima, mas que mesmo assim sentiram a morte de uma maneira marcante. E assim de forma diferenciada procuram maneiras de lidar e passar por ela.

## 5.7 RESPOSTAS AO LUTO

As interpretações e vivências sobre a situação de luto, exposto no tópico acima, foram distintas. Um não saber recobre a esfera interpretativa dos atores sociais investigados, no entanto, refletindo a posição e expressão dos informantes, vale destacar que o tema discutido e questionado nas entrevistas atravessou a perspectiva de morte e entrou nos seus espaços de vida. Assim a morte não é apenas uma circunstância que espera os indivíduos como um fim de vida, mas um processo simbólico ou simbolizado que alguns sujeitos tentam vencer diariamente.

Esse é o caso dos sujeitos investigados. O espaço de fala sobre as experiências, interpretações e sentidos de uma específica categoria e suas variantes, abriram um feixe de significados sobre um mesmo fenômeno para ser visto sob uma ótica distinta. As falas no decorrer das entrevistas entravam num tom de denúncia e desabafo sobre as dificuldades existente no contexto local onde residem.

Assim, quando retratada a esfera de luto, mais do que pensar nessa prática de sentidos, ele adentrou no âmbito de luta, o qual os sujeitos representam sentidos e significados para a vivência da perda (na ausência de ganhos), que nas entrevistas passavam da experiência pontual para os aspectos diários de suas vivências.

As respostas passam pela compreensão que se faz do grupo social e das experiências. Importante destacar que num mesmo contexto familiar as respostas ao luto podem divergir completamente. Assim como, as reações serem perceptíveis a partir da interpretação à vivência individual ou social, esse mesmo combustível pode ocasionar numa ampla resposta ou ser um amadurecimento e reconciliação subjetiva-social. No entanto, algo acontece após a morte ou –



como foi inserido a esse contexto – mortificação, um tipo de luto e/ou luta é travado no sujeito. Se espera apenas para saber a resposta que ele dará a situação.

Dessa forma, vale refletir sobre distintas significações e categorias comportamentais para a representação deste acontecimento, que podem ser compreendidos das seguintes formas:

1) Luto e luta; 2) Luto sem luta; 3) Luta sem luto e finalmente, 4) sem luto nem luta.

| TIPOS                | SIGNIFICADOS                        | NARRATIVAS  |
|----------------------|-------------------------------------|---|
| <b>Luto e luta</b>   | Reconciliação e Reintegração Social | <p>“Porque os procedimentos da médica foram totalmente diferentes de uma pessoa com plano de saúde, e eu como sou manicure tive uma cliente que teve esse mesmo problema que ela, essa descalcificação, uma coisa assim... Pelo SUS a médica furou o peito dela e mandou ela ir pra casa. No particular é diferente.” JFJC</p> <p>“Então, eu liguei pra ele (para o médico) quando tava perto de vencer o outro cheque dizendo que não depositasse que a gente tinha sustado o cheque e ele disse “mas porque você sustou o cheque? Eu fiz a cirurgia!” eu disse sim o senhor fez, mas foi negligente, nem fez o exame do coração e eu perguntei ao senhor, o senhor disse que não, só um eletro fazia na hora, e a gente desesperada na agonia deixou o senhor fazer essa cirurgia, e não o exame de sangue porque o senhor sabia que ela tava com anemia, quer dizer, todos dois ela jamais poderia fazer uma cirurgia dessas, do jeito que ela estava debilitada ela não iria resistir, e o senhor deixou ela fazer, foi negligente, e por isso que eu não vou pagar a metade, eu sou uma mulher de palavra, é porque o senhor não fez os procedimentos que um médico deveria fazer e também porque a gente não tinha dinheiro, entende?” JFJC</p> <p>“Eu aprendi a pergunta para quê? (começa a chorar) aconteceu tudo isso pra que a gente melhorasse, a gente ficou mais unida, se dedicou mais a Deus, mas a vida religiosa(...) Mas quando a gente chegou aqui, voltou a rezar.” JFJC</p> |
| <b>Luto sem luta</b> | Resignação                          | <p>“Graças à Deus, hoje em dia eu lembro, é claro que a gente sente saudade, mas a pessoa lembra com orgulho e satisfação, porque fiz todos os gosto [SIC] dele.” MGFM</p>  |
| <b>Luta sem luto</b> | Ressentimento                       | <p>“Porque minha irmã (falecida) sempre lembrava do meu aniversário, não me dava nada não, mas sempre lembrava, ela dava os parabéns, mas hoje as pessoas não vêm, eu que comemore, ninguém pra fazer isso. Nunca teve agora que não vai ter. E eu faço isso com meus amigos, as vezes ele me julga, porque no meio do meu aniversário o povo quando sabe pergunta “e você ta aqui”, então</p>  |

|                          |             |   |
|--------------------------|-------------|---|
|                          |             | acham que nós estamos brigados porque eu digo, gente foi ela quem morreu. ” GSTJ<br><br>“Minha mãe faz homenagem no facebook pra minha irmã, e não me dá os parabéns pra mim. E nunca falamos nada, porque quando é sobre morte a gente não fala, e sobre mim aí que a gente não conversa. ” GSTJ |
| <b>Sem luto nem luta</b> | Indiferença | “Ninguém tem mais respeito. Teve uma casa que no dia do velório, o pessoal (dois jovens) foram [SIC] pra uma festa. Disseram que como aquela (festa) eles não achariam mais. Não se importaram com o velório e enterro. ” MGF   |

A elaboração da perda passa pelas vivências de afeto e um arsenal interpretativo do contexto social e cultural onde a experiência se situa, que dá sentido, favorecendo nesse processo ou o interferindo por completo. Dessa forma, quando se procura viver a dor trazendo como suporte e apoio a ação de expor algo ou alguém que o indivíduo considera ser o responsável pela perda, e disso ocasionar uma ressignificação do evento de dor, é o que se pode chamar de ”Luto e Luta”. Nesse modelo há a intensa e incansável expressão de responsabilização, buscando mudanças, e dessa forma aplacar a dor e a angústia da ausência. No caso de JFJC (53 anos), quando perdeu sua irmã, responsabilizou o médico que realizara a cirurgia. Ela analisou, “juntou os pontos”, expôs a figura desse profissional a todos que conhecia (talvez buscando o boicote e diminuir possíveis outros pacientes), assim houve uma transformação da dor em revolta. Mas em seus relatos havia também queixa quanto o sistema de saúde, afirmando que precisou de plano privado, pois sabia que se tivessem ido para os serviços públicos de saúde, certamente a irmã teria falecido no início da doença. É perceber a desistência e descrença das políticas públicas de saúde, já diagnosticando que haveria ineficiência do serviço, e agravamento no quadro de sua irmã, ou até mesmo a morte da por falta de prestação devida. Assim, o ‘Luto com Luta’ é o investimento do sentimento advindo da perda ao mundo exterior, é atribuir significado à situação, as ações realizadas a isso, para finalmente chegar ao processo de reconciliação, momento de reestruturar os laços que ficam rompidos ou danificados quando a morte ocorreu.

E quando, diante da morte ou mortificação, as pessoas e a comunidade desenvolvem meios para superar a dor, o sofrimento, ocasionando a revolta ou o sentimento de injustiça, mas não surgem conflitos ou demandas pela transformação das condições sociais que produziram a perda, configura-se na situação a qual pode-se “Luto sem Luta”. Neste sentido, o luto consiste

em processo de resignação ou aceitação perante a perda pessoal ou comunitária. Esta compreensão é a prática defendida por muitos fiéis católicos em comunidades populares, numa interpretação da Paixão de Cristo que incentiva a passividade ou acomodação social. A resignação coletiva também existe dentro da comunidade, mesmo em meio a tantos gritos e desejos de mudança, também há apatia de grande parcela dos moradores da comunidade sobre as muitas dificuldades que os assolam. Alguns vestem e aceitam a capa da invisibilidade que lhes foi dada, e ainda há muito silêncio entre eles. Silêncio quanto à falta de saneamento, segurança, lazer e todas as adversidades existentes nesse espaço. Existe entre eles o sentimento de luto, mas não há intuito de fazer mudanças, de criar uma ressignificação e transformação das próprias condições, há obediência silenciosa sobre todas as dificuldades que perpassam em seus lares e espaços de vivência. Entre alguns já se estabeleceu a falta de esperança de mudança futura.

Com efeito, o “Luto sem Luta” consiste no processo de resignação perante a perda, nele não há revolta, questionamento, ou indignação social quanto ao acontecimento da morte, existe um silêncio. Um outro exemplo dessa resposta ocorre na forma que dona MGF (63 anos) ressignifica a morte do pai, não há sentimentos de ambiguidade, apenas resignação e complacência pela perda, ela compreende que ocorreu o que estava prevista na vontade de Deus e nada que ela fizesse mudaria a situação. Assim há um profundo respeito com o fato da perda e inexistente a ação para modificar essa realidade, por mais dolorosa que ela se coloque.

Nem todos os indivíduos que passam pela perda entendem e vivenciam o luto resultante num processo final de aceitação. Nesse percurso há outras rotas que o sujeito faz e ao término fica um espaço não resolvido, um “não dito” que se apresenta todas as vezes que o tema da morte é evocado. Assim é a “Luta sem Luto”. Nessa situação pode-se citar o caso do jovem GSTJ (22 anos), após perder a irmã, ocorre uma desestruturação nos vínculos familiares, seus conflitos com a mãe se intensificam, principalmente porque sua irmã falece no dia do seu aniversário. Segundo o entrevistado, anualmente é sempre o mesmo conflito e crise quando quer festejar o seu dia vitalício, percebe o olhar de proibição e não aceitação da mãe para essa ocorrência e a crise ressurge. Hoje o jovem não se reconciliou nem com sua família, talvez também com a ideia da perda da irmã, pois não atribuiu a esse evento o significado, nem pode restabelecer os vínculos, uma vez rompidos após a perda da irmã, com a família a partir da reconciliação.

Um exemplo de grande repercussão no interior da comunidade, que pode ser caracterizado como a “Luta sem Luto” foi o caso da criança que caiu no canal e posterior a esse

evento veio a óbito. Esse acontecimento criou uma esfera de solidariedade local, o sentimento de perda que se estendeu além dos membros da família. Os moradores não passaram pelo luto especificamente da perda da criança, mas esse evento tornou-se um marco e justificativa da luta pela Revitalização do Riacho, onde as pessoas alegam que se sentiriam mais seguras e tranquilas, se aquele espaço fosse revitalizado, isso traria menos riscos às crianças da comunidade e para toda a comunidade em si, e gerou mobilizações lideradas pelos membros da igreja, porém nem todos os moradores entraram no movimento. Com isso, quando esse processo se dá sem o correspondente subjetivo/social da superação do impacto da perda e a busca da manutenção das relações com a sociedade, para resultar numa ação reintegradora do sujeito com a coletividade, configura-se o que estamos chamando de “Luta sem Luto”. Nesta situação, a luta desenvolve-se como um processo de ressentimento ou revolta perante a perda pessoal ou comunitária que pode desaguar numa dissolução dos vínculos afetivos e sociais, e na propagação de conflitos e atos de vingança que esfacela o tecido social. Este é um dos riscos presentes em muitas comunidades populares onde os ritos e procedimentos próprios à dinâmica tradicional do luto se enfraqueceram, desapareceram ou deram lugar ao luto moderno, subjetivo, pessoal e privado.

Uma das formas de lidar com as condições sociais que produziram a morte é a ausência de luto ou de luta, quando não se passa por processamento pessoal ou social da perda sofrida pelo acontecimento da morte, considerando-se que a dor e a perda não precisam ser trabalhadas, nenhum conflito se apresenta para sanar, responder ou resolver a perda, quando não há revolta ou demanda por justiça. Nessa situação, a morte é vista como um obstáculo incômodo ao transcurso natural das vidas das pessoas e da comunidade, que tentam retomá-lo o mais rapidamente possível. Esse último tipo de resposta, não ocorre processo algum, após a situação de perda, considerando que não há dor a ser trabalhada, nem conflito a responder e resolver, não há revolta, resignação ou pedido de justiça. A simples indiferença ao evento e o morto, negando também o sentimento que isso pode atribuir. Esse tipo de resposta se encaixa ao que Ariès (2014) retrata sobre o luto do século XX, a completa indiferença e rejeição pela morte, esse é um processo “sem luto nem luta”. Durante conversa com dona MGFM, ela contava uma história que a deixou completamente perturbada. Quando numa determinada família moradora da comunidade, um dos parentes falece, e duas pessoas dessa casa não comparecem ao velório, sepultamento, pois estavam em uma festa, quando questionados os jovens sobre esse comportamento e escolha eles disseram que não “se importavam”. Houve uma opção escolhida, e nessa situação de “perda”, não trouxe sentimento nem responsabilização, revolta, ou indicação

de luto a vivenciar. Nem luto nem luta se configura não como fuga, mas como a falta de interesse e importância pela situação de perda, como se nada lhe tivesse ocorrido.

## COM ISSO...

Esse capítulo se voltou sobre o eixo empírico da perda, morte, ritos, luto e a urbanização da comunidade Rosa Mística. Foi compreendido que os processos se aproximam e dão novas interpretações para o sentido da mortificação e da morte. Um dos aspectos visíveis é de que há muita angústia para os moradores em cima de um tema que é: ser ouvido.

A mortificação está na desagradável invisibilidade social, a relação da morte (como foi indicada no início da pesquisa a morte física) com a falta de estrutura básica de vivência, falta de infraestrutura, saneamento, os medos quando chove, as histórias apareceram com naturalidade. Assim o morrer que inicialmente nessa pesquisa indicaria uma ponta interpretativa, no final, passou a se mostrar outra. Essa é a surpresa do fazer do pesquisador, quando as bases reflexivas iniciais trazem um final surpreendente.

O luto, assim como a morte, apareceu. O luto foi a continuidade em meio à ausência (que nesse sentido se coloca como aspecto mais amplo), tanto da ausência do ente perdido, como também na ausência de informações e atenções dos gestores. O luto foi apreendido e compreendido também como um “continuar”. Quando pensar que esses sujeitos perderam alguém amado, mas continuaram o caminho do jeito que conseguiram ressignificar da situação, eles simplesmente continuaram.

As mudanças no espaço da comunidade foram grandes. Mas para os moradores muito mais poderia acontecer, dentre as necessidades enumeradas, aspectos como saúde, segurança e também se tentou diminuir o estigma de periculosidade do local, mesmo sabendo dos desafios existentes. Assim, como os religiosos, os leigos aproximaram essa história da comunidade como um espaço de luta, de batalhas e reivindicações. E é compreensível, onde há guerreiros, exista morte, e os processos de perda são mais acolhidos, não com submissão ou impulsividade, mas com respeito, um certo silêncio e abrindo um espaço de esperança (como é pregada na religiosidade que os informantes seguem), como um lugar de transformação, sejam dos significados para as situações, ou para o próprio espaço onde estejam.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi exposto, observou-se intensas mudanças sociais em curso na forma de perceber aspectos relativos à morte e nesse processo, inclui a interpretação da perda e vivência do luto. A morte, de um estado social de acolhimento e silêncio resignado, transformase em novas e distintas maneiras dos atores do grupo social lidarem com a ausência, entretanto sem ignorar o temor da finitude da própria vida e das pessoas queridas.

Com as transformações históricas vividas pelas sociedades caracterizadas pela modernidade e mercantilização, levam ao aumento de escala na experiência da morte com a violência e outras chagas advindas desse processo. Contudo, essa dinâmica não avança e se estabelece de forma homogênea em todas as regiões e territórios, em todos os grupos e classes sociais, assumindo configurações histórica e socialmente particulares nas sociedades da periferia do sistema capitalista e em comunidades populares atingidas por uma urbanização perversa que marginaliza e segrega. Essas comunidades sofrem com a presença crescente da violência urbana, na forma da violência e dos abusos das autoridades policiais, do tráfico e da criminalidade e nas taxas crescentes de homicídio.

O modo como as comunidades vivenciam e respondem socialmente a essas condições adversas e fatais está vinculada aos significados e práticas sociais relacionados à morte, à perda e ao luto, mobilizando recursos simbólicos e materiais para lidar com aquelas condições.

Os temas que estimularam essa investigação, discutidas e analisada desde o primeiro capítulo foram se transformando no decorrer do percurso de campo. O que era exposto apenas como a repercussão social da morte biológica foi se apresentando de maneira ampla, um foco coletivo e como necessidades do espaço investigado.

A partir das visitas realizadas inicialmente a igreja, contatando os frades, e em seguida os entrevistados, foram surgindo contornos mais visíveis de identidade e questões daquele grupo. Devido à violência a informante MGFm orientou que só andasse pela comunidade acompanhada de um morador. As questões quanto ao tráfico, assaltos e cuidados para circular pelo espaço foram visíveis. A informante queria, inclusive, que nos encontrássemos na igreja, pois seria mais seguro, assim foi necessário insistir explicando que não haveria problemas de ser em sua casa.

No dia de observação do velório na comunidade, a informante avisa sobre horário de permanência, se aproximava das 18h, e sugere que voltasse pela manhã ou dormisse lá, pois estava ficando perigoso para circular pessoas de fora da comunidade, especificando uma

limitação que se colocou como um claro recorte da situação da violência no local e das regras invisíveis que os moradores já introjetaram sobre seu espaço de vivência.

Com relação às observações realizadas no dia do velório na comunidade, foi possível perceber uma realidade dura para os sujeitos daquele grupo, como também foi possível visualizar sem dificuldade os elementos de transformação sobre os significados mais amplos da morte e do luto. Nesse velório o morto não é sepultado, ele é enterrado como indigente, depois de longas horas de espera dos familiares e busca de solucionar a questão da falta de documentação. O relato posterior da informante explicando que esta foi a causa da não ocorrência do velório, indicou uma frustração, pela geração de expectativa que causou em toda a comunidade. A partir desse evento pode-se refletir a alegoria de um dito popular “não ter onde cair morto”, o qual tem um significado social que marca não apenas um *status* social, mas uma experiência de profundo desamparo social e existencial. O sepultamento não ocorrido naquele dia, mesmo depois de longas horas de espera, gerou um afeto coletivo, e trouxe o sentimento de um não pertencimento, pois até na hora da morte não há espaços, não é possível, ou seja, uma situação de desamparo já evidenciada noutros contextos pelos moradores.

Um dos maiores empecilhos percebidos nessa pesquisa além das limitações indicadas pelos entrevistados quanto à circulação e cuidados para a exploração no campo, foi a questão do tempo. Muitas considerações surgiram depois de muito adiantar da pesquisa e outras análises apareceram como aspectos distintos do tema inicialmente formulado para nesse trabalho.

Dessa maneira, o objetivo da pesquisa era compreender quais as transformações sociais do luto consequente ao desenvolvimento urbano na cidade de Campina Grande – PB, a partir das investigações na comunidade Rosa Mística. Assim, se observou que existe uma dualidade em voga dentro da comunidade: de um lado um luto comunitário e do outro um luto individual. A comunidade em si desprende atenção aos familiares enlutados, e existe um silêncio local – pelas ruas inclusive, se evita música e percebe-se até um silêncio quanto às conversas - quando há morte de moradores locais. Aos poucos a rotina se estabelece e movimentação toma conta das ruas da comunidade. Alguns moradores se queixam da rapidez quanto aos processos desse luto que se impõe de maneira urgente, sobre novos vínculos e condutas individuais dos enlutados, indicando que para eles (adotando modelos de outras épocas) existe uma cartilha sobre condutas ao luto, com delimitação de tempo e comportamentos para se seguir. Com relação ao luto individual aparece como um espaço de subjetivação, porém causando choque aos “padrões” esperados da comunidade que lhe presta solidariedade.



Enquanto que há divergências na vivência do luto com relação aos moradores da comunidade, ocorre também a ausência de espaços de vivência da perda. Os entrevistados não apontaram um espaço para a ritualização e busca da elaboração da perda, a percepção de que o cemitério não é o lugar para visitar e contemplar qualquer resquício quanto a subjetividade do falecido foi geral. O se percebeu foi que a busca de ambientes para a vivência da dor é muito individual, e os lugares surgem de acordo com as identificações dos sujeitos, tanto dos enlutados como dos falecidos, como numa recriação de lembranças agradáveis de quem morreu. No entanto, em alguns casos houveram pontos de intensificação da religiosidade, ou seja, há a mitigação de atividades religiosa e a igreja dá um suporte para amenizar a saudade.

Os religiosos se disponibilizaram às entrevistas, apenas um deles que não permitiu que se fosse gravado o áudio, mas pediu que anotasse tudo que verbalizasse. Sobre os ritos e vivência da dor, os religiosos demonstraram uma normalidade quanto à busca da religião na vivência da morte de um ente querido, mas que hoje a atenção se volta para aspectos de vida, a morte é evitada, inclusive nos ritos e dias celebrativos, no entanto a mensagem que a religiosidade católica precisa passar nessas circunstâncias é de uma experiência de esperança para os enlutados. Se colocando como apoio para as mais diversas necessidades dos fiéis, inclusive um dos frades é considerado liderança quanto as reivindicações pela revitalização do Riacho das Piabas, uma aproximação que vai mais além do que os ritos dominicais.

A vista disto, se percebeu a necessidade de liderança para a luta e superação das dificuldades existentes na comunidade. O desenvolvimento iniciado em 1980 trouxe melhorias para determinadas áreas, no entanto se estagnou, e desde então as áreas que não foram privilegiadas com a urbanização sofrem com as dificuldades rotineiras, como a aproximação do canal das piabas, falta de calçamento e preocupações quanto aos dias de chuva, além disto, existe a falta de saneamento, segurança e o olhar nos gestores, foram falas que se repetiram, e as histórias de morte e medo de perder a vida em uma daquelas circunstâncias foram se apresentando.

A partir dessa situação somada a história da criança que morreu após cair no canal, foi possível verificar que as falas e queixas que os entrevistados apresentavam, na realidade, apontavam uma verdade mais profunda que vinculavam a morte: a mortificação e a seus processos de luto. Eles se viam marginalizados, alguns já “acostumados”, outros buscando lideranças para continuar o movimento de revitalização do Riacho das Piabas, pois consideram o esgoto como um espaço e fonte de perigos para a saúde dos moradores.

Dessa forma, pensar o luto como um processo de reintegração social a partir da ressignificação da perda é suscitar a compreensão sobre um estado complexo de dificuldades intensas, pois em si, relacionam a uma energia subjetiva e um movimento social que possibilite esse acolhimento de reintegração à sociedade, com suas reivindicações atendidas. Assim as formas conduzidas por interpretações distintas: um processo de subjetivação em prol da elaboração pessoal, e uma crítica pelas condições do espaço onde se está inserido. Com isso, indicavam as questões sociais e suas defasagens, mas também falavam de uma morte biológica, apontando para um sentimento social morre: uma mortificação. Um processo lento que os matavam ainda em vida. E naquele contexto, o luto implica na realização de práticas de solidariedade, mobilização e ação coletivas que envolvem não apenas a situação solidária para a pessoa falecida, vítima de condições fatais, mas, também, com os vivos que permanecem condições mortificantes.

Dessa forma, inclinou-se a demonstrar através de um esboço as distintas significações em quatro categorias comportamentais para a representação deste acontecimento pela comunidade Rosa Mística, que podem ser compreendidos das seguintes formas: 1) Nem luto nem luta; 2) Luta sem luto; 3) Luto sem luta e finalmente, 4) Luto com luta.

A primeira delas, “Nem luto nem luta”, é de uma completa indiferença. Não há investimento de luto, nem há o que elaborar no seu processo, muito menos necessidade de reintegração, pois não houve alteração do seu estado após a morte. Ocorre a perda, mas o indivíduo não responde a essa situação. A “Luta sem Luto” se caracteriza por um ressentimento, revolta pela situação da perda, nele não há construção e elaboração pessoal nem coletiva, apenas a permanência do sentimento de injustiça, e a busca de instâncias externas para direcionar tal afeto. Sobre a característica de “Luto sem Luta” é uma completa aceitação, sem revolta, sem dúvidas quanto à justiça da perda, apenas a resignação, há apenas dor, se externalização que vise uma ressignificação, pois em si, o processo já se configurou como compreendido para o enlutado. E para finalizar, no “Luto com Luta”, existe uma força que busca expulsar na revolta, na indignação, com os recursos possíveis o estado de perda, mas em busca da ressignificação, até se alcançar a reconciliação, e reintegração à sociedade.

A “ação” é tudo que os moradores da Rosa Mística possuem, o que não querem permitir que ocorra é o completo padecimento, pois veem que existe uma investida de estigmatização e mortificação, no entanto se permitirem que o silêncio e a resignação coletiva se imponham, todos morrerão, perderão e aceitarão uma condição a qual eles enxergam que pode ainda ser muito melhor.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: FGV, 1990.

\_\_\_\_\_. **Ouvir Contar**. Textos em História Oral. Rio de Janeiro. Ed: FGV, 2004.

ARAÚJO, Caline Mendes de. VALVERDE, Arthur Tavares. **Do Buraco da Jia à Rosa Mística: Nota sobre o aspecto históricos e geográfico de uma comunidade urbana de Campina Grande** – PB. Bol. Geogr, Maringá, v.31, n. 3, p. 149-159, set-dez, 2013.

ARAÚJO, Caline Mendes. SARAIVA, Luiz Arthur Pereira. **Urbanização e Processos Socioespaciais: O Caso da Comunidade da Rosa Mística, Campina Grande/Pb**. In: Encontro Nacional do Geógrafos. Crise, práxis e autonomia: Espaços de Esperanças, Espaços de Diálogo e Práticas, XVI (Anais). Porto Alegre - RS, ENG 2010.

ARIÈS, Philippe. A morte invertida, In: **O homem diante da morte**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

\_\_\_\_\_. **História da morte no Ocidente: da idade média aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ATLAS DE DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL: Campina de Grande - PB. Disponível em: <[http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil\\_m/campina-grande\\_pb#caracterizacao](http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/campina-grande_pb#caracterizacao)>. Acesso 07 de nov. 2016.

BARBEIRO, CANTELE e SCHNEEBERGER. **História: Volume único para o ensino médio**. – São Paulo: Scipione, 2004

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução dos Monges Beneditinos de Maredsous. 33ª Edição. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2016.

BRITO, Marcos Roberto Cotrim. RENNO, Alexandre Nícoles. **A Favela Da Geografia: análise e uso do conceito de favela**. <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Teoriaymetodo/Conceptuales/16.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2015

BROMBERG. M. H. P. F. **A Psicoterapia em Situações de Perdas e Luto**. Campinas: Editorial PsyII, 1994

BRUM, Eliana. Morrendo em primeira pessoa. **El País Brasil**, 3 ago. 2015. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/03/opinion/1438613579\\_409808.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/03/opinion/1438613579_409808.html)>. Acesso em 21 nov. 2015.

CALDERON, Izquierdo. Onze razões pelas quais o México vive a morte como nenhum outro país. **El País Brasil**, 3 ago. 2015. Disponível em: <[http://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/01/sociedad/1414853802\\_175512.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2014/11/01/sociedad/1414853802_175512.html)>. Acesso em 21 nov. 2015.

CAPUTO, Rodrigo Feliciano. O homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso histórico. **Revista Multidisciplinar Da Uniespsaber Acadêmico** - N° 06 - dez. 2008. Disponível em:

<<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:AW3jZSARSdQJ:www.uniesp.edu.br/revista/revista6/pdf/8.pdf+&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 23 nov. 2015

CIENCIA CONFIRMA A IGREJA. Imagem: Jesus Coroado de espinhos, basílica medieval, Bruges, Bélgica. Disponível em:<<http://cienciaconfirmaigreja.blogspot.com.br>>. Acesso em 03 de janeiro de 2016.

CÓDIGO DIREITO CANÔNICO, promulgado por João Paulo II, Papa. Tradução Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo: Loyola, 1987.

CONSCIENCA CRISTA: Disponível em: <<http://conscienciacrista.org.br/o-evento/>>. Acesso em 14 de janeiro 2015

DAMATTA, Roberto. A morte nas sociedades relacionais: reflexões a partir do caso brasileiro, In: **A Casa e a Rua**. 4ª edição. Editora Guanabara Koogan S.A. Rio de Janeiro, 1991.

\_\_\_\_\_. Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 7-29, abr. 2000. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132000000100001&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132000000100001&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 23 nov. 2015

DE FRANCO, Clarisse de, **A cara da morte: Os sepultadores, o imaginário e o universo onírico**. Aparecida – SP: Ideias & Letras, 2010.

DURKHEIM, Émile. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes; 2010.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIAS, Nobert. **A solidão dos Moribundos**, seguido de, Envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

ENCONTRO PARA A CONSCIÊNCIA CRISTÃ. Disponível em: <<http://conscienciacrista.org.br/o-evento/>>. Acesso em: 23 nov. 2015

EPOCH TIMES: Imagem da Escultura de Pietá – Miguel Ângelo. 1489/1499. Disponível: <<https://www.epochtimes.com.br>>. Acesso em 25 janeiro de 2016.

FERNANDES, Claudio. Os ataques de 11 de setembro de 2001. Disponível em: <<http://historiadomundo.uol.com.br/idade-contemporanea/11-de-setembro.htm>> Acesso em: 15 de out. 2015.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História do tempo presente: Desafios**. Petrópolis: Cultura Vozes, V. 94. 2000.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

\_\_\_\_\_. **Segurança, Território e População**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREUD, Sigmund. (1914 [1916]) Luto e Melancolia. *In: A história do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIV.* Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1915 -1916) Desenvolvimento da Libido e as Organizações sexuais. *In: Conferências Introdutórias sobre Psicanálise (Parte III). Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XVI.* Rio de Janeiro: Imago, 1996.

\_\_\_\_\_. (1925 -1926) Ansiedade, Dor e Luto. *In: Um Estudo Autobiográfico, Inibições, Sintomas e Ansiedade, Análise Leiga e outros Trabalhos. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XX.* Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GENNEP, Arnold Van. Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc. Petrópolis, Vozes, 2011

GIACOIA, Oswaldo Junior. A visão da morte ao longo do tempo. **Medicina**, Ribeirão Preto, 2005. Disponível em: <[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:hC9UjIumHDUJ:revista.fmrp.usp.br/2005/vol38n1/1\\_a\\_visao\\_morte\\_longo\\_tempo.pdf+&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:hC9UjIumHDUJ:revista.fmrp.usp.br/2005/vol38n1/1_a_visao_morte_longo_tempo.pdf+&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=br)>. Acesso em 25 nov. 2015

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis, Rj: Vozes, 2013

\_\_\_\_\_. **Ritual de Interação: Ensaio sobre o comportamento face a face.** 2. Ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GONÇALVES Eduardo, FUSCO Nicole, VESPA Talyta. Tragédia em Mariana: Para que não se repita. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/complemento/brasil/para-que-nao-se-repita/>>. Acesso em 08 de dez. 2015.

GONÇALVES, Eduardo; FUSCO, Nicole; VESPA, Talyta. Tragédia em mariana: para que não se repita. **Veja.com.** 2015. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/complemento/brasil/para-que-nao-se-repita/>>. Acesso em 30 nov. 2015.

GORER, Gofrey. DEATH, GRIEF AND MOURNING. The Alternative: Vol. XXXIII No. 3. February 2006

GREENPEACE. Rio doce: 1 ano de lama e luta: Disponível: [http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Rio-Doce-1-Ano-de-Lama-e-Luta/?gclid=CjwKEAiAmo\\_CBRC9qbGQssjqI28SJABYTgZxF0gwBxXCKJJ48R8Ma2Yj8Hb7aOa5iVNL163qSxv3kBoCBK\\_w\\_wcBl](http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Rio-Doce-1-Ano-de-Lama-e-Luta/?gclid=CjwKEAiAmo_CBRC9qbGQssjqI28SJABYTgZxF0gwBxXCKJJ48R8Ma2Yj8Hb7aOa5iVNL163qSxv3kBoCBK_w_wcBl). Acesso em 25 de ago. 2016.

HISTÓRIA DO MUNDO. **Os ataques de 11 de setembro de 2001.** Disponível em: <<http://historiadomundo.uol.com.br/idade-contemporanea/11-de-setembro.htm>>. Acesso em 21 nov. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Informações Estatísticas.** Disponível em <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=250400>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. Paraíba e Campina Grande. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=250400>>. Acesso em: 15 de fev. 2016.

JORNAL ZERO HORA. **Neste 11 de setembro, confira 7 filmes sobre o atentado às torres gêmeas.** Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2015/09/neste-11-de-setembro-confira-7-filmes-sobre-o-atentado-as-torres-gemeas-4845582.html>>. Acesso em 21 nov. 2015.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Sociologia da Emoção: o Brasil sob a ótica do luto.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

LACAN, Jean Jacques. **A Angústia – Seminário 1962 -1963.** Recife: Centro de Estudos Freudianos, 1997.

LACERDA JR, Jônatas Araújo. LIRA, Agostino Nunes da Costa. **Retratos de Campina Grande: um século em imagens urbanas.** Campina Grande: UFCG, 2012.

LAPLACHE, Jean. **Problemáticas I: A angústia.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LOWEN, Alexander. **Medo da vida: Caminhos de realização pessoal pela vitória sobre o medo.** São Paulo: Summus, 1986.

LUFT, Lya. **O lado fatal.** Rio de Janeiro: Rocco. 1989.

MAPA DA VIOLÊNCIA. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/15098734-Mapa-da-violencia-em-campina-grande-no-ano-de-2014.html>>. Acesso em: 23 nov. 2015.

MARANHÃO, José Luiz de Sousa. **O que é morte.** 4.ed. São Paulo: Brasiliense. 1986.

MAUSS, Marcel. **A expressão obrigatória dos sentimentos (rituais orais e funerários).** In: Ensaio de Sociologia. São Paulo: Perspectiva. p. 325-335. 1981

METRAUX, Jean-Claude. **Lutos Coletivos e criação social.** Curitiba: Ed UFPR, 2011.

MORENO, Tânia Maria. **O Sagrado e o Profano: o cemitério na cidade de São Paulo.** Revista Cordis: Revista eletrônica de História social na cidade. **2008.** Disponível em <[http://www4.pucsp.br/revistacordis/downloads/numero1/artigos/13\\_sagrado\\_profano.pdf](http://www4.pucsp.br/revistacordis/downloads/numero1/artigos/13_sagrado_profano.pdf)>. Acesso em: 10 jun.2015.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais, investigações em psicologia social.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

NOBRES, Juirana. <<http://g1.globo.com/espírito-santo/desastre-ambiental-no-rio-doce/noticia/2016/02/vale-e-samarco-sao-citadas-em-acao-judicial-de-r-2-bi-no-es.html>>. Acesso em: 23 de fev. 2016

OLIVEIRA, Maricelle Ramos de. **Direito Ambiental Aplicado a Indústria Coureira De Campina Grande PB: O Descompasso Entre O Legal, O Social E a Efetiva Proteção Ambiental.** Universidade Estadual da Paraíba, 2014.

OLIVEIRA. Júlio Cesar Mélo de. **Campina Grande: a cidade se consolida no século XX.** João Pessoa - PB. UFPB. 2007.

ORGANIZAÇÃO NOVA CONSCIÊNCIA. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/ongnovaconsciencia/>>. Acesso em 28 nov. 2015.

PARK, Robert Ezra. A cidade: Sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.): **O fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro, 1967.

PATRIMONIO ESPIRITUAL. Imagem: Imagem do Senhor Morto, – Esculpida no século XVIII por Francisco Manoel das Chagas. Disponível em: <<https://patrimonioespirtual.org>>. Acesso em 28 de jan. 2016

PELLAUER, David. Ações narradas como fundamento da identidade narrativa. In PAUL Ricoeur. **Ética, identidade e reconhecimento**. Org. Trad. Fernando Nascimento e Walter Salles – Rio de Janeiro. Ed. PUC – Rio; São Paulo: Loyola, 2013.

PEREIRA, José Carlos. **Os ritos de passagem: Cerimônias de inclusão e sociabilidade**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

QUERIDOS FILHOS, Imagem, Via Sacra do Krizevac. Disponível em: <<http://queridosfilhos.org.br>>. Acesso em 03 janeiro e 2016.

RANGEL, Taiguara. Um terço dos universitários da PB estudam em Campina Grande. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pb/paraiba/rainha-da-borborema/2013/noticia/2013/10/um-terco-dos-universitarios-da-pb-estudam-em-campina-grande.html>>. Acesso em 20 de junho 2015.

RETALHOS HISTÓRICOS DE CAMPINA GRANDE. Disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com.br/2009/08/parque-do-povo-sendo-construido-o-sao.html#.VlisYVInGKI>>. Acesso em 21 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. O Maior São João do Mundo – Primeiros Anos (1983 a 1986). Disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com.br/2009/08/parque-do-povo-sendo-construido-o-sao.html#.VlisYVInGKI>>. Acesso 13 de maio 2015.

RODOLPHO, Adriane Luisa. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. **Estudos Teológicos**, v. 44, n. 2, p. 138-146, 2004. Disponível em: <[http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/viewFile/560/518](http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/viewFile/560/518)>. Acesso em 23 de dez. 2015.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos**. 2 ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SILVA, Vanderlan. EXCLUSÃO E VIOLÊNCIA LETAL: interiorização da violência homicida no Brasil. In: **Revista de Ciências Sociais**, nº 42, Janeiro/Junho de 2015.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). **Mana** vol.11 no.2 Rio de Janeiro, 2005. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132005000200010>>. Acesso em 8 dez. 2014.

SIMMEL, Georg. *Philosophie des Geldes*. **Filosofia do Dinheiro**. traduzido por Antonio C. Santos. Frankfurt/M Suhrkamp, 1989.

\_\_\_\_\_. O papel do dinheiro nas relações entre os sexos – Fragmento de uma filosofia do dinheiro (1898). *In: Filosofia do Amor*. São Paulo: Martins Fonte, 2006.

SOUZA, Veneziano Guedes de, *et al.* **Análise ambiental da microbacia hidrográfica do riacho das piabas, no trecho que compõe suas nascentes e a reserva urbana do Louzeiro, Campina Grande – PB, através de imagens de satélite**. *In: QUALIT@S Revista Eletrônica*. V7.n.1. Ano 2008

TEIXEIRA, João Gabriel L.C. **Análise dramática e teoria sociológica**. *Rev. bras. Ci. Soc.* vol. 13, n. 37. São Paulo. 1998

VAMOS FALAR SOBRE O LUTO?. **Falar Sobre O Luto É Um Projeto Pra Vida**. Disponível em: <<http://vamosfalarsobreoluto.com.br/>>. Acesso em 30 nov. 2015.

WEBER, Max. **A Ciência como Vocação**. Disponível em <[www.lusosofia.net](http://www.lusosofia.net)>. Acesso em 25 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. Conceito e Categoria da cidade. *In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.): O fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, 1967.

WILLAIME, Jean-Paul. **Sociologia das Religiões**. – São Paulo: Editora Unesp, 2012.

WIRTH, Louis. O URBANISMO COMO MODO DE VIDA. *In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.): O fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro, 1967.

YOUTUBE. “Rosa Mística ou Buraco da Gia Campina Grande 13/05/2014“ disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Q5EyexvcVKI>>. Acesso 14 de jul.2015.



## CELEBRAÇÃO DE ENCOMENDAÇÃO

Ministro: Unidos a todos aqueles que nos precederam na fé, na esperança e na caridade, digamos confiantes... Pai Nosso....  
 Ministro: Maria, que acompanhou Jesus até debaixo da cruz, interceda por todos nós junto ao seu divino Filho : Ave Maria....  
 Ministro: Que Deus dê aos nossos irmãos e irmãs falecidos, sobretudo ao (à) nosso irmão (ã) N... a alegria da vida eterna. E desça sobre todos nós a bênção de Deus todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo.  
 Todos: Amém.  
 Canto final:

.... **Cristo resuscitou, aleluia/  
 Venceu a morte com o amor/ Cristo  
 resuscitou, aleluia/ Venceu a morte  
 com o amor, aleluia!**  
 Tendo vencido a morte,/ o Senhor  
 ficará para sempre entre nós./ Para  
 manter viva a chama do amor/ que  
 reside em cada cristão a caminho do  
 Pai.  
 Tendo vencido a morte,/ o Senhor nos  
 abriu o horizonte feliz,/ pois nosso  
 peregrinar pela face do mundo/ terá  
 seu final na morada do Pai.

Canto inicial: Ref. Confia minha alma no Senhor/ Nele  
 está minha esperança.  
 1.-Das profundezas Senhor clamo a vós / escutai a minha voz  
 / vossos ouvidos estejam bem atentos/ ao clamor da minha  
 prece.  
 2- Se levardes em conta nossas faltas / quem poderá subsistir /  
 mas em vós se encontra o perdão / eu temo em vós espero.  
 3- No Senhor ponho a minha esperança/ espero em sua pala-  
 vral/ a minha alma espera no Senhor/ mais que o guarda pe-  
 la aurora.  
 4- Glória ao Pai, ao Filho e ao Santo Espírito/ desde agora  
 e para sempre/ ao Deus que é, que era e que vem/ pelos sé-  
 culos. Amém.  
 Ministro: Convido os familiares e todos aqui presentes/  
 para iniciarmos a nossa celebração / com o sinal da nossa fé:  
 Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.  
 Todos: Amém.  
 Ministro: A graça de nosso Senhor Jesus Cristo/ o amor do  
 Pai e a comunhão do Espírito Santo/ estejam convosco.  
 Todos: Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.  
 Ministro: Irmãos e irmãs/ nós estamos reunidos, para pedir  
 a Deus pelos nossos irmãos e irmãs falecidos / de maneira  
 especial, pelo(a) nosso(a) irmão(ã) N... Fazemos isso/ por-  
 que acreditamos, que a morte não é o fim da nossa existência,  
 mas a passagem para uma nova vida. Assim, pela morte a  
 vida não é tirada, mas transformada. Por isso, acima da nossa  
 dor pela separação, queremos colocar nossa fé em Jesus Cris-  
 to, o Senhor da Vida.  
 Senhor, que dissesse: Como o Pai ressuscita os mortos e lhes  
 dá vida, assim também o Filho dá vida a quem ele quer.  
 Todos: Creemos na ressurreição dos mortos.  
 Ministro: Senhor que dissesse: Quem ouve a minha palavra  
 e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna.  
 Todos: Creemos na ressurreição dos mortos.  
 Ministro: Senhor que dissesse: Eu sou a ressurreição e a vida.  
 Aquela que crê em mim ainda que esteja morta, viverá. E todo  
 aquele que vive e crê em mim, jamais morrerá.  
 Todos: Creemos na ressurreição dos mortos.

Ministro: Ó Pai, vós que sois justo, sede misericordioso com este(a) nosso(a) irmão(ã) que chamastes deste mundo à uma nova vida. Acolhei-o(a) na alegria eterna. Criado(a) à vossa imagem e semelhança e adotado(a) por vós como filho(a) pelo batismo, participe da comunhão de vossos santos. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.  
Todos: Amém.

Canto: Eu vim para escutar/ tua palavra, tua palavra, tua palavra de amor

-Eu gosto de escutar...

-Eu quero entender melhor...

-O mundo ainda vai viver...

Leitura: (2 Coríntios 5, 1.6-10)

Leitor: Leitura da segunda carta de São Paulo aos Coríntios  
- Irmãos, sabemos que, quando a nossa morada terrestre, a nossa tenda, for desfeita, receberemos de Deus uma habitação no céu, uma casa eterna não construída por mãos humanas. Por essa razão, estamos sempre confiantes, sabendo que, enquanto habitamos neste corpo, estamos fora de casa, isto é, longe do Senhor, pois caminhamos pela fé e não pela visão. Sim, estamos cheios de confiança e preferimos deixar a mansão deste corpo, para irmos morar junto do Senhor. Em todo caso, quer fiquemos em nossa morada, quer a deixemos, nos esforçamos por agradar ao Senhor. De fato, todos deveremos comparecer diante do tribunal de Cristo, a fim de que cada um receba a recompensa daquilo que tiver feito durante a sua vida no corpo, tanto para o bem como para o mal. - Palavra do Senhor.

Todos: Graças a Deus.

Canto: Ref: Toda Bíblia é comunicação/ de um Deus amor, de um Deus Irmão/ é feliz quem crê na revelação/ quem tem Deus no coração.

1. Jesus Cristo é a Palavra / Pura imagem de Deus Pai / Ele é vida e verdade / a suprema caridade.

2. Vinde a nós ó Santo Espírito / vindo nos iluminar / A palavra que nos salva / nós queremos conservar.

Evangélio: (Jo 11, 47 - 57)

Ministro: O Senhor esteja convosco!

Todos: Ele está no meio de nós

Ministro: Proclamação do Evangelho de Jesus Cristo segundo João

— 17 Quando do Jesus chegou, já fazia quatro dias que Lázaro estava no túmulo. <sup>18</sup>Betânia ficava perto de Jerusalém: uns três quilômetros apenas. <sup>19</sup>Muitos judeus tinham ido à casa de Maria e Maria para as consolar, por causa do irmão. <sup>20</sup>Quando Marta ouviu que Jesus estava chegando, foi ao encontro dele. Maria, porém, ficou sentada em silêncio. <sup>21</sup>Então Marta disse a Jesus: "Senhor, se estivesse aqui, meu irmão não teria morrido. <sup>22</sup>Mas ainda agora eu sei: tudo o que pedires a Deus, ele te dará." <sup>23</sup>Jesus disse: "Seu irmão vai ressuscitar." <sup>24</sup>Marta disse: "Eu sei que ele vai ressuscitar na ressurreição, no último dia." <sup>25</sup>Jesus disse: "Eu sou a ressurreição e a vida. Quem acredita em mim, mesmo que morra, viverá. <sup>26</sup>E todo aquele que vive e acredita em mim, não morrerá para sempre. Você acredita nisso?" <sup>27</sup>Ela respondeu: "Sim, Senhor. Eu acredito que tu és o Messias, o Filho de Deus que devia vir a este mundo." — Palavra da Salvação.

Todos: Glória a Vós, Senhor.

Homília

Preces:

Ministro: Irmãos e Irmãs, rezemos confiantes ao Senhor, que, por sua ressurreição, nos garante vida em plenitude, e digamos:

Todos: - Senhor, vós sois a ressurreição e a vida!

1. Cristo, Filho de Deus vivo, que ressuscitastes vosso amigo Lázaro, ressuscitai para a vida da vossa glória nosso(a) irmão(ã) N...

2. Cristo, consolador dos aflitos, que, restituindo a vida à filha de Jairo; enxugastes as lágrimas de seus parentes, consolai hoje os que choram a morte de nosso(a) irmão(ã) N...

3. Cristo, vós que ressuscitastes da morte ao terceiro dia, concedei aos nossos falecidos e falecidas a vida eterna.

Oremos: Ó Deus Pai de amor e misericórdia, concedei a nós, vossos filhos e filhas, o perdão dos pecados, para que possamos um dia ver a vossa face na glória eterna. Por Cristo, Nosso Senhor.

Todos: Amém.

Campina Grande, 05 de março de 2016

Carta aberta às Autoridades, aos Meios de Comunicação e ao Povo em geral.

Nós, representantes das diversas Igrejas Cristãs da Conceição, Alto Branco, Palmeira, Jardim Continental, Rosa Mística e Jardim Menezes, estamos neste ano celebrando a Campanha da Fraternidade Ecumênica com o Tema: "Casa Comum, nossa Responsabilidade". Estamos unidas na preocupação, por causa da situação dramática, em que vivem muitas de nossas famílias, por falta de saneamento básico, sofrendo todo tipo de ameaça à saúde, neste momento das epidemias do zika-virus, da dengue e da chicungunha.

Ao longo dos últimos anos não faltaram, por parte do povo e, em especial, pela Articulação do Riacho das Piabas, constantes atos de denúncia, de reivindicação e de mobilização; contudo, nenhuma providência foi tomada, principalmente no que se refere ao esgoto correndo ao ar livre.

Diante disso, nós representantes das Igrejas cristãs, exigimos uma imediata ação por parte do Governo, enquanto não acontecer o projeto de urbanização. As iniciativas de emergência, tomadas pela comunidade, colocando tonéis, para facilitar o recolhimento do lixo, e a canalização para drenagem do esgoto em áreas mais críticas, são medidas de socorro por causa da omissão a quem compete.

Aguardando providências imediatas, assinamos  
respeitosamente: